

Frank Cottrell Boyce

caiu do céu **(millions)**



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Frank Cottrell Boyce

CAIU DO CÉU

Título original inglês

Millions

2004

Tradução

Marcelo Mendes

EDITORA NOVA FRONTEIRA

Para Joe, Aidan, Chiara, Gabriella, Benedict, Heloise e Xavier — meu ouro, incenso e mirra.

Se estivesse contando esta história, nosso Anthony começaria pelo dinheiro. Tudo é uma questão de dinheiro, ele diz, então melhor começar por aí.

Anthony provavelmente escreveria "Era uma vez 229.370 pequeninas libras esterlinas" e continuaria até chegar em "e viveram felizes para sempre, com uma bela poupança no banco". Mas não é ele quem está contando a história, sou eu.

Pessoalmente, prefiro sempre começar pelo santo padroeiro do que quer que seja. Por exemplo, quando tive de fazer uma redação sobre o dia em que mudamos de casa, escrevi:

Mudando de Casa

Por Damian Cunningham,

Terceira série

Acabamos de mudar de casa. Nosso novo endereço é rua Cromarty, número 7. A padroeira das mudanças é Sant'Ana (século I).

Ela era a mãe de Nossa Senhora. Nossa Senhora não morreu, mas flutuou para o céu, ainda jovem. Sant'Ana ficou muito triste. Para alegrá-la, quatro anjos carregaram a casa dela até a costa da Itália, onde está até hoje. Quem for mudar de casa pode pedir ajuda a Sant'Ana. Ela vai dar proteção, mas não vai carregar nada. Sant'Ana também é a padroeira dos mineradores, dos cavaleiros, dos marceneiros e da cidade de Norwich. Quando estava viva, realizou muitos milagres.

O padroeiro desta história é São Francisco de Assis (1181-1226), pois, de certa forma, tudo começou com um roubo. E a primeira coisa de santo que São Francisco fez foi roubar umas roupas do próprio pai para dar aos pobres. Existe um padroeiro dos ladrões de verdade — São Dimas (século I) —, mas não sou um ladrão de verdade. Só estava tentando fazer o bem.

Era o nosso primeiro dia na escola. A placa do lado de fora dizia "Escola Fundamental Great Ditton — Criando excelência para uma nova comunidade".

— Estão vendo aquilo? — disse papai, ao nos deixar no portão. — Nesta escola, ser bom não é suficiente. Excelência é o que eles querem!

Portanto, minha recomendação do dia é: "sejam excelentes!" Quanto às recomendações para o jantar, vou deixar um bilhete na porta da geladeira.

De uma coisa ninguém pode reclamar: sempre tento fazer exatamente o que papai diz. Não que eu ache que ele vá nos abandonar se a gente não se comportar, mas por que arriscar? Então fui excelente logo no primeiro dia. Na aula de artes, o sr. Quinn disse que nossa tarefa era desenhar alguém que a gente admirasse. Um garoto enorme, com sardas no pescoço, escolheu *Sir Alex Ferguson* e relatou todos os campeonatos que o técnico do Manchester já havia conquistado. Um garoto chamado Jake disse que jogadores eram mais importantes que técnicos e escolheu Wayne Rooney, por causa das jogadas individuais dele. O sr. Quinn olhava em torno da sala. Em termos puramente pedagógicos, o futebol não lhe servia de nada. Levantei a mão. Ele chamou uma garota.

— Não conheço nenhum jogador de futebol, senhor.

— Não precisa ser jogador de futebol.

— Ah, então não sei, senhor.

Usei minha outra mão para levantar a primeira ainda mais alto.

— Damian, quem você admira?

A essa altura, a turma inteira debatia sobre técnicos e jogadores.

Eu disse:

— São Roque, senhor.

Os outros se calaram.

— Em que time ele joga?

— Em nenhum, senhor. É um santo de verdade.

E meus colegas voltaram para o futebol.

— Ele foi vítima da peste e se escondeu na floresta pra não contagiar ninguém, e um cachorro levava comida pra ele todos os dias. Então começou a fazer curas miraculosas, e as pessoas, centenas e centenas de pessoas, começaram a procurá-lo na floresta. Ele tinha tanto medo de dizer alguma coisa errada pra alguém que resolveu ficar calado durante os dez anos seguintes da vida dele.

— Um ótimo exemplo para algumas pessoas desta turma. Muito obrigado, Damian.

— Ele é o santo padroeiro das pestes, da cólera e dos problemas de pele. Quando era vivo, realizou muitos milagres.

— Bem, vivendo e aprendendo.

O sr. Quinn queria ouvir outro aluno, mas eu estava achando o máximo ser excelente. Então me lembrei de Catarina de Alexandria (século IV).

— Queriam que ela se casasse com um rei, mas ela disse que já estava casada com Jesus Cristo.

Então tentaram torturá-la numa roda de madeira enorme, mas a roda se partiu em milhares de lascas, enormes e pontudas, que depois caíram sobre a multidão, matando e cegando muita gente.

— Que horror! Um caso antigo de "danos colaterais", eu diria! Bem, muito obrigado, Damian.

A essa altura, ninguém mais falava de técnicos e jogadores. Todos me ouviam com atenção.

— Depois disso, cortaram a cabeça dela. E então a Catarina de Alexandria morreu mesmo, mas só que, em vez de sangue, começou a jorrar leite do pescoço dela. Esse foi um de seus muitos milagres.

— Muito obrigado, Damian.

— Ela é a padroeira dos enfermeiros, dos fogos de artifício, dos construtores de rodas e da cidade de Dunstable. Dentro do relógio tem uma roda dentada que se chama "catarina", em homenagem à santa. Ela foi uma virgem mártir. Há outras virgens mártires, também muito famosas. Por exemplo, santa Sexburga, a abadessa de Elia (670-700).

Todo mundo caiu na gargalhada. Todo mundo sempre acha graça no nome da santa. Aposto que todo mundo achava graça no nome dela no século VII também.

— Sexburga era a rainha de Kent. Tinha quatro irmãs, que também viraram santas. Elas se chamavam...

Antes que eu pudesse dizer Etelburga e Vilburga, o sr. Quinn disse:

— Damian, já agradei a sua participação.

Na verdade, ele havia agradecido três vezes. Se isso não é excelência, então não sei o que é.

Minha história também serviu como inspiração artística, pois quase todos os garotos desenharam os danos colaterais durante a execução de santa Catarina. Muitas lascas voadoras e muitos pescoços jorrando leite. Jake desenhou Wayne Rooney, mas foi o único.

No refeitório, um garoto saiu da fila de sanduíches quentes e se aproximou da mesa onde eu estava; depois balançou um hambúrguer diante do meu nariz e disse:

— Sexyburger, sexyburger!

Todo mundo na mesa riu.

Achei aquilo extremamente mundano e já abria a boca para dizer isso a eles quando Anthony chegou e sentou-se ao meu lado. Todos pararam de rir.

Nosso lanche era sanduíche de presunto com tomate e dois tubos pequenos de batatinhas Pringles.

— Eu fui excelente, e você? — perguntei a ele.

Anthony sussurrou:

— Você tá chamando a atenção das pessoas. Tá todo mundo rindo!

— Não me importo que riam de mim. A perseguição é uma coisa boa. Todo mundo ria de José de

Cupertino até ele aprender, a levitar.

O garoto enorme com sardas no pescoço apareceu e sentou-se à nossa frente. O barrigão dele esbarrou na mesa, fazendo com que o tampo se inclinasse e que meu tubo de Pringles rolasse na direção dele. O gorducho pegou as batatinhas e abriu.

— As batatinhas são dele — disse Anthony, apontando para mim.

— E você, quem é? — perguntou o Pescoço Sardento.

— Sou o irmão maior dele.

— Mas não é tão maior assim. Todas as Pringles pertencem a mim. — Farelos de batata escorriam da boca do gorducho enquanto ele falava. — Regras da escola.

— Você não pode pegar as batatinhas do meu irmão. Ele não tem mãe.

— Como assim, não tem mãe? Todo mundo tem mãe. Mesmo gente que não tem pai, tem mãe. As batatinhas estão deliciosas, por falar nisso.

— Ela morreu — disse Anthony.

O Pescoço Sardento parou imediatamente de mastigar e devolveu o tubo de Pringles. Disse que se chamava Barry.

— Muito prazer, Barry. — Anthony estendeu a mão para cumprimentá-lo, pois acreditava em fazer amizades. — Onde você mora?

— Do outro lado da ponte, próximo à loja de conveniência. — Uma área muito valorizada — disse Anthony. — Realmente muito valorizada.

Meu irmão é muito, muito interessado em imóveis.

No caminho para o *playground*, ele me disse: — Funciona sempre. É só falar que a nossa mãe morreu, - e as pessoas nos dão as coisas.

No turno da tarde, por algum motivo, resolvi dar uma de são Roque. Resisti a todas as tentações de falar durante a aula de matemática — não levantei a mão nenhuma vez, nem respondi a uma pergunta de tabuada ao ser chamado. Quando o sr. Quinn perguntou se eu estava passando bem, fiquei tentado a responder, mas apenas fiz que sim com a cabeça. Embora não contribuísse em nada com a aula, eu estava sendo excelente de outra maneira, menos óbvia. Continuei assim até chegar em casa. Papai havia deixado um bilhete pregado com ímã sobre a porta da geladeira; eram as recomendações para o jantar:

Meus queridos,

Empadão de frango com aspargos. O empadão está na gaveta de cima do freezer . Acendam o forno a 190°. Vão para a televisão e assistam a alguma coisa.

Depois de 10 minutos, o forno já vai estar quente. Coloquem o empadão para assar.

Tirem os uniformes e deixem tudo bem dobradinho sobre a cama. Vistam um moletom. Depois ponham algumas batatas para assar no forno, junto com o empadão.

Vou chegar antes que elas estejam prontas.

P.

Achei legal ser chamado de "querido".

Quando papai chegou em casa, comemos o empadão de frango; depois, para hidratar nossos fígados, comemos cinco pedaços de fruta e tomamos um copo d'água cada um. Fígados hidratados, fizemos os deveres de casa. Mas então o telefone tocou, e eu acidentalmente atendi. Não sei como são Roque aguentou por dez anos, mas uma coisa é certa: deve ter sido muito mais fácil para ele ficar calado numa época em que ainda não existia o telefone. Bem, era o sr. Quinn. O professor em pessoa ligou para a nossa casa! Isso é que é excelência!

Mais tarde, papai sentou-se na beira da minha cama e disse:

— Você está caladinho hoje. O que foi? O gato comeu a sua língua?

Fiz que não com a cabeça.

— Fiquei sabendo que você estava muito quieto na escola também.

Fiz que sim com a cabeça.

— Não quer me contar nada?

Fiz que não com a cabeça.

— Tudo bem. Hora de dormir.

Papai fechava a porta do quarto quando fui vencido pela tentação de falar.

— O que o sr. Quinn queria?

— Bem, queria conversar, só isso. Foi ele quem contou que você estava muito quieto na escola hoje.

— Ele disse "muito obrigado" três vezes. Isso significa que eu fui mesmo muito excelente. Ele disse que eu fui excelente?

— Disse que... Sim, ele disse que você foi excelente. — Depois papai se aproximou e fez um carinho nos meus cabelos. — Um dos meus clientes falou de um lugar hoje, chamado Nevódromo. Dá pra andar de trenó e até esquiar na neve. Gostaria de ir comigo até lá?

Fiquei na dúvida.

— É uma recompensa. Por você ter sido excelente.

— Então eu vou.

— Muito bem. A gente vai amanhã, logo depois da escola. Porque você é um filho muito excelente.

O Nevódromo era o máximo. Tinha neve de verdade, feita de cristais de gelo e espalhada por um ventilador gigante. Eles nos deram uma roupa especial para vestir assim que entramos. Não era permitido que duas pessoas descessem a pista no mesmo trenó, mas Anthony falou com o homem que nossa mãe tinha morrido, e ele deixou que a gente fizesse do nosso jeito. Descemos quatro vezes juntos, uma vez de bruços e três vezes de costas.

Na manhã seguinte, na escola, todo mundo queria saber como era o Nevódromo. Expliquei como funcionava o ventilador gigante e, enquanto demonstrava como andar de trenó de costas, topei com o sr. Quinn, que tinha acabado de aparecer na porta.

— Cuidado! Cuidado! — ele berrou, deixando cair todos os nossos livros.

Ajudei a recolhê-los. Entre eles estava o meu, com a redação sobre a vida de Sant'Ana. Tinha um bilhete dentro, mas o sr. Quinn guardou-o no bolso antes de me devolver o livro.

— Que diabos você estava fazendo, garoto?

— É que ontem nós fomos ao Nevódromo, senhor.

Foi muito legal.

De repente, o sr. Quinn ficou todo animado.

— Então, que tal escrever uma redação sobre o passeio? — ele disse. — Não é uma boa ideia?

Conte como foi divertido e inclua todos os detalhes. Aposto que não existe um santo padroeiro dos Nevódromos.

O Nevódromo

Por Damian Cunningham,

Turma do Sr. Quinn

O Nevódromo é o máximo. A gente pode patinar no gelo e andar de trenó. A santa padroeira do esqui é Lidwina (virgem mártir, 1380-1433), que teve um acidente enquanto patinava e passou o resto da vida acamada.

Ela suportou seu sofrimento com muita resignação e realizou vários milagres: por exemplo, comeu apenas hóstias sagradas durante sete anos. Para maiores informações, consulte o site:

www.totallysaints.com/lidwina.html.

A verdade é que existe um santo padroeiro para tudo. Como Santa Clara de Assis (1194-1253) uma vez me disse: "Os santos são como os aparelhos de televisão. Estão por toda parte. Mas é preciso ter

uma antena."

Anthony mal pode acreditar que cheguei até aqui sem falar da União Monetária Europeia.

A União Monetária Europeia

Por Anthony Cunningham,

Quarta série

O dinheiro foi inventado na China em 1.100 a.C. Antes disso, os mercadores chineses usavam, facas, e espadas como moeda de troca. Mas elas eram muito pesadas, então os chineses passaram a usar facas e espadas miniaturas. Elas eram feitas de bronze, e foram as primeiras moedas. Em pouco tempo, todos os países tinham suas próprias moedas. Na Europa, por exemplo, havia o robusto marco alemão, a extravagante lira italiana, o sofisticado franco francês e, é claro, a extraordinária libra britânica. A libra foi inventada em 1489, quando era chamada de soberano. No dia 17 de dezembro, a libra será substituída pelo euro.

Quando a gente deposita uma libra no banco, eles colocam o dinheiro em um trem especial, que depois o transporta até um lugar secreto para ser sucateado. Na manhã seguinte, o trem volta com o dinheiro novo.

Portanto, neste exato momento, quase todo o dinheiro da Europa está viajando de trem.

Nossas velhas moedas devem ser colocadas, em vidros de geleia separados, um vidro para as moedas de 5 centavos, outro para as de 10, outro para as de 20, e assim, por diante. Quando os vidros estiverem cheios, devem ser levados ao banco para que as moedas sejam trocadas.

Dia 17 de dezembro será o "dia do euro", o dia em que daremos Tchau para a velha Libra.

Anthony dava tchau para a velha libra quase todos os dias. No caminho da escola para casa, costumava correr como um louco até a passarela de pedestres e ficar ali, esperando até que um trem passasse rugindo sob nós. Depois, como no cinema, acenava e gritava até ver o trem desaparecer. "Adeus! Adeus, libras velhas!", ele berrava.

Anthony falava como se cada cédula de dez libras fosse uma amiga pessoal dele. Às vezes cheguei a pensar que ele fosse chorar. "Incrível", ele dizia, "quase quinhentos anos de história virando fumaça!".

Outras vezes, parecia bastante feliz com a mudança. "Incrível", ele dizia, "depois do Natal, todo mundo, da Irlanda até a Grécia, vai usar o mesmo dinheiro!".

Todas as noites, antes de irmos para a cama, Anthony, papai e eu jogávamos todas as moedas que tínhamos dentro de uma garrafa de uísque enorme que ficava ao pé da escada. Antes de subir para o quarto, Anthony quase chorava ao se desfazer de suas moedinhas de cinco centavos. E quando descia para tomar o café da manhã, dava um tapinha na garrafa e dizia: "Impressionante como ela está se enchendo rápido!"

Quanto a mim, eu pensava: e daí? Dinheiro é só uma coisa, e as coisas mudam. Isso foi o que vim a descobrir. Uma hora a coisa está lá, bem debaixo do nosso nariz; a gente pode tocar e cheirar. E depois a coisa derrete, como uma barra de chocolate.

Mudando de casa

Por Anthonyy Cunningham,
Quarta série

Acabamos de nos mudar para uma nova casa, na rua Cromarty, número 7. É um imóvel de três quartos, sem vizinhos de frente. Custou 180.000 libras, mas não deve se depreciar; pelo contrário, acho até que vai valorizar! Tem placas de aquecimento solar no telhado e um sistema de calefação bastante econômico. Tem dois banheiros, incluindo o do quarto principal. Amplos jardins, na frente e atrás, completam o cenário. Fica em um novo condomínio, numa área semi-rural. Finalmente tenho um quarto só para mim. O papel de parede tem jogadores de futebol; fui eu mesmo que escolhi.

Em termos puramente arquitetônicos, fiquei decepcionado com a nova casa.

Lembro da rua Cromarty quando ela ainda era de terra. Papai um dia nos levou até um campo grande, perto da ferrovia, todo coberto de sarças e urtigas. Um homem de camisa xadrez e prancheta na mão nos conduziu até uma área onde as sarças e as urtigas tinham sido arrancadas, e o mato, aparado. Era toda entrecortada de ruas de terra.

— Rua Dogger — disse o homem, apontando para uma delas. Depois caminhou até a esquina da rua seguinte e disse: — Rua Finnisterre. — Por fim, apontou para a esquerda e disse: — Rua Cromarty.

— O que vocês acham? — perguntou papai. — Querem se mudar pra cá?

— Queremos sim! — respondi, muito entusiasmado. E então nos mudamos.

Na verdade, fiquei entusiasmado por causa de um mal-entendido. Achei que papai tivesse sugerido que nos mudássemos para o campo do jeito que ele estava, com ruas de terra e tudo mais. Muitos santos viveram em lugares esquisitos. Santa Úrsula (século IV) viveu em um navio com 11 mil companheiros santos. São Simeão (390-459) tentou se livrar das tentações do mundo vivendo no topo de uma coluna de três metros de altura.

Quando os curiosos começaram a se juntar em torno da coluna, ele se mudou para outra, de dez metros, para não ouvir o barulho. E quando as pessoas começaram a gritar (em 449), ele se mudou para uma terceira coluna, de vinte metros de altura, onde terminou seus dias em perfeito estado de contemplação.

Comparado a isso, viver em um campo de sarças e ruas de terra parecia bastante sensato e agradável. Eu estava ansioso. Quando voltamos, todas as sarças haviam sido arrancadas; uma placa havia sido colocada, e nela se lia: "Condomínio Portland Meadows — exclusividade, privacidade e modernidade"; e quatro fileiras de casas, com telhados pontudos e janelas esquisitas, haviam sido construídas. A de número 7, na rua Cromarty, tinha três quartos, amplos jardins e painéis de energia solar. Ao contrário de muitas outras, não era contígua às construções vizinhas.

— As casas isoladas depreciam menos, e as de três quartos têm uma demanda maior — Anthony comentou. — Ah, e os painéis de energia solar valorizam o imóvel.

Comparada a um navio com 11 mil companheiros santos ou a uma coluna de mármore de vinte metros de altura, nossa casa parecia um tanto quanto mundana. Então resolvi construir um eremitério.

Papai queria colocar tudo no lugar. Quando abrimos as caixas de papelão, encontramos um milhão de coisas das quais a gente nem se lembrava mais. Uma das caixas estava cheia de vasos. Outra, cheia de roupas de cama. Uma terceira tinha enfeites de Natal e uma pista de autorama (que armamos ali mesmo, no depósito de caixas). Também encontramos as roupas e as maquiagens da nossa mãe.

Quando terminamos, levei as caixas vazias até a ferrovia, encaixei uma na outra, e pronto, lá estava o

meu eremitério. Ele tinha a forma de um túnel e, nas extremidades, as abas serviam de janelas. Quando os trens passavam, toda a construção tremia, e nas noites escuras, os faróis iluminavam o lado de dentro por alguns segundos.

Uma cerca de azevinhos, entre os jardins do condomínio e a ferrovia, tornava o eremitério quase invisível para quem estivesse nas casas.

Levei algumas coisas para lá — como o meu marcador de livros de São Francisco de Assis e uma bisnaga de hidrabase —, mas não exagerei, pois minha intenção era justamente levar uma vida mais simples. Não o tempo todo, é claro, por causa da escola. Mas sempre que possível. Minha pele se arranhou um pouco quando tive de atravessar a cerca de azevinho, mas não me importei, pois sei que o sofrimento é bom (o nome disso é "mortificação").

Tive a ideia do eremitério por causa de Santa Rosa de Lima (1586-1617), que viveu num deles, nos jardins da casa dos pais, desde muito pequena. Ela tinha muitas visões maravilhosas, incluindo aquelas em que viu a Virgem Abençoada e o Espírito Santo, sem falar nos inúmeros santos que apareceram para ela. Quanto a mim, não vi nada nem ninguém, muito embora tivesse ficado lá até tarde da noite, quando já estava bastante frio.

Abri o Google com o objetivo de encontrar uma explicação para o fracasso do meu eremitério. A resposta era óbvia: mortificação insuficiente.

Pessoas como Rosa de Lima faziam muito mais que simplesmente viver em eremitérios. Jejuavam durante semanas. Andavam descalças para todos os lados. Usavam roupas desconfortáveis.

Dormiam em colchões de prego.

Algumas formas de mortificação não são lá muito práticas. Jejuar por sete anos, por exemplo, é impossível quando o pai da gente é obcecado com a ideia de que todo mundo deve comer cinco pedaços de fruta por dia. Quanto aos colchões de prego, ninguém tinha um no condomínio inteiro.

Mas dormi no chão naquela primeira noite. Esperei que papai apagasse as luzes, desci da cama e me deitei debaixo da janela. Não era nada confortável, mas essa era a ideia. Na manhã seguinte, caminhando para a escola, deixei Anthony passar na minha frente e tirei os sapatos. Nenhum problema enquanto andávamos em cima do mato — embora minhas meias se molhassem todas —, mas o caminho até a rodovia era de cascalho.

Acho até que os construtores mandaram afiar cada uma daquelas pedrinhas antes de colocá-las ali.

Aquilo era muito, muito mortificante. Fiquei tentado a andar nos canteiros de grama, mas resisti bravamente. Depois disso, andar no asfalto foi moleza.

Encontrei o sr. Quinn no portão da escola. Ele reparou nos meus pés e disse:

— Algum problema com os seus sapatos, Damian?

— Mortificação da carne, senhor — expliquei.

Acho que ele ficou impressionado.

Na aula de matemática, Jake deu um tapinha no meu ombro e exclamou:

— Au!

— Jake, que barulho foi esse? Tem alguma coisa a ver com matemática? — perguntou o sr. Quinn.

— Ia pedir uma régua emprestada, senhor, mas ele é espinhento!

— Ele é o quê?

Todo mundo olhava para mim.

— Dei um tapinha nas costas dele, senhor, e minha mão doeu.

O sr. Quinn se aproximou e tocou os meus ombros.

Depois se abaixou e sussurrou no meu ouvido para que eu o acompanhasse.

— E vocês, continuem trabalhando — ele disse aos outros.

Do lado de fora da sala, fez com que eu tirasse a camisa e mostrasse o que havia por baixo. No totallysaints.com, eles falam de Matt Talbot, que usava correntes o tempo todo. Naturalmente, não

consegui encontrar nada parecido com as correntes de Matt Talbot, então tive de enfiar galhos de azevinho, colhidos no eremitério, debaixo da camisa.

— Quem fez isso?

— Eu mesmo, senhor.

— Você está todo arranhado. Jogue isso tudo fora; vou fazer uns curativos.

Enquanto fazia os curativos, ele disse: — Venha até minha mesa assim que a aula terminar. Vou lhe entregar uma carta, que você deverá entregar a seu pai. Não se preocupe, não há nenhum problema. Mas é importante, ouviu bem?

A carta estava dentro de um envelope pardo. Era bastante pesada. Papai abriu o envelope assim que o recebeu. Leu a carta e guardou-a no bolso.

Anthony disse: — Era sobre o quê? Vai haver uma excursão?

— Não — respondeu papai. — Quer dizer, talvez.

De certa maneira, sim. Mais cedo ou mais tarde.

Agora andem logo, vão lavar as mãos.

Era minha vez de lavar a louça, e a de Anthony guardá-la no armário. Papai iria limpar o chão, mas quando voltei à sala de jantar para verificar se não havia ficado nada para trás, vi que ele lia a carta novamente. Assim que entrei, ele baixou o papel, mas reparei que uma das folhas era amarela, e nela estava escrito: "Avaliação Especial." Pensei com os meus botões: "Especial... isso deve ser bom."

Acho que papai foi se deitar muito tarde, pois adormeci antes que ele subisse para escovar os dentes. Durante a noite, acordei no meio de um sonho (sobre o qual não quero falar), levantei da cama e fui dormir debaixo da janela outra vez. O chão parecia ainda mais frio, depois da cama quentinha. Não consegui dormir. De repente, percebi a presença de alguém na porta do quarto.

"Finalmente uma visão!", pensei. Mas quando a figura se aproximou, vi que era apenas papai. Ele se agachou e me levantou no colo.

— Shhhh... — ele sussurrou. — Continue dormindo, Damian. Você caiu da cama. Vou pôr você de volta.

Não quis dizer a papai que eu ainda estava acordado. Apenas virei de lado, para que ele não visse meu rosto. Achei que ele fosse sair do quarto, mas não saiu. Ficou ali por um tempo, sentado na beira da cama. Depois baixou a gola do meu pijama para olhar os meus ombros. Examinou os arranhões. Quando finalmente se levantou para sair, eu disse baixinho:

— Tudo bem com você, papai?

— Você está acordado?

— Estou.

— Então durma.

— Está bem.

— Damian...

— Humm?

— O que aconteceu com as suas costas?

— Azevinhos.

— Damian... Seja um bom garoto. Um bom garoto, só isso.

— É o que eu tento ser, papai. O tempo todo.

— Eu sei, filho. Eu sei.

Depois ele saiu. Dali a pouco, ouvi barulho de descarga no banheiro. E então voltei para o chão.

Não é tão fácil quanto parece ser um bom garoto.

Por exemplo, na segunda-feira de manhã, a campainha tocou logo depois que papai saiu para trabalhar. Não devíamos abrir a porta quando ele não estivesse em casa. Por outro lado, estava na hora de irmos para a escola. Estávamos, portanto, diante de um dilema moral: abrir a porta (errado) e não chegarmos atrasados na escola (certo), ou não abrir a porta (certo) e chegarmos atrasados na escola (errado). Anthony não pensa nessas coisas.

Foi logo correndo em direção à porta enquanto vestia o paletó do uniforme. Mas agarrei o braço dele e disse:

— Papai falou que a gente não deve abrir a porta.

— Mas são vinte para as nove! — ele disse. — Estamos atrasados!

E então, quem quer que estivesse do outro lado tocou a campainha novamente.

— Mas papai falou que a gente não deve abrir a porta! — gritei, quase em pânico. — São ordens dele, e a gente tem que ser bons garotos!

Anthony respirou fundo e disse: — Tá bem, então. Vamos fazer o seguinte. Você busca a sua mochila. A gente sai pra escola. Se tiver alguém lá fora, então vai ser apenas uma coincidência. Não abrimos a porta pra um estranho. Apenas saímos pra escola. Tá bem assim?

— Assim tá bem. — Quando quer, Anthony é ótimo para resolver dilemas morais.

A coincidência era um homem de camisa branca, uma gravata do *South Park*, e um crachá de plástico onde estava escrito: "Terry Contabilidade."

— Eu moro ali — ele disse, apontando para a casa da esquina.

Anthony olhou para a tal casa.

— As casas de esquina têm mais jardins, o que é uma grande vantagem, mas têm menos área de garagem, o que, no mercado de hoje, é um tremendo ponto negativo.

— O pai de vocês está em casa?

— Foi trabalhar.

— E a mamãe?

— Morreu — disse Anthony.

— Ah.

Terry vasculhou os bolsos, como se procurasse algo para nos entregar. Anthony ficou ansioso para ver o que era, mas Terry não conseguiu encontrar nada.

— Podem dar um recado a seu pai?

— Claro.

— Não nos conhecemos ainda. Geralmente saio para trabalhar muito cedo, quando a maioria das pessoas ainda está dormindo, mas digam a ele que se quiser aparecer lá em casa hoje à noite, em torno das sete, vai ser um grande prazer. Quase todo mundo vai estar lá.

— A gente pode ir também?

— Claro que sim. Ei, querem ver uma coisa engraçada?

— Então Terry apertou a gravata, e ela tocou a musiquinha do *South Park*, o que foi bastante surpreendente.

— Mas quem é esse tal de Terry? — Papai estava ficando nervoso.

— Terry-Contabilidade, da casa da esquina. Disse para o senhor aparecer por volta das sete.

— Aparecer para o quê? Uma festa? Um jantar?

Uma partida de Banco Imobiliário? Para ajudá-lo a arrastar um armário?

— Ele tinha uma gravata que tocava música, e disse que seria um grande prazer. A gente acha que é uma festa.

— Uma festa para os vizinhos se conhecerem.

— Que horas são? Preciso levar alguma coisa; vou sair pra comprar uma bebida qualquer.

— Não precisa. A gente está assando um bolo.

Não serve?

— Estou surpreso.

— Surpreso e orgulhoso? Ou surpreso e decepcionado?

— Surpreso e orgulhoso de ver que vocês procuraram ser excelentes.

A ideia de assar um bolo tinha sido minha. Quando chegamos da escola, eu disse a Anthony: — Uma ótima oportunidade pra gente ser excelente. Que tal assar um bolo?

Anthony não gostou muito da ideia, simplesmente porque não sabíamos assar nada. Mas eu me lembrava de ter assado bolos muitas vezes antes.

Era uma das coisas das quais eu me lembrava muito. Às vezes, até sonhava com isso.

— Aqueça o forno a duzentos graus — falei.

E então partimos para o trabalho. Pegamos 110 gramas de farinha, cinquenta gramas de manteiga, duas colheres de água e um pouquinho de sal. Misturamos tudo e deixamos a massa descansar na geladeira durante vinte minutos. E só. Por falar nisso, a padroeira dos padeiros é santa Águeda de Catania (século III).

Papai tirou a vasilha da geladeira e disse: — Muito bem, mas isso não é massa de bolo. É uma massa salgada.

Foi então que me lembrei: aquela massa era para *quiche*, e não para bolos. É muito triste e preocupante que a gente acabe esquecendo detalhes das nossas lembranças prediletas.

Olhando as coisas pelo lado bom, massa salgada é mais versátil que massa de bolo, pois pode ser transformada em torta. Então fizemos uma torta, aproveitando as maçãs que teríamos de comer depois do jantar. Cortamos as frutas em fatias, salpicamos açúcar em cima delas, espalhamos as fatias açucaradas por cima da base e colocamos tudo no forno. Depois subimos para tomar banho.

O cheiro das maçãs assando se espalhou pela casa inteira. Assim que saímos do banho, sentamos no topo da escada e ficamos ali, saboreando o cheirinho bom, enquanto papai separava nossas roupas chiques. Tínhamos usado nossas roupas chiques no dia anterior, mas felizmente elas ainda não tinham sido colocadas na máquina de lavar.

Papai deu um jeito nelas, com um ferro quente e uma esponja molhada. Depois penteou os meus cabelos, afastou-se um pouco e olhou para os dois filhos.

— Excelente! — ele disse. — Excelente mesmo!

Agora, pra festa!

— A gente pode comer um pedaço de torta antes?

Ou uma torrada? Qualquer coisa. A gente tá morrendo de fome!

— A fome é sempre o melhor tempero. Na festa vocês comem.

Saí na rua carregando a torta, ainda quente. Terry nos recebeu na porta de sua casa e tomou a vasilha das minhas mãos.

— Já ouvi falar desta gravata! — disse papai.

Terry apertou a gravata novamente. Nós rimos, mas a musiquinha durou mais que os nossos risos, e tivemos de ficar ali, esperando que ela acabasse.

— Isso é tudo, pessoal! — ele disse por fim. — Os outros estão na sala.

Os outros eram quatro homens de camisas impecavelmente brancas e um careca mal-arrumado, que vestia um terno surrado. Eles estavam sentados em círculo, segurando pedaços de papel. A torta não estava lá, e não havia nenhum sinal de comida por perto.

O homem de terno cumprimentou papai e disse: — Muito prazer. Bem-vindo à reunião de vigilantes do condomínio de Portland Meadows. Sou o policial responsável por este distrito. Pode me chamar de Eddie. É claro que ainda não temos exatamente um distrito por aqui, mas você sabe... Se precisar de alguma coisa, é só chamar: um conselho, uma ajuda, ou simplesmente uma xícara de chá.

Papai sentou-se no sofá; Anthony sentou-se à direita dele, e eu à esquerda.

— Vou ser honesto com você — continuou o homem. — O Natal está aí, e estas casas são novas. Se as estatísticas estiverem certas, os assaltantes logo aparecerão por aqui. Assim, se tiver algum problema, não deixe de ligar para mim. Faço uma ocorrência policial, e você pode acionar a companhia de seguro. — E então entregou um cartãozinho com o número do telefone dele.

Anthony me cutucou, apontou para a própria barriga e fez um barulho esquisito. O que ele queria dizer era: "Meu estômago está roncando."

Entendi logo, pois meu estômago roncava tanto quanto o dele. Para piorar as coisas, ainda sentíamos o cheiro da torta de maçã sobre a mesa da cozinha, abandonada.

Terry inclinou-se para frente, e nós nos inclinamos também. "É agora", pensei. Mas em vez de nos oferecer comida, ele começou a falar sobre o aparelho de som.

— Vocês sabem, essa belezura me custou uma fortuna — ele disse, apontando para um emaranhado de fios e cabos que mais pareciam uma macarronada. — Montei tudo sozinho.

Demorei séculos pesquisando as melhores ofertas e escolhendo o que comprar. Sou apaixonado por estes aparelhos. Não sei o que será de mim se forem roubados. Seria como perder uma parte do corpo, uma amputação forçada. E a mesma coisa com o computador, é claro. Quer dizer, todas as minhas lembranças estão guardadas ali, e a minha alma também. Sem computador, ficaria de luto.

Estes aparelhos são parte de mim, parte do meu patrimônio.

Nenhuma menção a comida.

— Vocês podem instalar um sistema de alarme ou comprar um cachorro — disse o policial do nosso distrito. — Se dificultarem as coisas para os assaltantes, eles vão escolher outra casa. Isto é, a casa de um vizinho. Alguns de vocês talvez achem isso um pouco anti-social. Sei lá.

— Sim, mas trabalhei muito para construir esta casa, sabe? Minha vida é isto aqui. Se pudesse...

Um dos homens impecáveis se inclinou para frente e disse:

— Mas o verdadeiro problema é que nossas casas foram construídas sobre areia.

Papai se empertigou de repente.

— Areia? Não é verdade, é? Não pode ser. Vim aqui quando foram cavados os alicerces.

O policial disse: — Acho que nosso amigo aqui usou uma metáfora. Está na Bíblia, não está? Não construir sua casa na areia, não pôr uma candeia debaixo do alqueire... Essas coisas.

— Isso mesmo — disse o mais impecável dos homens. — Mateus, capítulo 7, versículo 26.

— Posso fazer uma perguntinha? — disse o policial ao dono da casa. — A água já está mesmo fervendo?

Terry foi para a cozinha. Assim que ele saiu, o policial disse aos homens impecáveis: — Pelo jeito, vocês são mórmons. Certo?

— Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias — respondeu um deles.—As pessoas nos chamam de mórmons, mas preferimos ser chamados de santos dos últimos dias. Meu nome é Eli. Este aqui é Amos, e este é John.

Muitíssimo interessante.

— Vocês são santos! — exclamei.

— Santos dos últimos dias.

— Mas santos, mesmo assim.

O policial do nosso distrito começou a juntar seus papéis e perguntou se havia mais alguma dúvida. Levantei a mão e perguntei:

— O que exatamente é uma virgem mártir?

Papai tossiu e disse: — É que estão estudando isso na escola. Damian, por que não vai até a cozinha ajudar Terry? Anthony, você também.

Na cozinha, Terry jogava colheradas de café solúvel numa xícara. Uma única xícara. A torta estava logo ao lado dele. Tínhamos espalhado canela e algumas passas sobre as maçãs. O cheiro era uma mistura de Natal e verão. Nossa torta estava ali, abandonada sobre a bancada. Pelo jeito, não ia a lugar nenhum.

— Papai mandou a gente ajudar.

— Não precisa. É só uma xícara de café. — Então era mesmo só uma xícara de café. Meu estômago fez um barulho como se tivesse ouvido Terry. — Mas você pode ir até a sala e perguntar ao tira se ele prefere açúcar ou adoçante.

Anthony não se mexeu.

— Nossa mãe morreu, o senhor sabia?

— Sim, sim, você já disse — respondeu Terry. E depois foi até o armário da cozinha, onde havia uma pilha de sacos grandes de salgadinhos de festa. Do fundo da pilha, ele puxou dois pacotes de biscoitinhos de queijo e nos entregou.

— Isto é pra vocês. Mas deixem pra comer em casa. Não quero farelos no meu carpete.

No caminho para casa, Anthony esfregou o pacote dele na minha cara e falou:

— Eu não disse? Funciona sempre.

— Tem certeza que isso é honesto? — perguntei.

— Ela está mortinha da silva, não está?

É claro que estava, mas até então ninguém tinha falado sobre isso assim, em termos puramente biológicos. Quando nos alcançou, papai disse: — Vocês se comportaram muito bem esta noite.

Agora vamos até o restaurante chinês comprar alguma coisa para comermos em casa. Peçam o que quiserem.

Anthony pediu rolinhos primavera e frango com molho de feijão. Por algum motivo, eu não tinha fome. Mesmo quando papai me mostrou o cardápio, nada me apeteceu. Minha fome tinha ido embora.

Em casa, papai e Anthony abriram as embalagens de isopor e começaram a comer no sofá. Fui até o armário da cozinha e busquei pratos e talheres.

— Damian, não precisa. Já é tarde. Não queremos lavar nada depois. Venha aqui, coma um pouquinho de arroz.

Mas continuei a pôr a mesa.

— Damian...

— Temos de fazer tudo direito. Essa é a ideia.

— Que ideia?

— O senhor disse que a gente precisa fazer tudo direito. Que a gente tem de ser excelente. Foi o senhor mesmo que disse. E agora está comendo no sofá. A gente nunca fez isso antes — eu estava quase gritando. — Já pra mesa!

Papai tentou me acalmar.

— Damian, você acha que está chateado. Mas está apenas com fome.

— Não estou com fome. Só quero ver todo mundo sentado na mesa, como uma família direita.

Fazendo tudo direito.

— A gente se senta à mesa se você comer um pouquinho. Feito um menino direito.

— Está bem então.

Papai sentou-se à mesa e serviu um pouco de *chop suey* no meu prato.

— Por que você não consegue ser normal? — Anthony disse.

— Quase nada é normal — papai disse. — Então, como a gente pode ser normal? — Depois pegou

um rolinho primavera de Anthony e pôs no meu prato.

Estava horrível. Tinha repolho dentro, em vez de brotos de feijão. Mas me fez sentir um pouco melhor.

Acho que foi o rolinho primavera que não me deixou dormir direito. Toda hora eu acordava no meio de um sonho (sobre o qual não quero falar).

Até voltei para a cama, achando que um pouquinho de conforto pudesse melhorar a situação. Mas não melhorou. Assim que o dia clareou, desci as escadas de mansinho e fugi para o eremitério.

Chegando lá, vi que tinha uma pessoa do lado de dentro: uma mulher alta, ossuda, de olhos azuis muito brilhantes. Imediatamente reconheci quem era.

— Santa Clara de Assis (1194-1253) — falei.

— Isso mesmo — ela disse, sorrindo. Depois olhou ao seu redor. — Gosto muito dos eremitérios. Eu mesma já tive um.

— Eu sei.

— Costumava ir até lá e me esconder do mundo.

Se alguém precisasse de mim, eu mandava uma aparição. Resolvia o problema da pessoa.

— Muito legal. Eu podia ficar aqui e mandar uma aparição para a escola.

— É um dom que nem todo mundo tem. Muito raro. Eu era como uma televisão humana. É por isso que sou a santa padroeira da televisão. Por causa dos meus pecados. Quer dizer, por causa das minhas virtudes, né? Hoje em dia a gente vê de tudo na televisão. Nada me choca mais, fique você sabendo. Mas dá uma canseira... É por isso que gosto dos eremitérios.

— Nossa casa era um pouco... sei lá, inadequada.

Se comparada à coluna de são Simeão ou ao navio de santa Úrsula e seus 11 mil companheiros santos.

A santa deu um risinho e disse: — Essa história de 11 mil companheiros santos foi um erro de tradução. No seu lugar, não me deixaria impressionar. Pra falar a verdade, tinha no máximo uns 11.

— Mas tem milhares de pessoas com a senhora lá em cima, não tem?

— Milhares. Muitos milhares. Milhões.

— Queria saber se a senhora já viu santa Maureen por lá. Ela pensou por um instante e depois respondeu que não.

Mas também, como ela mesma disse, as coisas no céu eram infinitas.

— Absolutamente infinitas. "Na casa de meu Pai há muitas moradas." João, capítulo 14.

— Versículo 2 — acrescentei.

— Certo — ela disse. E depois desapareceu.

Se dependesse de mim, não teria escolhido santa Clara como primeira visão. Ela é uma santa ótima, claro, muito legal para conversar. Qualquer aparição é sempre bem-vinda. Portanto, em termos puramente filosóficos, fiquei feliz.

Uma das maiores mudanças para as mulheres desde a Idade Média aconteceu no ramo dos produtos de beleza. Santa Clara tinha uma pele muito ressecada, com veiazinhas vermelhas nas bochechas. Mamãe costumava usar um hidratante que, além de nutrir a pele, servia como base para maquiagem. Ela vendia cosméticos numa loja de departamentos em Manchester. Parte do trabalho dela era ficar mais bonita que as mães normais.

Mamãe costumava esperar por nós no portão da escola. Quando chegávamos em casa, ela retirava o hidratante com uma bolinha de algodão.

Chamava isso de "escamar o rosto". Bem, um dia ela não apareceu para nos buscar. Esperamos uma eternidade até que a sra. Dunstable, a secretária, telefonou a uma das mães normais, que depois nos levou para a casa dela. Mais tarde, papai foi nos buscar. Disse "muito obrigado" um milhão de vezes e em seguida acrescentou: — Ela está no melhor lugar.

Fomos com ele até o melhor lugar, e, para falar a verdade, eu não via nada de melhor ali. Mamãe não podia sair da cama. A televisão ficava sempre ligada, e todo mundo parecia triste. Mamãe ficou lá durante muitas semanas, e parecia mais abatida a cada vez que íamos visitá-la. A pele dela ficou branca e seca como a de santa Clara. Até as veiazinhas vermelhas apareceram nas bochechas.

Na verdade, foi naquela época que comecei a me interessar pelos santos. Todo mundo falava de santos o tempo todo. Alguns dos médicos eram santos. Algumas das enfermeiras eram anjos.

Santa Rita — padroeira das esposas — era mencionada com muita frequência. São José — padroeiro dos doentes crônicos — estava pendurado numa moldura acima da cama. E nossa escola, na época, se chamava "Escola Fundamental de Todos os Santos", o que contribuiu bastante.

Quando chegávamos em casa — sem a mamãe —, eu pesquisava sobre os santos no Google. Foi assim que descobri o totallysaints.com. Era ótimo ler sobre os milagres que eles realizavam e saber que as coisas nem sempre terminavam como a gente esperava. E então um dia alguém apareceu e disse que mamãe tinha ido para um lugar melhor. O que serviu para provar que o melhor lugar de antes não era melhor coisa nenhuma, já que havia este outro, ainda melhor. No entanto, ninguém jamais nos levou até lá, e quando fazíamos perguntas, ninguém respondia em termos puramente geográficos. Diziam apenas: "Ela foi para um lugar melhor, e agora vocês têm de ser muito, muito bonzinhos com o papai."

Davam a entender que ele também seria mandado para o lugar melhor se a gente não tomasse cuidado. Então Anthony e eu passamos a tomar muito cuidado. Sempre. O tempo todo.

Tenho a clara lembrança de alguém nos dizer que mais tarde nos encontraríamos com mamãe no lugar melhor. Assim, quando papai começou a falar sobre a rua Cromarty, pensei: "Deve ser o tal lugar. Se não, por que motivo a gente se mudaria pra lá?" Quando vi os telhados pontudos, percebi que tinha me enganado. O lugar era bom, mas não era o melhor.

Mais tarde compreendi que, quando as pessoas diziam "um lugar melhor", elas falavam em termos puramente metafóricos.

No dia seguinte, papai me chamou antes que eu tomasse o caminho da escola.

— Você se lembra daquela carta do sr. Quinn?

Sobre a excursão? Pois é, a excursão é hoje.

— Ih... Mas a gente não vai chegar tarde demais?

Quando eu ainda estudava na outra escola e a nossa turma foi visitar aquele lago no País de Gales, a gente teve de chegar às sete e meia.

— Eu me lembro. Mas dessa vez não é a turma inteira. Somos só nós dois. Venha, entre no carro.

Então entrei no carro, e fomos embora.

Geralmente não ando no banco da frente, mas como Anthony não estava conosco, aproveitei a chance, e foi muito legal. Papai me entregou a fotocópia de um pequeno mapa, com um círculo amarelo em torno de uma das estradas.

— Segure isto aqui até que eu peça para você me entregar, está bem? — ele disse.

Achei aquilo tudo muito estranho, mas antes que eu pudesse fazer qualquer pergunta, papai disse: — Veja só o que eu encontrei. Faz muito tempo que a gente não ouve isto.

E então ele colocou um audiolivro no toca-fitas.

Eram *As aventuras de Just William*, lidas por um ator famoso. A história era muito engraçada, e um dos personagens era um bebê que sofria de dor nas costas. Eu ria tanto que só percebi que papai não estava prestando atenção quando chegamos.

Mas como nunca tínhamos ido para aqueles lados, imaginei que ele precisasse se concentrar no caminho.

Paramos diante de um casarão antigo, que ficava numa estrada larga, cheia de curvas, à beira de um parque.

— Que lugar é esse?

— É só uma casa.

Caminhamos até a porta. Sobre ela havia uma placa de bronze.

— Por que está escrito "Solar Huskisson" ali? — perguntei, apontando para a placa. — A casa é da família Huskisson?

— Não sei. Não conheço as pessoas.

— Então o que a gente veio fazer aqui? — Comecei a ter um dos meus ataques de pânico. — Tenho me esforçado muito para ser um bom garoto, o senhor sabe disso.

— Claro que sei. E você é mesmo um bom garoto.

Aliás, um ótimo garoto. Um garoto excelente.

Quero que eles vejam o quanto você é excelente.

Entramos numa sala onde havia uma cadeira de vime. Várias revistas estavam espalhadas em cima de uma mesa. *Trailers & motor homes* me pareceu a mais interessante de todas. Uma mulher de cabelos compridos e retos, usando brincos compridos e retos, apareceu e nos disse para acompanhá-la. Chegando ao corredor, percebi que acidentalmente tinha carregado a revista comigo.

Não queria que ninguém pensasse que minha intenção era roubá-la, então voltei e pus a revista no mesmo lugar. Quando voltei ao corredor, não havia mais ninguém lá. Fiquei tentado a fugir dali, mas papai botou a cabeça para fora de uma das portas e disse que eu entrasse.

Quando entrei na sala, a mulher de brincos compridos dizia:

— Então ele tem se machucado por conta própria?

— Bem, está cheio de arranhões.

— Vamos dar uma olhada então? Damian, você se importa de tirar a camisa?

Tirei a camisa. Enquanto ela examinava minhas costas, olhei para uma máscara triste, pendurada na parede. Acho que era africana.

— Nada muito profundo, mas são muitos arranhões — disse a mulher. — Como foi que isso aconteceu?

Papai olhou para mim, e respondi com toda honestidade:

— Azevinho.

— Então foi você mesmo que se arranhou?

— Bem, eu coloquei os galhos de azevinho debaixo da camisa.

— Por quê? — papai perguntou.

Mas antes que eu pudesse explicar, a mulher levantou um dedo e disse:

— Não vamos criar um conflito aqui.

Ela me fez muitas perguntas. Perguntou se eu dormia bem durante a noite. Se eu tinha pesadelos. Mas a mais estranha de todas foi: — Você vê coisas que não existem?

— Se a gente vê uma coisa é porque ela existe.

Como uma coisa pode não existir se a gente está vendo?

— Falaremos sobre isso daqui a pouco — a mulher respondeu com um grande sorriso. Depois tirou um dos brincos compridos e começou a brincar com ele. — Agora vou dizer umas palavras e quero que você fale a primeira coisa que lhe vier à cabeça. Acha que consegue?

Não me parecia difícil.

— Muito bem então. A primeira palavra é "pequena".

— Flor.

— Muito bem. — Ela parecia um pouco confusa.

Pegou um caderno e fez uma anotação. — Interessante. Incomum.

— Como a "pequena flor" de santa Teresa de Ávila.

— Não precisa explicar. Apenas diga o que lhe vier à cabeça. A palavra seguinte é "bolo".

— Sabão.

— Ótimo. Sino.

— Leproso.

Ela levou um susto, mas depois disse: — Tudo bem. Camisa.

— Crina.

Dessa vez ela não disse "tudo bem".

— Como?

Papai resolveu explicar:

— Camisa de crina, como a que os santos usavam para...

Sem tirar os olhos de mim, a mulher fez um gesto com a mão e não deixou que ele terminasse.

Depois disse a palavra seguinte: — Voar.

— São José de Cupertino (1603-1663). — Vi que isso não significava nada para ela, então continuei: — Era um monge. As pessoas achavam que ele não batia bem da cabeça, mas ele levitava.

Quando estavam construindo a igreja de Grotella, José de Cupertino voava até o telhado para ajudar os trabalhadores. Sei que parece maluquice, mas muita gente viu ele voar, incluindo o famoso cínico Voltaire e o grande matemático Leibniz. É interessante que Leibniz, uma das mentes mais brilhantes de toda a história, tenha ficado tão impressionado com um suposto zé-ninguém.

Acho que ela também ficou impressionada comigo, pois deixou o brinco cair e não disse mais nenhuma palavra. Aquela última decerto havia resolvido o problema dela.

— Não sei onde ele aprende tudo isso — disse papai.

— No totallysaints.com. Tem ótimos *links*, e você pode descobrir qual é o santo padroeiro de cada

coisa. Se, por exemplo, a senhora quiser saber qual é o padroeiro das máscaras africanas...

— Não, não quero. A máscara não é minha — disse a mulher. Depois fechou o caderno, pegou o brinco no chão e pendurou-o de volta na orelha.

No caminho para a escola, percebi que papai estava preocupado e resolvi puxar conversa.

— Deve ser um dos mártires de Uganda — falei. — Os santos de Uganda são os mais conhecidos na África. O mais importante deles foi decapitado, mas os outros foram...

— Damian, por favor, pelo menos uma vez na vida, deixe os santos de lado! Uma vez na vida, não, pra sempre! Pode serrisso não é... natural. Não é excelente. Ouviu bem?

— O quê? — Fiquei horrorizado que papai pudesse dizer uma coisa dessas. — Como assim, os santos não são excelentes? É pra isso que eles vivem. Pra serem...

— Damian, estou avisando.

Decidi me controlar. Mudei o assunto para veículos de recreação. Há dois tipos de veículos de recreação: os *trailers* e os *motor homes*. Os *trailers* não andam sozinhos, e os *motor homes* vão para qualquer lugar. Os veículos de recreação geralmente têm nomes muito esquisitos: Pégaso, Viking, Embaixador...

— Muito estranho — eu disse. — Pégaso tinha asas e jamais precisaria de um veículo de recreação. Por que alguém chamaria um *trailer* de Embaixador? Embaixador do quê? Só se fosse de um país muito, muito pequeno.

Papai não me deu muita bola, mas deve ter gostado das minhas observações, porque parou o carro e comprou uma barra gigante de chocolate.

— Coma isto — ele disse. — E mastigue bem devagar.

Na saída da escola, contei tudo a Anthony.

— Eu tentava ser um bom garoto — falei —, mas não sabia direito o que eles queriam de mim.

— Eles acham que você é lelé da cuca — Anthony disse.

Não tinha pensado nisso. De qualquer jeito, não me importei. Todo mundo achava que José de Cupertino era lelé da cuca, mas ele sabia voar.

Voar até para bem longe se quisesse. Para o outro lado do mundo.

Já estava escuro quando chegamos em casa. Os santos dos últimos dias passaram por nós de bicicleta. Todos eles tinham faixas fosforescentes no capacete. Elas brilhavam como auréolas.

Quando fui dormir, fiquei pensando neles: que bom seria se fossem santos de verdade! Mas depois fiquei encucado com o tal "último dia". O que será que isso significava?

Papai era fanático pelo conhecimento das coisas mundanas. Quando morávamos na outra casa, ele costumava frequentar um *pub* onde se realizava um campeonato de conhecimentos gerais. A equipe dele se chamava "Os Sabe-Tudo". Eles sempre venciam. Papai chegava em casa e nos acordava no meio da noite para perguntar coisas do tipo "Qual é o esporte em que o vencedor anda pra trás?". Então decidi procurá-lo e perguntar o que tinha acontecido no famoso último dia.

— Como é que eu vou saber? — ele respondeu, para minha surpresa. Depois virou para o lado e tornou a dormir.

Tudo bem, eram três horas da manhã, mas uma coisa é certa: papai já não tinha mais o mesmo conhecimento geral de antes. Subi na cama dele e me deitei.

Não consegui dormir. Então decidi pesquisar uma coisa no Google: os mórmons. Encontrei um *site* chamado mormon.org, onde consegui todas as informações que procurava. A igreja mórmon, ou Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, foi fundada em Nova York, em 1827, por um homem chamado Joseph Smith. Um anjo chamado Moroni deu a ele um conjunto de tábuas de ouro cobertas com letras estranhas. Joseph descobriu que, usando óculos especiais, conseguia ler o que estava escrito nas tábuas: era a história de uma tribo de Israel que estava perdida e acabou indo morar nos Estados Unidos no ano 600 a.C. O anjo tomou as tábuas e os óculos de volta quando Joseph terminou de ler. Achei aquilo meio

mundano.

Ainda estava escuro, mas decidi vestir meu uniforme e descer para o eremitério. Assim que saí de casa, mudei de ideia. Fazia um frio terrível; foi como se eu tivesse entrado debaixo de um chuveiro frio achando que estava quente. De repente percebi o quanto tinha sido legal a invenção da cama. Mas, infelizmente, a porta tinha se fechado atrás de mim.

Não fazia menos frio dentro do eremitério. Fiquei arrependido de ter colocado janelas nele. Procurei um cantinho e fiquei ali, todo encolhido. Para me esquecer do frio, peguei o tubo de hidrbase e passei um pouquinho no dorso da mão. O creme não tinha a cor da pele da minha mãe, mas a cor que a pele da minha mãe tinha, se é que vocês me entendem. Depois tentei meditar um pouco sobre as dificuldades de ser um bom garoto. A gente acha que está sendo bom, mas depois descobre que está criando problema para os outros, ou que não é natural. Então comecei a pensar nos santos: papai não gostava mais deles, talvez porque os santos não fossem mesmo o que eu achava que eles fossem e tudo não tivesse passado de um mal-entendido. Mas depois me dei conta de que essas dúvidas eram apenas mais uma tentação.

Tentei rezar um pouco, mas tudo o que consegui dizer foi: "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, amém. Minha mãe morreu. Amém."

Levei uns cinco minutos para dizer essa minúscula oração, porque eu estava batendo o queixo de frio. No entanto, Deus deve ter escutado, pois atendeu o meu pedido. E querem saber de uma coisa? Fez exatamente como os outros: me deu uma coisa só porque falei que mamãe tinha morrido.

Tão logo terminei minha prece, um trem passou na ferrovia. Uma lufada de vento com cheiro forte de óleo invadiu o eremitério, fazendo com que as abas abanassem. Olhei para fora. O trem não tinha janelas. Era apenas um pedaço de noite sobre rodas, uivando paralelamente à cerca de azevinhos.

Enquanto eu olhava, um pequeno fragmento de noite pareceu se soltar da noite maior e atravessar o ar na minha direção. Ele despencou na parte da frente do eremitério, amassando as caixas e fazendo com que o frio entrasse ainda mais. E depois ficou ali, sobre o papelão achatado, como um enorme sapo de couro.

Fui até o local e vi o que era. Uma sacola. Ela tinha se rasgado com a queda, e o conteúdo se esparramava para fora. E o conteúdo era dinheiro.

Não se tratava de uma visão, nem de uma aparição. Talvez fosse um sinal. Um sinal grande e barulhento. Era dinheiro. Cédulas. Pilhas e mais pilhas de cédulas. Milhares e milhares de libras. Talvez milhões.

Só para constar: essa não foi a primeira vez que dinheiro caiu do céu. Por exemplo, na Turquia, no século II, quando uma menina ia se casar, o pai dela tinha de dar ao futuro genro uma quantia de dinheiro que se chamava dote. Havia um homem muito pobre, cujas filhas iam se casar; como não tinha dinheiro, ele foi obrigado a vender a honra das meninas, o que se podia fazer naquela época.

Bem, certa noite, são Nicolau de Mira subiu no telhado da casa do homem, jogou três sacos de dinheiro pela chaminé — um para cada menina — e salvou a honra delas. São Nicolau começou a fazer coisas de santo ainda muito jovem. Por exemplo, ele se recusava a mamar no peito da mãe toda sexta-feira porque precisava jejuar. É o padroeiro dos marinheiros, dos agiotas, das solteiras, das crianças (por causa de um incidente estranho com uns garotos que ficaram presos num barril de salmoura) e das pessoas que vendem perfumes. Acho que é o santo mais bem-sucedido de todos.

Quando a sacola de dinheiro caiu na minha frente, logo me lembrei de são Nicolau. Poderia ter pedido a ele uma orientação. Ou poderia ter pedido a são Mateus, que é o padroeiro do dinheiro. Ou poderia ter chamado a polícia. Ou papai.

Mas isto foi o que fiz: corri em direção à nossa casa, gritando: — Anthony! Anthony! Vem aqui ver uma coisa! — Eu estava muito, muito agitado.

Hoje já não sei se isso foi uma boa ideia.

Ainda estava escuro quando cheguei em casa, mas a luz da cozinha estava acesa, e vi que Anthony preparava torradas. Bati no vidro da janela. Ele deu um pulo de susto, mas depois viu que era eu e abriu a porta.

— O que você tá fazendo aí? — Anthony disse. — Você tá tremendo de frio! Onde foi que se meteu? Passou a noite toda fora?

Eu ainda estava batendo o queixo.

— Eu achei... Eu achei um...

— Achou o quê?

— Vem ver.

Anthony vestiu um casaco. Percebeu que eu estava agitado, mas não pareceu desconfiado.

— É melhor que seja alguma coisa que dê para ver!

Isso me fez lembrar o que a mulher tinha dito no Solar Huskisson. E se a gente pudesse ver uma coisa que não existia? E se a coisa que eu vi não fosse tão visível quanto achei que era? Mas quando chegamos ao eremitério, a sacola ainda estava lá. Mostrei a Anthony.

— O que é isso? — ele perguntou.

— Sabe quando a gente diz aos outros que a nossa mãe morreu e eles nos dão alguma coisa?

Anthony fez que sim com a cabeça.

— Bem, eu disse isso a Deus.

Afastei a caixa de papelão, e Anthony viu a sacola enorme, cheia de dinheiro. Seus olhos brilharam. Até hoje diz que foi a coisa mais bonita que viu em toda a sua vida. Imediatamente abriu um sorriso.

— E veio de Deus, você disse?

Fiz que sim com a cabeça.

— Bem, ele queria mesmo ver a gente feliz!

Anthony teve de me ajudar a carregar a sacola de dinheiro até em casa. Inacreditável. Mais dinheiro do que éramos capazes de carregar sozinhos! Quis espalhar as notas sobre a mesa de jantar para que papai as visse quando descesse do quarto e ficasse feliz também, mas Anthony disse que não devíamos contar nada a ele.

— Por que não?

— Impostos.

Tive de perguntar o que era isso.

— Se papai ficar sabendo do dinheiro, vai ter de contar ao governo, e se o governo ficar sabendo, vai querer cobrar impostos. Quarenta por cento. Quase a metade. Não, a gente vai esconder isto aqui e depois vai pra escola.

Mas não foi isso o que fizemos. Tínhamos de saber quanto havia ali. Derramamos o conteúdo da sacola sobre a mesa.

— De qualquer jeito — disse Anthony —, se Deus quisesse que papai ficasse com o dinheiro, tinha mandado um cheque pelo correio.

Um ótimo argumento.

Comecei a ajudá-lo a contar. De início, tentamos contar todas as notas de dez — só porque era mais fácil multiplicar por dez —, mas elas acabaram se misturando às outras. Parecia que a sala se inundava de dinheiro. Então Anthony teve a ideia de juntar montinhos de cem e depois somar as centenas. Mas também não foi uma boa ideia.

Depois de dez minutos, o chão estava coberto de montinhos de cem. Já não sobrava espaço para sentar, quanto mais para contar dinheiro! Então decidimos juntar montinhos de mil. Havia 229 montinhos de mil. Mais um troco de 370 libras. Um total de 229.370 libras. Ou 22.937.000 centavos.

Durante um tempo, ficamos ali, só olhando para o dinheiro. Depois Anthony pegou um montinho de mil e o colocou de través sobre outro montinho.

Depois pegou mais um e colocou sobre os dois primeiros. Depois eu peguei um montinho e coloquei no topo da pilha. Depois Anthony. Depois eu. E assim, um de cada vez, construímos uma torre enorme de dinheiro. Ela já estava quase do meu tamanho quando finalmente desmoronou no chão. E então caímos na gargalhada.

Essa foi a primeira vez que brincamos de balança-mas-não-cai com dinheiro. Repetimos a brincadeira todas as noites durante uma semana.

O mais alto que chegamos foi até as sobancelhas de Anthony. Mas a primeira vez foi a melhor de todas, quando a brincadeira surgiu espontaneamente no meio da folia.

Uma ótima diversão, para quem tem o dinheiro.

Chegamos atrasados na escola, mas, estranhamente, não nos importamos com isso. Ao longo do dia, quando nos encontrávamos nos corredores ou no pátio, Anthony e eu olhávamos um para o outro, com um sorriso nos lábios. Ter um segredo é como ter um par de asas escondido debaixo da camisa. Dei a Barry minhas batatinhas Pringles (sabor churrasco) sem que ele me pedisse. Simplesmente coloquei o tubo nas mãos dele depois do recreio e disse: — Bom apetite.

Barry não entendeu nada.

No caminho de volta para casa, paramos numa lanchonete, e Anthony comprou uma garrafa de refrigerante do tamanho de um tanque de oxigênio. Percebeu que eu olhava para ele e disse ao vendedor: — Mais uma.

Enquanto o homem buscava a garrafa, uma menina da turma de Anthony — a que usava umas lindas tranças africanas no cabelo — entrou na lanchonete.

— Mais outra, e compre alguma coisa para o senhor também — Anthony disse. Depois entregou uma nota de dez ao vendedor e o refrigerante à menina.

Justo na hora em que ele entregava a garrafa a ela, Barry entrou e disse: — Comprando refrigerante pra namoradinha, hein?

— Por que eu não deveria comprar um refrigerante pra ela?

— Por que você não deveria comprar um refrigerante pra mim?

— Sem problema, eu compro.

Então Anthony pediu mais uma garrafa. A essa altura, um amigo de Barry, chamado Kaloo, também havia chegado.

— Você só comprou porque tem medo de Barry! — ele disse.

Então Anthony comprou uma quinta garrafa de refrigerante e entregou a Kaloo.

As pessoas começavam a se juntar em torno de nós para ver o que estava acontecendo.

— O novato tá comprando refrigerante pra gente.

Só porque tem medo de levar uma bifa!

— Não tenho medo de nada — disse Anthony. E, para provar, comprou uma garrafa de refrigerante para todo mundo. Vinte e três garrafas e uma caixa de salgadinhos. Não um pacote, mas uma caixa.

Dessas que a gente compra no atacado.

— Esbanjando como se o dinheiro fosse evaporar, garoto? — disse o vendedor.

— O dinheiro *vai* evaporar — disse Anthony.

Do lado de fora, na calçada, todo mundo devorava os salgadinhos, formando um círculo em torno da caixa. Alguns garotos haviam largado suas bicicletas jogadas no chão. Anthony falou bem alto:

— Quem vai nos emprestar uma bicicleta?

Os donos de bicicleta se levantaram e olharam para ele.

— Dez pilas — ofereceu Anthony.

Os garotos quase se estapearam para decidir quem levaria o dinheiro. Acabamos escolhendo a bicicleta de Terry Keagan, uma Raleigh Max, e a de Franny Amoo, uma BMX. Mas o pagamento seria feito somente quando fossem buscar as bicicletas em nossa casa, antes das cinco horas, quando papai chegaria do trabalho.

Era ótimo conseguir as coisas sem ter de falar em gente morta. As duas bicicletas tinham ótima suspensão, e então preferimos seguir pelo campo que ladeava a ferrovia. Anthony pensava em todas as coisas que poderíamos comprar dali em diante: nossas próprias bicicletas — ou até uma motocicleta de quatro rodas se a gente quisesse —, aeromodelos, telefones celulares, *beyblades*.

Além de todas as coisas que papai considerava dinheiro jogado fora: aqueles macaquinhos de brinquedo que crescem na água, os *video games* da Microsoft e da Nintendo, canais adicionais de TV a cabo e óculos de raios X.

— Óculos de raios X não funcionam. A gente só vê o esqueleto da pessoa.

— Esqueletos são legais.

E quando chegamos em casa, em vez de esquentar a comida no forno, pedimos *pizza* pelo telefone. Pedi mozzarella com calabresa, com muita mozzarella e muita calabresa.

Enquanto esperávamos, Anthony e eu jogamos mais uma partida de *balança-mas-não-cai* com o nosso dinheiro, e eu venci.

Foi então que Anthony pensou em um novo jogo: Banco Imobiliário com notas de verdade.

— Vai ser um barato! — ele disse. — A banca é minha! Mas, justo quando tínhamos acabado de armar o tabuleiro, o entregador de *pizza* chegou.

Quando abrimos a porta, vimos papai estacionar na garagem.

— Que diabos está acontecendo aqui? — ele perguntou assim que desceu do carro.

— Pedimos *pizza* em vez de cozinhar. Achamos que seria excelente.

E onde conseguiram o dinheiro?

— Eu tinha algum — disse Anthony.

— Do dinheiro que eu lhe dei de aniversário?

— Isso mesmo. São libras, então achei melhor acabar com elas antes da troca das notas por euro.

Pedi uma *pizza* pro senhor também.

— De quê?

— Frutos do mar, com muita anchova.

Anthony abriu a caixa. As *pizzas* ainda estavam quentes, e a fumaça rodopiou pelo ar, preenchendo a sala de jantar com um cheiro de queijo assado e massa molhadinha.

— Muito bom. Muita gentileza da parte de vocês.

Papai ficou um tempão olhando para o prato sem dizer nada.

— O senhor não gosta de frutos do mar? — perguntei.

Então ele se levantou de repente e foi até a cozinha assoar o nariz. Depois voltou para a sala e disse:

— Gosto sim. Gosto muito. Eu adoro frutos do mar.

— As embalagens de papelão são muito melhores que as de isopor — eu disse. — As de isopor deixam as *pizzas* meio borrachentas...

— Também acho — disse papai. Seus olhos brilhavam, tanto que por um instante achei que ele fosse chorar. Mas é claro que ninguém chora por causa de *pizza*. — Vocês são ótimos filhos. — Depois pegou um pedaço gigantesco de *pizza*, dobrou em pedaços e mordeu uma ponta. Ficou parecido com um monstro de desenho animado, e nós três caímos na gargalhada.

— Quem inventou a *pizza*? — perguntei. Na verdade, não estava interessado em saber. Apenas achei que papai gostaria de falar sobre conhecimentos gerais, como fazia antes. Lembro que, certa vez, ele leu um livro inteiro sobre a história das batatas.

— A *pizza* foi inventada em Nápoles — ele respondeu. — No início, não passava de um pão temperado com ervas que os feirantes davam aos pobres. Quando visitou a cidade em 1889, a rainha Marguerita adorou a ideia e pediu a Raffaele Esposito, um dos maiores cozinheiros da época, que lhe preparasse uma *pizza*. Foi ele quem teve a ideia de acrescentar mozzarella, tomate e manjericão. Queijo branco, tomates vermelhos e manjericão verde: as cores da bandeira italiana. É por isso que hoje temos a *pizza marguerita*.

Lavamos a louça, e assim terminou um dia bastante divertido.

Anthony diz que devo falar um pouco mais de finanças. Assim, em termos puramente financeiros, nós tínhamos 229.370 libras esterlinas. Na manhã de primeiro de dezembro, isso era equivalente a 323.056 euros. É verdade que não se pode comprar amor nem felicidade, mas é interessante a gente ver o que o dinheiro pode realmente comprar.

Por exemplo, com essa quantia nós poderíamos comprar 15.390 pares de carrinhos de autorama, a €20,99 o par. Ou 3.756 helicópteros de controle remoto, a €85,99 cada. Ou 22.937 Airzookas (elas atiram bolas de ar nas pessoas). Ou 43.159 pipas de bolso, daquelas que a gente carrega no chaveiro. Ou 5.736 máquinas portáteis de fazer algodão-doce. Ou 1.434 bicicletas BMX, modelo Shogun. Ou 2.699 Gameboys de nível avançado.

No dia primeiro de dezembro, tínhamos 17 dias para gastar nossa fortuna.

Na mesma manhã, a campanha tocou e, quando abrimos, seis garotos e duas garotas esperavam montados em suas bicicletas. Assim que Anthony pôs o pé para fora, todos começaram a gritar: — Quer uma bicicleta? Ei, Anthony, quer uma bicicleta? Anthony! Anthony! Quer uma bicicleta?

Anthony examinou cuidadosamente cada uma das bicicletas.

— Acho que precisamos mesmo é de uma carona — ele disse. — Kaloo e Tricia.

Kaloo McLoughlin e Tricia Springer tinham bicicletas BMX, daquelas que têm pequenos estribos nos eixos traseiros para a gente ficar em pé. Anthony foi na bicicleta de Kaloo, e eu na de Tricia. Chegamos à escola com todas as outras bicicletas atrás de nós, como se fôssemos uma equipe. Todo mundo olhava para nós. Foi o máximo. No portão, Anthony deu uma nota de dez a Kaloo e outra a Tricia.

Ela não pareceu muito contente.

— Foi só um quilômetro. Dez pratas é muito dinheiro. Só quero comprar um conjunto de canetas com *glitter*.

Acontece que não tínhamos nenhuma nota menor que dez. Hoje, Anthony diria que tudo começou a dar errado ali. Segundo ele, o problema da oferta de dinheiro criou um ambiente inflacionário no pátio da escola. Mas, naquele momento, nem sabíamos que existia um problema. Achávamos apenas que tínhamos 229 mil libras para gastar.

Parecia fácil. Na hora do almoço, por exemplo, comemos pratos quentes em vez de sanduíches, e não precisamos entrar na fila. Peter Ahenacho foi até o balcão e trouxe nossa comida até a mesa, como se fosse um garçom. Tracey Edwards trouxe talheres e refrigerantes, e depois levou nossos pratos. Demos dez libras a cada um. Em seguida, repetimos a sobremesa (flã de chocolate), que também nos custou dez libras cada. Estávamos quase acabando quando Barry sentou ao nosso lado. Ele trazia um par de relógios *walkie-talkie*.

— Alcance de duzentos metros. Baterias novinhas em folha. Mostradores de *design*. O que acham?

— Dez pilas — disse Anthony.

— De jeito nenhum! Você deu a ela dez pilas só pra buscar um garfo. Quarenta.

— Está bem. Quarenta.

Até então, já tínhamos torrado cem pilas.

No pátio, outras pessoas nos procuraram para vender coisas que tinham trazido de casa. Um Gameboy, um par de óculos para enxergar no escuro, meia dúzia de joguinhos eletrônicos.

Gastamos 150 libras apenas no caminho entre o escorregador e o banheiro dos meninos.

No banheiro dos meninos, encontramos um garoto da terceira série, chamado Amar. Ele carregava uma caixa grande, com jogadores de futebol estampados na tampa. O amarelo das laterais estava desbotado, e as quinas, esgarçadas.

— Futebol miniatura — ele disse. — Já ouviram falar? É um clássico!

Não, nunca tínhamos ouvido falar.

— Futebol miniatura, cara! Todo mundo sabe o que é isso. Era do meu pai, que ganhou quando ainda era pequeno. Herança de família.

— Então é de segunda mão?

— Segunda mão, não. Antigo. Um clássico. Uma obra de arte. Olhem. Estes são os times: Arsenal e Manchester City.

Aamar abriu a caixa. Jogadorezinhos minúsculos estavam deitados em filas separadas, como se estivessem dormindo. Tudo era em miniatura: o árbitro, os juízes de linha, os holofotes, as ambulâncias, o banco de reservas, os tapumes de propaganda, o caminhão da equipe de televisão.

Tudo. Um mundo em miniatura, onde a gente era Deus. Irresistível.

— Quarenta pilas — Anthony ofereceu.

— Quarenta? Você só pode estar brincando. Você me daria dez pilas só pra apontar a ponta do seu lápis. Cem pratas, no mínimo.

— Cem libras? Agora é você que está brincando!

Eu poderia comprar um time de verdade com cem pilas. Qualquer lanterninha de campeonato vale menos do que isso!

— Então vai, compra! Os técnicos estão comigo.

— Então Aamar tirou do bolso um saquinho plástico. Dentro dele havia dois homenzinhos com uniformes esportivos. Um deles tinha um boné. O outro tinha a gola do casaco levantada. Ficamos boquiabertos.— Vocês não vão se decepcionar, meus amigos — arrematou Aamar.

— Como você vai levar tudo isso embora? — perguntei.

— A gente paga as cem pilas, mas você entrega lá em casa — disse Anthony.

Aamar cuspiu na palma da mão e esticou o braço para cumprimentar Anthony. Anthony olhou para a mão cuspada, pegou uma toalha de papel e entregou a Aamar.

Mais mundano, impossível.

Na saída da escola, todos os proprietários de bicicleta esperavam por nós.

— Querem carona? Querem carona? — eles gritavam ao mesmo tempo.

Sem dizer nada, atravessamos o portão e entramos num carro preto que nos aguardava.

Anthony havia pedido um táxi. Abrimos as janelas e demos adeus à pequena multidão.

— Foi um dia muito proveitoso — eu disse. — Se a gente continuar assim, logo, logo vai gastar o dinheiro todo.

— Fala baixo! — esbravejou Anthony. Ele sorriu para o motorista e depois sussurrou: — Gastamos um pouquinho ontem, e 350 pilas hoje. Ainda nos restam 229 mil libras. Nesse ritmo, a gente vai levar 655 dias pra gastar o dinheiro todo.

— Ah.

— Tirando hoje, a gente só tem mais 16 dias. Tudo bem, a gente ainda não pagou o táxi.

A corrida até em casa custou quatro pilas; na verdade, menos que duas porções adicionais de flã de chocolate. Anthony entregou uma nota de dez ao motorista e disse que ele podia ficar com o troco. O que não foi uma boa ideia, pois seria ótimo se a gente começasse a ter algum dinheiro trocado também.

Na manhã seguinte, assim que chegamos à escola, fomos cercados por pessoas que queriam nos vender alguma coisa. Anthony comprou: duas patinetes dobráveis (na caixa); uma camiseta do Real Madrid; um relógio Swatch original, com o Harry Potter no mostrador; uma fita do filme *A bruxa de Blair* (alguém havia dito que quem visse o filme morria depois; então não vimos); uma bola original com os autógrafos da equipe tricampeã do Manchester United; um pacote de sorvete espacial (que os astronautas levam para o espaço); uma caneta que escreve debaixo d'água e uma camera digital disfarçada de caneta (mas não tínhamos o computador certo para tirar as fotos de dentro dela).

As pessoas também tentavam nos vender porcarias — por exemplo, aquelas bugigangas que vêm nos lanches do McDonald's ou aqueles conjuntos de "Faça Você Mesmo um Jardim de Cristal" que cinco pessoas diferentes haviam tentado me vender mas que nenhuma delas jamais havia tentado fazer. Mas não tinha importância. Se disséssemos "não", outras pessoas poderiam comprar. Todo mundo agora tinha dinheiro, porque quase todo mundo havia vendido alguma coisa para nós. O dinheiro estava por todo lado. Tinha se transformado numa febre, como os ioiôs de luzinha ou os *beyblades*. Ninguém queria mais jogar futebol. O pátio da escola tinha se transformado num verdadeiro mercado persa. O sr. Quinn se aproximou de mim e disse: — Quanta animação neste pátio hoje, hein, Damian?

— Tudo muito mundano.

Ele olhou para mim de um jeito esquisito.

Anthony queria comprar uns discos voadores no caminho de casa, mas quando chegamos à loja, as prateleiras estavam praticamente vazias. Já haviam vendido tudo, exceto as pastilhas de hortelã e os vidros de detergente Vim.

— O que está acontecendo? — perguntou o vendedor. — De onde veio tanto dinheiro?

Anthony achou melhor que não voltássemos ali, apenas por precaução.

Não comprei nada muito pessoal, mas não deixei de dar uma passada na lojinha da igreja de santa Margarida Maria. Comprei imagens de São Francisco, de São Martim de Porres, da Pequena Flor, de Geraldo Majela e do Menino de Praga.

Comprei medalhinhas miraculosas de São Benedito, santa

Bernadete e Santo Antônio. Havia medalhinhas de São Cristóvão, mas não o considero um santo de verdade. Também havia santinhos coloridos de todos os santos mencionados acima e de São Miguel Arcanjo, com sua espada flamejante. Tudo isso cabia perfeitamente sobre o parapeito da janela do meu quarto. Mas o problema foi esconder a bazuca de bolas de ar e as patinetes dobráveis. Anthony tentou guardá-las debaixo da cama, mas o espaço era pouco por causa da caixa de futebol miniatura e do dinheiro.

— Você vai ter de guardar essas coisas na sua cabana.

— Não é uma cabana, é um eremitério, e não quero entulhar meu eremitério com coisas mundanas. Não é pra isso que servem os eremitérios.

— Sabe o que a gente podia fazer? Alugar uma garagem ou um depósito.

— Não sei por que a gente não conta tudo ao papai. Pra que servem todas estas coisas se a gente nem pode brincar com elas?

— Tá bem, tá bem. Então vamos brincar um pouco com o futebol miniatura.

Anthony não queria brincar de verdade. Queria apenas provar que estava certo. Abrimos o pano sobre o chão, e ele era tão verde, tão verde, que parecia um gramado, bem no meio do meu quarto.

A gente balançava o jogadorzinho, e o jogadorzinho chutava a bola. Quando um de nós errava o passe, passava a vez para o outro.

Anthony conseguia dar cinco ou seis chutes sem errar, e eu andava com os bandeirinhas para cima e para baixo, pelas laterais. Mal falávamos durante o jogo, e o pano parecia cada vez maior e mais verde. Era como se estivéssemos num estádio de verdade, só que havia silêncio, e todo mundo obedecia a nossa vontade. Anthony desceu o campo pela ponta direita. Não havia ninguém entre ele e meu gol. O goleiro podia se mexer quando o adversário atacava. Anthony chutou.

Rapidamente, coloquei meu são Geraldo Majela no meio do gol. A bola bateu no crânio que ficava aos pés do santo e voltou rolando pelo campo, em direção à área de Anthony.

— O que foi que aconteceu aqui?

— Eu rezei.

— Você não pode rezar durante o jogo!

— Posso sim. Os brasileiros rezam o tempo todo.

Estão sempre fazendo o sinal-da-cruz.

— Mas os santos não descem do céu e chutam pra eles.

— Como você sabe? Os brasileiros sempre ganham.

— Se você pode jogar com o santo, então eu posso jogar com o meu Action Man!

Então Anthony buscou o Action Man e o colocou na boca do gol.

— O quê? Isso não tem lógica! A gente reza pros santos. Mas ninguém reza pra uma boneca.

— Action Man não é boneca.

— Uma boneca é uma boneca, e o seu Action Man, meu amigo, é uma boneca.

— Ele tem essa bazuca aqui, que lança um gancho de ferro até dois metros.

— Uma Barbie com uma bazuca na mão.

— Que história é essa de Barbie? É um homem! A gente aperta este botão aqui, e os dedos dele se mexem.

— São Francisco falava com os animais.

— E aquele pateta do dr. Dolittle também. Você vai atacar pela esquerda ou não vai?

Estávamos tão distraídos com essa discussão que nem percebemos quando alguém subiu as escadas e abriu a porta do nosso quarto. Já era tarde demais quando vimos papai atrás de nós, olhando para o pano verde.

— Onde foi que conseguiram isso? — ele perguntou.

Geralmente, Anthony é capaz de inventar uma mentira tão rápido que até parece que está dizendo a verdade; mas dessa vez, demorou alguns segundos para responder.

— Foi um prêmio.

— Prêmio de quê?

— Ganhei na aula de artes. — Anthony começava a ganhar confiança. Depois arrasou.

— Aula de artes? O que foi que você fez? Pintou a capela Sistina?

— Fiz uma maquete.

— Do quê?

— Sabe aquela ilha secreta dos Thunderbirds?

Chamada Tracy Island? Pois então. Foi isso que eu fiz. Todo mundo adorou, eu fui excelente.

— Todo mundo adorou... excelente... — papai falou para si mesmo, repetindo as palavras de Anthony lentamente como se saboreasse um prato delicioso. Parecia superfeliz. Esta é outra qualidade das mentiras de Anthony: elas não são apenas rápidas, são também saborosas. As pessoas gostam de acreditar nelas.

Papai olhou para mim. Dei uma de são Roque. Não existe santo padroeiro dos mentirosos. Quando contamos uma mentira, temos de segurar a onda sozinhos.

Em termos puramente náuticos, estávamos navegando em águas turvas. Na primeira oportunidade, corri para o eremitério a fim de meditar um pouco sobre a minha situação. Levei são Francisco comigo,

para que ele me ajudasse a me concentrar. Mas, infelizmente, Anthony havia passado por lá antes de mim. O lugar estava atulhado de possessões materiais, isto é, de duas patinetes dobráveis (na caixa) e uma Airzooka.

Não havia a menor chance de um santo me visitar enquanto aquelas coisas estivessem ali.

Busquei um cobertor xadrez que ficava no porta-malas do carro e cobri as caixas, que ficaram parecendo um sofá. Antes um sofá que uma vitrine de loja. Coloquei a imagem de São Francisco em cima delas, de modo que o santo olhava do alto para mim. Era uma daquelas imagens em que ele carrega um ninho de passarinho. Logo depois tive uma ideia.

Voltei para o quarto, entrei debaixo da cama e peguei um bolo de dinheiro. Tomei o cuidado de fechar a sacola bem direitinho e de escondê-la novamente atrás da caixa de futebol miniatura.

Em seguida, caminhei até um pequeno centro comercial, não muito longe de casa. Logo na entrada, havia um lugar que antes era uma piscina, mas que agora é um *pet shop*. Um bagre enorme nadava no lado mais raso, e as carpas ornamentais ficavam na parte mais funda. Quando a gente enfiava o dedo na água, os peixes se aproximavam e deixavam a gente fazer carinho neles. O vendedor disse que eles eram mansinhos.

Mas talvez se aproximassem porque queriam sair dali. A gente nunca sabe o que se passa na cabeça de um peixe.

Em torno da piscina, onde antes ficavam os armários para guardar toalhas, eles haviam colocado os passarinhos. Centenas de passarinhos, empilhados um em cima do outro, dentro de pequenas gaiolas. Faziam um barulho infernal, não porque cantavam, mas porque agitavam as asinhas sem parar. Pareciam miniventiladores.

Perguntei ao homem se eu podia comprar alguns.

— Claro que sim — ele respondeu. — O que você quer? Pintassilgos?

— Pode ser.

— Eu sugiro os canários, mas não quero meter o *bico* na sua compra... Ha, ha, ha.

— Alguns canários também.

— Também temos periquitos e cacatuas, coisas desse tipo.

— Boa ideia.

— Você tem de escolher.

Mas o melhor da riqueza é que a gente não precisa escolher nada.

— Acho que vou levar um pouco de cada. — O vendedor ficou desconfiado; quando mostrei o bolo de notas, ele ficou mais desconfiado ainda. — Recebi depois que minha mãe morreu.

Então ele buscou um carrinho de compras e me levou para ver as gaiolas. Quando a gente escolhe um passarinho, eles colocam o coitado dentro de uma caixinha de papelão, parecida com uma caixa de bolo, mas com furinhos em cima. Minha vontade era levar um de cada gaiola. Como era difícil escolher, pedi ao vendedor que me aconselhasse. Fiz o que pude para me decidir, mas, depois de uma volta inteira em torno da piscina, tinha levado mais de vinte caixinhas e torrado todo o meu dinheiro.

O homem me ajudou a empurrar o carrinho até a porta da loja.

— Como vai levar tudo isso pra casa? — ele perguntou.

— Não moro longe — eu disse. — Trago o carrinho de volta daqui a pouco.

Empurrei o carrinho até a rodovia e tomei o caminho de casa. Depois de alguns metros, subi ao topo de uma colina e fiz uma fila de caixinhas no chão. Abri a primeira, depois a segunda. Nada aconteceu. Então lembrei que era preciso incliná-

las um pouco; quando isso acontece, os passarinhos abrem as asas, levantam o pescocinho e voam para fora. Abri as caixas que ainda estavam fechadas e comecei a incliná-las, uma de cada vez. Os passarinhos explodiram pelo ar como fogos de artifício. Os periquitos se lançaram como foguetes.

Os pintassilgos pareciam um jato de fagulhas. As cacatuas berravam enquanto subiam, voando em

torno umas das outras. O céu se encheu de cores e música.

Caso vocês não saibam, isso foi o que São Francisco fez quando tinha minha idade (ou seja, em 1190). Comprou alguns pássaros no mercado e abriu a porta das gaiolas. Então eu também havia feito uma coisa de santo. Na verdade, São Francisco não tinha um carrinho de compras e decerto não soltou tantos passarinhos quanto eu.

Assim, em termos puramente técnicos, eu tinha sido ainda mais santo do que ele. Os periquitos voaram rente à minha cabeça, como se quisessem me agradecer. As caudas vermelhas pareciam jatos de fogo.

Quando me virei para segui-los, vi um homem atrás de mim. Ele usava uma túnica marrom, toda puída; era careca e tinha um buraco grande no dorso de cada uma das mãos.

— Bem — ele disse —, isso me faz lembrar o passado.

— São Francisco de Assis (1181-1226)! — exclamei.

— Fiz a mesma coisa que você.

— Eu sei, eu sei. Foi por isso que soltei os passarinhos.

— É claro que, no meu caso, eram quase todos pombos e pássaros comuns. Naquela época, não tínhamos estes pássaros sofisticados de hoje, importados dos trópicos.

— O senhor conhece uma santa chamada Maureen?

— Pra dizer a verdade, não.

— Ah.

— Mas também, ando muito ocupado ultimamente. O problema é que fui ficando cada vez mais importante com o passar dos anos. Tem a questão do meio ambiente, a defesa dos direitos dos animais, os problemas do Terceiro Mundo e, agora, toda essa confusão com os muçulmanos. Eu conheci um sultão, sabia disso?

— Sabia. Em Israel, no ano de 1219. O senhor andou sobre as brasas sem se queimar.

— Não tente fazer isso em casa.

Os periquitos passaram novamente em revoada, próximos às nossas cabeças, e depois tomaram o rumo da cidade. Seguimos na direção deles. Do alto da colina, víamos as águas turvas do rio, os prédios empoleirados sobre arribas as margens e a refinaria de petróleo, exalando plumas de fumaça amarelada pelo ar. Também víamos a ponte rolante; a estrutura metálica em forma de arco parecia uma gigantesca escada em direção ao céu.

— Fui o primeiro poeta em toda a Europa a não escrever em latim. Também fui o primeiro ambientalista. Comecei fazendo exatamente o mesmo que você: soltando pássaros.

— E depois disso, fez o quê?

— Bem, você sabe... — São Francisco acenou na direção do centro comercial. Um ônibus estacionava na entrada, e uma pequena multidão esperava para entrar. — Depois ajudei os pobres.

— Ajudar os pobres... Claro! Excelente ideia! Muito obrigado.

E então corri de volta para casa.

A ponte rolante de Widnes-Runcorn — cujo nome verdadeiro é ponte do Jubileu — foi construída em 1961. Não é propriamente uma escada para o céu.

Mas isso não significa que não exista uma escada para o céu. Ela está lá, no Gênesis, capítulo 28, versículo 12.

A cada vez que fazemos uma boa ação, subimos um degrau na escada para o céu. Ora, 229 mil libras é o suficiente para dar quinhentas libras a 458 pessoas; e 458 boas ações equivalem a 458 degraus, o que é bastante. Anthony e eu seríamos praticamente santos depois de distribuímos todo o dinheiro. Decidi contar a ele sobre essa imperdível oportunidade de canonização.

Ele estava atrás da televisão, ligando os fios de uma interface Digibox.

— Anthony — eu disse —, você às vezes não acha que o dinheiro não significa nada?

— Como não significa nada? Significa que somos ricos.

— O que o dinheiro nos trouxe até agora, além de um monte de trecos?

Ele ligou a televisão e conferiu se os canais adicionais estavam pegando. Depois disse: — Trinta novos canais de televisão, isso é o que o dinheiro nos trouxe! — Depois jogou-se no sofá e começou a assistir ao campeonato mundial de cabo-de-guerra de caminhões gigantes.

— O papai não vai notar que tem mais canais?

— Papai nunca nota nada. Os caminhões gigantes eram divertidos, mas não significavam nada.

— E que tal a gente virar santo?

— Pra quê?

— Acho que a gente deveria dar o dinheiro aos pobres. A gente tem o bastante para dar quinhentas libras a 458 pobres. Aí então eles não vão ser mais pobres. E a gente vira santo. Não é o máximo? Santo atravessa fogo sem se queimar, faz milagre, pode deixar a barba crescer...

— Qual é a vantagem de deixar a barba crescer?

— Veja o caso de santa Wilgefortis, por exemplo.

Ela deixou a barba crescer porque queria evitar a aproximação indesejável dos homens. — Para Wilgefortis, diga-se de passagem, a aproximação indesejável dos homens era uma só: a do rei da Sicília. O pai dela insistia em casá-la com o tal rei.

Mas, um dia, Wilgefortis acordou com uma barba grande na cara. Quando o rei viu, acabou desistindo da ideia. Exatamente como ela tinha pedido em suas preces. Mas Wilgefortis acabou sendo crucificada pelo próprio pai. — Vamos, Anthony! Minha ideia é ou não é brilhante?

Anthony balançou a cabeça e disse: — A ideia é boa, mas não é prática. Onde é que a gente ia achar 458 pobres?

— O mundo está cheio de pobres. Quase o mundo inteiro é pobre! Basta olhar na televisão!

— Tudo bem, na televisão tem gente pobre. Mas por aqui, não. O preço dos imóveis mantém os pobres afastados. — Então Anthony começou a falar de imóveis e de zoneamento social. — Moramos num condomínio exclusivo, e isso significa que os pobres não entram aqui. Aqui só mora gente rica. Você já deve ter notado. Não é como no nosso bairro de antes.

Ele tinha razão. No tempo de São Francisco, havia leprosos, pedintes, mendigos, órfãos e jovens mulheres que eram obrigadas a vender sua honra em cada esquina. Hoje em dia, uma pessoa pode ir do nosso condomínio até a escola e voltar — todos os dias, até morrer — sem jamais encontrar uma única jovem mulher obrigada a vender sua honra em cada esquina.

— Bem, *eu* tenho uma ideia prática — disse Anthony.

— Qual?

— A gente compra uma casa.

— Mas a gente não pode simplesmente torrar tudo. Esse dinheiro caiu do céu pra que a gente fizesse alguma coisa importante com ele.

— Mas é aí que está a beleza da coisa. Quando alguém compra uma casa, não está gastando dinheiro. Está guardando. Isso se chama investimento. As casas estão sempre se valorizando. Se você comprar uma casa agora, digamos, por 150 mil libras, em dez anos ela valerá algo em torno de trezentas mil libras. Então, quando vender a casa, você vai embolsar 150 mil libras de lucro. O nome disso é ganho de capital. Você já deve ter ouvido falar de ganho de capital.

— Não quero ganho de capital.

— Vai ser ótimo. A gente se livra do dinheiro de uma tacada só, e quando a gente ficar velho, vende a casa e fica ainda mais rico que agora. Até lá, nossas coisas podem ficar dentro dela. Melhor do que na sua cabana de papelão.

Tentei explicar a diferença entre uma cabana e um eremitério, mas só as paredes me deram ouvidos.

Na imobiliária, Anthony se dirigiu ao balcão e, como se estivesse numa loja de doces, perguntou: — Vocês têm uma casa em Swindon?

Anthony era fascinado por Swindon, pois era lá que os imóveis se valorizavam mais.

— Bem, não — respondeu a mulher. — Só vendemos imóveis nesta região. A maioria de nossos clientes prefere comprar uma casa no mesmo bairro onde já mora.

— É para uma carteira de investimentos.

— É mesmo? Que legal. É um trabalhinho da escola?

Anthony imediatamente inventou um trabalhinho que não existia, uma escola que não existia e um professor que não existia. Eu aposto: se estivessem ouvindo a história dele, vocês não saberiam o que era verdade e o que era mentira.

A mulher foi muito gentil. Contou tudinho sobre o funcionamento das hipotecas e deu a Anthony uma pilha de folhetos onde estavam listados todos os imóveis disponíveis. A maioria era de construções novas, com três quartos.

— E se a pessoa não quiser uma hipoteca? E se ela quiser pagar tudo de uma vez só, em dinheiro?

— Nesse caso, ela precisaria de um carrinho de mão e de muitas seguranças.

Anthony riu. Depois teve de me explicar a graça da história. Era porque seria muito difícil carregar tanto dinheiro.

— As pessoas não sabem que 229 mil libras nem fazem tanto volume assim — ele disse, meio triste.

Quando chegamos em casa, examinamos cuidadosamente todos os folhetos, procurando achar uma casa que não fosse muito perto da nossa (para papai não suspeitar de nada), mas que também não fosse muito longe (para que pudéssemos tomar conta dela). Não pude deixar de dizer: — Anthony, isso não tá certo. A gente não precisa de uma casa. A gente já tem uma. Pra que duas casas? Pensa nisso.

Então ele me entregou um dos folhetos. Tinha uma fotografia da nossa velha casa. Embaixo da foto estava escrito que era uma propriedade peculiar, com detalhes de época (consolo da lareira inc.), localizada em área residencial tranquila. Dois quartos, duas salas, cozinha e área de serviço separada. E só. Nada sobre nós, nem sobre as coisas que tinham acontecido dentro dela. Não fosse pelo endereço, nem dava para saber que era a nossa casa.

— Por que não foi vendida ainda? — perguntei.

— Porque ninguém gosta dela. Eu disse ao papai que colocasse pra alugar. Pra estudantes. Mas não tem importância. O seguro pagou o saldo da hipoteca.

— Que seguro?

— Deixa pra lá. Olha esta aqui. Ladeira dos Texugos, número 17, próxima ao centro comercial.

Se 229 mil libras equivalem a 458 degraus em direção ao céu, então, é claro, gastar 229 mil libras numa casa equivale a 458 degraus para baixo. Não existe santo padroeiro dos corretores imobiliários

porque nenhum corretor imobiliário jamais virou santo. Já houve toda espécie de santo: marinheiros, ferreiros, soldados, padeiros, professores, donas-de-casa, criadores de porcos e até mesmo reis. Mas em toda a história, nem um único corretor imobiliário se tornou santo nem sequer foi abençoado. Não deve ser à toa.

Antes, quando ouvia as pessoas dizerem que ficaram "sem chão", eu achava que elas falavam em termos puramente metafóricos. Mas quando o táxi chegou à escola e Anthony pediu ao motorista que nos levasse à ladeira dos Texugos, número 17, eu me senti como se estivesse dentro de um elevador em queda livre. Depois de atravessarmos muitas avenidas, ruas e ruelas, finalmente chegamos à Cidade Velha. As casas na ladeira dos Texugos eram ainda menos adequadas a um santo do que a nossa. Tinham janelinhas que saíam do telhado (com grades de metal sobre as vidraças), pinheiros espalhados por toda parte, além de acesso rápido e fácil à auto-estrada. No número 17, a mulher da imobiliária já esperava por nós diante da porta.

Anthony saltou do carro e foi cumprimentá-la.

— Não trouxemos o dinheiro conosco. Mas se a senhora for até a nossa casa...

— É mesmo? — disse a mulher. Não estava tão simpática quanto na imobiliária. — Olhem, já ajudei vocês com o trabalho da escola. Mas isso é demais. Uma falta de respeito, sabiam? Vou telefonar à escola e falar pessoalmente com o diretor.

— Espera! Não viemos aqui por causa do trabalho da escola. A casa é para nossa... É para a carteira de investimentos do papai. Nós queremos... Isto é, papai quer realmente ficar com ela.

— Bem, então onde ele está?

— Pediu que a gente comesse sem ele.

— Começar sem ele? Como assim? Como posso mostrar uma casa a uma pessoa que não está presente para ver?

Anthony tirou do bolso a câmera digital disfarçada de caneta.

— Ele nos deu isto. Pediu que a gente tirasse umas fotos e mostrasse a ele mais tarde.

A mulher olhou para o relógio e depois abriu a porta.

— Bem, de qualquer maneira, preciso fazer xixi. Se quiserem, podem entrar também.

Anthony perguntou se, na opinião dela, a casa manteria o valor.

— Estou *no banheiro!* Não dá pra esperar *só um pouquinho?* — gritou a mulher.

Fomos dar uma olhada no banheiro da suíte principal enquanto esperávamos por ela. Ouvimos um barulho de descarga e depois: — Depressa! Os dois! Já pra fora! — A corretora já havia aberto a porta da frente para que saíssemos.

— Nossa oferta é de 210 mil à vista, em dinheiro — disse Anthony. — Dinheiro quente, é claro. E então? Negócio fechado?

Anthony havia dito que as pessoas fazem qualquer coisa por dinheiro. Então, esperei que a corretora dissesse alguma coisa como "a casa é toda sua, muito obrigada". Mas não foi isso o que ouvimos.

— Pirralho insolente! — ela disse, olhando diretamente nos olhos de Anthony. Depois entrou no carro, bateu a porta e foi embora.

Intervenção divina. Só pode ser.

Andamos um bom pedaço até o centro comercial, pois não havia ônibus nem táxis. Na verdade, não havia nem uma calçada propriamente dita, e já começava a escurecer. Mas eu estava tão feliz que os faróis dos carros que vinham na nossa direção pareciam auréolas dançando no ar. Um dos periquitos cruzou sobre nossas cabeças.

Atravessou a luz dos postes como uma flecha incandescente. Achei que precisava dizer alguma coisa para consolar Anthony, mas foi só isto o que me ocorreu:

— Estou morrendo de fome. Será que a gente pode comprar uma *pizza*?

— A gente pode comprar uma pizzaria se quiser!

— Não, por enquanto só uma *pizza*.

E então, quando nos aproximamos de uma loja de aparelhos eletrônicos, outro milagre aconteceu. Uma garota, usando um capote surrado, entrou na nossa frente e disse:

— Moço, compra uma caixa de chicletes na minha mão? Só pra me ajudar...

Dei a ela uma nota de dez e disse que podia ficar com o troco.

— Agradecida, moço. Estava sem comer até agora.

— A gente vai comer uma *pizza*. Por que não vem conosco?

— Vou sim, moço, muito obrigada — ela respondeu, recolhendo as caixinhas de chicletes.

Anthony tentou impedi-la.

— Ela não quer *comer pizza*. Só quer mais dinheiro. Não temos mais dinheiro.

— Não, moço. Quero mesmo uma *pizza*. Posso chamar um amigo? — Então ela fez um sinal para um garoto agachado bem em frente ao Pizza Hut.

— Claro que pode — eu disse. — Onde comem dois, comem quatro.

Mais quatro amigos, além do primeiro, apareceram no caminho entre a loja de eletrônicos e a pizzeria.

O garçom teve de juntar duas mesas para que todo mundo coubesse. Depois entregou um cardápio para cada duas pessoas porque não havia cardápios suficientes para todos. Eles fazem uma *pizza* que é dois centímetros maior que a *pizza* normal e que sobe até a borda da forma. Ela se chama "Pan Pizza". Pedi uma Pan de frango com muito queijo, e a vendedora de chicletes também. Dois dos amigos dela pediram a Pan de milho com *bacon*. Outro pediu a de anchovas.

Anthony e os outros dois pediram uma Pan especial, que vinha com todos os tipos de carne.

Todos nós pedimos pão de alho, com muito alho. E todos fomos até o bufê de saladas.

Impressionante. Eu nunca tinha visto tanta comida junta desde a minha primeira comunhão. Seis refeições equivalem a seis boas ações, que decerto equivalem a seis degraus na escada para o céu.

— Incrível — eu disse. — Anthony falou que não tinha gente pobre nessa região por causa do preço das casas, mas vocês estão bem aí na nossa frente!

Todos eles queriam sobremesas. Anthony negou, mas depois viu que a pizzeria tinha uma Fábrica de Sorvetes — a gente mesmo tira o sorvete de uma máquina amarela e depois pode colocar raspas de chocolate ou milhares de bolinhas de *marshmallow* por cima, além de três tipos diferentes de caldas. O máximo. Fiquei pensando se as sobremesas equivaleriam a seis boas ações adicionais. Nesse caso, eram 12 degraus.

— Você viu? — eu disse assim que entramos no ônibus. — Ajudamos os pobres e ainda comemos aquelas coisinhas de *marshmallow*. Isso é o que a gente devia fazer todos os dias.

A conta ficou em 175 pilas. Anthony pegou a calculadora e calculou quantas vezes a gente teria de fazer isso para se livrar do dinheiro todo.

— 1.303,51 vezes. Isso significa 1.300 idas ao Pizza Hut. Os quebrados ficam por conta das gorjetas. E você sabe quantos dias a gente ainda tem pra gastar o dinheiro?

A resposta era 12.

Para quem tem uma ideia na cabeça, 12 dias é tempo suficiente. E eu tinha uma ideia brilhante, que teria funcionado muito bem se não fossem as pessoas.

Os santos dos últimos dias se vestiam todos da mesma maneira — camisa branca e paletó preto — e carregavam pastas iguais, pretas e elegantes.

Sempre saíam de casa juntos, andando em fila; quando passavam por alguém, balançavam a cabeça, um de cada vez, como patinhos num estande de tiro ao alvo. Anthony achava que eles chamavam muita atenção.

— Olha só pra eles — ele disse certa vez. — Parecem pinguins num parque de diversões. E você sabe aonde eles vão com aquelas pastas, não sabe?

— Claro que sei. Ajudar os pobres! — Não sei como não tinha pensado nisso antes. Eles chamavam a si mesmos de santos. Não devia ser à toa. — É isso, eles vão ajudar os pobres.

— Vão à lavanderia. Olha lá.

Era verdade. Olhando com cuidado, a gente sempre via uma pontinha de cueca saindo pelas frestas das pastas pretas e elegantes. Então eles não tinham máquina de lavar roupa, nem carro. Os três viviam na mesma casa e, durante o dia, saíam juntos, como os 12 apóstolos. Mas, na minha opinião, sabem o que eles eram? Degraus na escada para o céu, esperando para serem escalados. Esta era minha ideia brilhante: dar o dinheiro aos santos dos últimos dias.

No dia seguinte, depois da escola, sentei no muro da casa deles e esperei até que o primeiro chegasse em casa.

— Boa tarde — eu disse. — O senhor ajuda os pobres?

— Que pobres? Como? — Ele tinha um sotaque forte, como os jogadores de futebol importados de outros países. Talvez fosse da Suécia ou da Holanda.

— Qualquer pobre.

— Você está pedindo uma doação?

— Não.

— Não guardamos dinheiro em casa. Não se deixe enganar por nossas roupas respeitáveis. Vivemos uma vida modesta. Não temos lava-louças. Nem TV a cabo. Nem forno de microondas, embora, pessoalmente, eu não veja um bom motivo para isso. E, é claro, também não temos carro.

— Então vocês são pobres?

— Em certo sentido, sim.

Consegui enfiar sete mil libras na caixa de correio deles quando saí de casa à noite para jogar o lixo fora. Era difícil passar as notas pelo buraco, e, como aquilo estava demorando horas, rezei por ajuda. São Nicolau apareceu e sugeriu que seria mais fácil jogar o dinheiro pela chaminé. Tive de explicar a ele como funciona um sistema de aquecimento solar. Já tínhamos enfiado umas quatro mil libras quando o santo começou a se aborrecer e a ficar mal-humorado. Aquela era a época do ano em que ele ficava mais ocupado. Ele disse:

— *Noli sollicitum esse. Pauperes semper nobiscum erunt.* (Não se preocupe. Os pobres sempre estarão entre nós.)

E depois andamos até minha casa. Perguntei a ele se já tinha conhecido uma certa santa Maureen.

— *Quis?*

— Maureen.

— *Dubito, esti raro in publicutn prodeo.* (Creio que não, mas também quase não saio de casa.) — A não ser nesta época do ano, é claro.

— *Sane.*

Se quinhentas libras equivalem a um degrau, então quatro mil equivalem a oito. E ainda ajudei Papai Noel no trabalho dele! O máximo!

Eu estava numa onda de sorte. Nem fiquei surpreso quando localizei mais um degrau no pátio da escola antes de entrarmos nas salas. Quando soou o segundo sinal, todos os alunos entraram em fila, e eu fiquei na frente de Barry. Ele se aproximou da minha orelha e disse: — Pringles.

Passei o tubo de batatinhas para ele. A garota das lindas trancinhas africanas estava na fila ao lado.

— Por que você não compra suas próprias batatinhas? — ela perguntou a Barry.

— Não preciso. Como as batatinhas dos outros. — Barry abriu o tubo de Pringles e piscou o olho para mim.

Foi essa piscada de olhos que me abriu a cabeça.

Pensei: mais um degrau, bem diante do meu nariz!

— Barry, você é pobre? — perguntei.

A pálpebra esquerda de Barry ainda não havia subido inteiramente. Tremeu um pouco durante a pergunta e depois subiu, subiu e subiu, até se arregalar.

— O quê?

— Você é pobre?

Barry acertou um murro bem na minha cara.

Lembrei que minha obrigação era oferecer a outra face. E então ele acertou o meu estômago. Tive de sentar no chão para recuperar o fôlego. Barry levantou a sola do sapato na altura do meu rosto e disse:

— Tá vendo este sapato? O que está escrito nele?

Estava escrito "Rockport".

— Acha que eu teria sapatos Rockport se fosse pobre? — ele perguntou. Depois chutou meu rosto.

Fiquei sem respirar pelo nariz por um fim de semana muito, muito comprido.

Pode parecer que essa minha tentativa de ajudar os pobres tenha sido um retumbante fracasso, mas, olhando por outro lado, o que conta mesmo são as intenções. E uma boa intenção deve valer pelo menos um degrauzinho. Além do mais, fui vítima de perseguição, o que é ótimo. Cinco degraus, no mínimo. Aliás, durante os minutos que permaneci caído no chão do pátio, fiquei assim, meio zozzo, como se fosse flutuar em direção ao céu. Anthony disse que isso era resultado da mudança da pressão do ar dentro da cabeça, por causa do sangue que havia escorrido pelo nariz.

E foi esse mesmo sangue que fez com que a garota das lindas trancinhas começasse a gritar. O sr. Quinn correu para ver o que era. Barry não parava de repetir:

— O senhor sabe o que ele disse? O senhor sabe o que ele disse?

O sr. Quinn mandou Barry para a sala do diretor e pediu para a garota de trancinhas africanas me levar a um lugar tranquilo e esperar até que eu recuperasse o equilíbrio. Ela buscou um copo d'água e ficou ali, conversando comigo. Disse que se chamava Gemma e fez um monte de perguntas, como "Pra que time seu irmão Anthony torce?", "De que tipo de música seu irmão Anthony gosta?" e "Seu irmão Anthony sabe que eu vou ao parque aquático todo sábado de manhãzinha porque eles dão desconto de 50% pra quem chega antes das nove horas e ele pode me encontrar lá se quiser?"

No caminho para casa, perguntei a Anthony: — O que há de tão especial nos sapatos Rockport?

— Taí! Ótima ideia! A gente pode comprar um par de Rockports pra cada um!

— Mas pra quê?

— Eles são ótimos. A gente não precisa amarrar, basta enfiar os cadarços pra dentro. Tecnologia de ponta, meu amigo!

— E machucam pra caramba quando alguém te chuta com eles.

— Resolvido. Essa vai ser a nossa próxima compra.

Para minha surpresa, havia também uma santa Gemma. Gemma Galgani (1878-1903). Ela dizia coisas quando entrava em êxtase e ficava dias e dias sem comer. O dia de santa Gemma é 11 de abril. Eu estava no eremitério, procurando jejuar um pouquinho, quando de repente ouvi: — Tem alguém aí?

Olhei para ver quem era. Do lado de fora estava um homem de barba malfeita, vestindo uma jaqueta Tommy Hilfiger.

A barba malfeita me fez lembrar são Damião de Molokai, que era um homem rústico, porém de muito bom coração. Mas a jaqueta Tommy Hilfiger não era coisa de santo. Definitivamente não era Gemma Galgani.

— Não sei quem você é — eu disse.

— Também não sei quem você é — ele disse.

Tentei fitá-lo diretamente, mas percebi que os olhos dele apontavam em direções diferentes: um apontava para mim, e o outro, ligeiramente para a esquerda. Não sabia para qual deles olhar.

— É seu? — ele perguntou, mostrando o eremitério.

Fiz que sim com a cabeça.

— Muito bom. Perto da ferrovia. O que tem aí dentro?

Ele inclinou o tronco e olhou para baixo. Não viu as patinetes nem a Airzooka porque elas ainda estavam escondidas sob o cobertor xadrez. Depois esticou o braço e começou a vasculhar minhas coisas. Acabou encontrando a bisnaga.

— O que é isto?

— Hidrabase.

Ele balançou a cabeça, olhou ao longe e jogou a bisnaga de volta.

— O que o senhor está procurando?

— Dinheiro. Por acaso sabe de alguma coisa?

Inacreditável. Ali estava a segunda oportunidade do dia.

— Você é pobre? — perguntei.

— O quê?

Nesse mesmo instante, ouvi um ruído alto, seguido de uma voz que parecia falar ao telefone: — Damian... Damian...

Até eu mesmo fiquei assustado, mas o homem de barba malfeita quase deu um pulo.

— Que diabos foi isso? — ele perguntou.

Mostrei a ele meu relógio *walkie-talkie*.

— É o meu irmão. Minha vez de pôr a mesa. Não sai daqui.

— Ei, espera...

— Eu não demoro. Daqui a pouco eu trago.

— Traz o quê?

— O dinheiro. Tenho uma montanha de dinheiro.

Fui correndo para casa.

Anthony havia saído para o jardim porque o *walkie-talkie* não pegava dentro de casa. Bem, pegava sim, mas com interferência das estações de rádio. Debruçado sobre a cerca, ele olhava para a ferrovia. O homem ainda estava lá, de pé, ao lado do eremitério.

— Quem é ele?

— Um pobre. Mais um. E você achava que não tinha pobres por aqui...

— Ele está esperando o quê?

— Vou dar algum dinheiro a ele.

Segui em direção à casa, mas Anthony me puxou pelo braço.

— O que foi que você disse?

— Disse que tinha uma montanha de dinheiro.

— Caramba, Damian!

— O que foi?

— Nada, nada. Deixa comigo.

Anthony entrou em casa e buscou a garrafa grande onde guardávamos as moedinhas. Ela pesava uma tonelada.

— Vamos dar isto a ele.

— A gente não pode dar umas quinhentas pratas também?

— Não, não pode.

— Por que não?

— Depois eu te explico. Agora vem.

Voltamos para a ferrovia. O homem esperava por nós e olhou para Anthony quando ele ofereceu a garrafa de moedinhas. Mas talvez tivesse olhado para mim.

— Aqui está — disse Anthony. — Uma montanha de dinheiro. Faz anos que a gente vem economizando. Para dar aos pobres. A gente gosta de fazer caridade. Toma, é sua.

O homem não se mexeu. Anthony colocou a garrafa sobre a grama.

— Agora a gente precisa ir. Hora do lanche.

O homem não disse nada, nem tocou na garrafa.

Ficou parado onde estava, olhando para nós enquanto atravessávamos o campo de volta para casa.

— Acho que não demos dinheiro suficiente.

— Tinha bastante na garrafa — disse Anthony. — Vamos dar a volta e entrar pela porta da frente.

Não quero que ele saiba onde a gente mora.

— Por que não?

— Porque é perigoso. Você precisa tomar mais cuidado. Tem muitas pessoas gananciosas no mundo,

Damian. O dinheiro faz com que elas se comportem de maneira estranha. É preciso muito cuidado. Você contou a mais alguém?

— Bem, contar, não contei.

— O que você fez então?

— Tentei fazer caridade.

— Damian...

Mas então Anthony se calou. Estávamos chegando ao asfalto quando um táxi passou por nós e estacionou mais adiante. Um de cada vez, os santos dos últimos dias saíram do carro — os santos e suas compras mais recentes. Um deles carregava um forno de microondas; outro, um liquidificador; e o terceiro, um massageador de pés. Anthony ficou tão surpreso que se sentou no muro para continuar olhando.

Melhor que tivesse entrado. Nesse caso, não teria visto uma *van* estacionar em frente à casa dos santos e entregar um aparelho de DVD, uma máquina de lavar louça, um *video game* e *duas* televisões de plasma. Não ficou aborrecido porque eu tinha dado o dinheiro aos santos, mas porque eles tinham *conseguido* gastar o dinheiro.

— Olha só as coisas que eles compraram! E o que foi que a gente comprou? Um monte de porcarias!

Porcarias que as pessoas acabariam dando pra uma instituição de caridade qualquer. Duas televisões, uma máquina de lavar louça...

Anthony listou tudo o que os santos haviam comprado. Fez isso dez vezes, como se rezasse um terço. Uma impressionante demonstração de boa memória.

— Eu não sabia que eles iam comprar uma televisão. Achei que fossem dar o dinheiro a alguém. Afinal, eles deviam levar vida de santo.

Achei que fossem dar tudo aos pobres. Achei que eles *eram* pobres.

— Damian, raciocina comigo. Se você der dinheiro aos pobres, o que acontecerá com eles? Vão deixar de ser pobres, é claro. E se eles deixarem de ser pobres, vão ser o quê? O mesmo que qualquer outra pessoa.

Então tive um pensamento preocupante: e se dar dinheiro às pessoas não servir para outra coisa senão torná-las mais gananciosas? Nesse caso, para que serve o dinheiro? O que podemos fazer com ele?

Depois do jantar, alguém bateu à porta. Papai atendeu, e lá estava um dos santos dos últimos dias, Eli, carregando uma caixinha e aparentemente muito ansioso. Anthony e eu estávamos lavando a louça. Olhamos um para o outro, preocupados.

— Provavelmente veio pedir mais dinheiro.

Eli disse que queria trocar uma ideia conosco. Em seguida, abriu a caixinha e tirou de dentro dela uma câmera minúscula.

— É uma câmera de segurança. Para circuito fechado de televisão. É fácil de instalar sobre o lintel da porta; já vem com este suporte aqui. E também não é difícil passar um cabo até o aparelho de televisão que vocês têm na sala.

— Nossa *única* televisão — disse Anthony.

Eli nem percebeu o sarcasmo.

— Estamos muito preocupados com a grande probabilidade de assaltos nesta região. Terry disse que viu um sujeito esquisito andando por aí, e é claro que precisamos proteger nossas casas. Este tipo de câmera pode ser muito útil nesse sentido.

Compramos mais duas iguaizinhas a ela. Gostaríamos de instalar uma delas de modo que pudéssemos ter uma visão ampla da entrada da rua, da garagem da casa de vocês até a casa de número 3. A posição ideal seria sobre a porta desta casa. Estariam dispostos a colaborar com a segurança da nossa comunidade?

— Achei que vocês não se preocupassem com assaltos — eu disse. — Achei que não ligassem para bens materiais.

— Bem, em certo sentido você tem razão. Mas se não cuidarmos da segurança, estaremos contribuindo para a ganância dos ladrões, certo?

Estaremos induzindo os ladrões ao pecado.

Seremos parceiros do pecado. As câmeras vêm com lâmpadas halógenas reativas, que acendem automaticamente quando alguém passa por elas.

— Muito interessante — disse papai. Quanto a mim, achei melhor ir dormir.

Deitado na cama, eu ouvia papai subir e descer da escada portátil enquanto furava a parede para instalar o suporte da câmera de vigilância. Depois de um tempo, adormeci. Parecia que eu já tinha dormido durante horas quando ouvi alguém nos chamar. Anthony e eu descemos apressadamente para ver o que era. Papai estava superagitado.

— Sentem-se ali — ele disse, apontando para o sofá.

Obedecemos. Papai ligou a televisão e começou a zapear os canais.

— Um, dois, três, quatro, cinco e... agora...

O canal seis mostrava a imagem da garagem da casa de número 3; com um Papai Noel de tamanho natural do lado de fora.

— Estes são os canais de sinal aberto, mais o canal de circuito fechado. Até aí tudo bem. Agora vejam: sete, oito, nove, dez...

Papai passou por todos os novos canais, com um enorme sorriso de felicidade estampado no rosto.

Anthony também sorriu e disse: — Que ótimo, pai! Como foi que o senhor conseguiu isto?

— Eu estava instalando a câmera de vigilância e de repente estes canais novos surgiram do nada!

Talvez a câmera funcione como uma espécie de antena! Talvez seja um milagre! — Fazia muito tempo que papai não ria tanto assim. — Obrigado, Senhor!

Expliquei que santa Clara era a padroeira da televisão.

— Se foi milagre, então foi ela quem fez.

— Certo. O que vocês querem assistir?

Todos juntos dessa vez, começamos a assistir a uma repetição do campeonato mundial de cabo-de-guerra de caminhões gigantes. Mas logo papai caiu no sono. Não sabíamos o que fazer com ele.

Não conseguiríamos carregá-lo para cima. Então tiramos seus sapatos, esticamos suas pernas no sofá e buscamos um cobertor para cobri-lo.

Ficamos na dúvida se devíamos desligar a televisão ou não. Eu perguntei: — Será que a gente não podia contar sobre o dinheiro, só pra ele ficar feliz?

— Se quiser que ele fique feliz — respondeu Anthony —, conta uma piada.

Do lado de fora, a lâmpada halógena reativa piscava sem parar. Não fazia efeito nenhum sobre os gatos.

Raciocinando em termos puramente lógicos: se for errado dar dinheiro às pessoas, então será certo tirá-lo delas. Se for certo tirar dinheiro das pessoas, então ladrões e assaltantes serão boas pessoas, o que não está certo. Portanto, *não* é errado dar dinheiro; precisamos apenas encontrar as pessoas certas.

E eu tinha somente mais dez dias para encontrá-las.

Toda semana, na aula de artes, o sr. Quinn escreve um título no quadro-negro, e a gente pode fazer um desenho, uma colagem, uma escultura, qualquer coisa. Nesta semana, ele escreveu "Se eu ganhasse um milhão de euros de Natal...". Muito obrigado, sr. Quinn.

Todos correram para a caixa de canudinhos dobráveis — as esculturas de canudinhos eram a mais recente sensação do semestre — e começaram a construir iates, casas, carros, tudo.

Quanto a mim, não conseguia despregar os olhos de uma folha de papel em branco. Olhei durante tanto tempo que achei que fosse cair nela e ser engolido pelo branco cristalino.

— Se estiver faltando inspiração, posso fazer um desenho pra você. — Era Tricia Springer, a melhor artista da turma.

— Pode mesmo, jura?

— Claro. Posso desenhar um iate, um carro ou uma casa. Foi isso que a maioria das pessoas escolheu. Ou então a gente podia fazer uma coisa bem diferente: um foguete, uma tropa de cavalos ou uma bela fazenda.

— Não consigo pensar em nada. O que você quer desenhar? — Posso desenhar cavalos sem copiar. Cinquenta pilas cada.

— Como assim?

— Um cavalo por cinquenta, dois por cem, e uma tropa inteira, sei lá, por trezentos. Podemos dar um desconto pra qualquer coisa acima de seis.

Claro que não vou desenhar todas as patas, pois algumas vão ficar escondidas.

— Por que é tão caro assim?

— Não é caro. Você deu dez pratas só pra alguém buscar o almoço pra você no outro dia. É o meu talento que você tá comprando agora. Sou a melhor artista da sala.

— Quando aluguei sua bicicleta, você disse que não precisava de dez libras.

— Os tempos mudaram. O que a gente consegue comprar com dez libras nesta escola hoje em dia? Nada mais que dez minutos no GameCube do Keegan. E tudo por culpa sua.

Dei a ela cem pilas para dois cavalos sem sela, mas com algumas montanhas ao fundo.

Discuti o assunto com Anthony na hora do recreio.

— É horrível. Todo mundo tem dinheiro, mas ninguém está mais rico, porque todo mundo cobra mais pelas coisas. Cem pratas por um desenho! E

com caneta Hidrocor! Se fosse tinta, seria ainda mais caro.

— Ela é boa em artes?

— Essa não é a questão.

— Pra mim, é. O ano tá quase acabando. Papai vai querer ver minha maquete da ilha secreta dos Thunderbirds, aquela que me valeu o futebol miniatura como prêmio.

— Ela é a melhor da turma.

— Quem é ela?

Apontei para Tricia. Anthony acabou pagando mais cem pratas pela maquete, e ela pediu um adiantamento de cinquenta, embora a maquete não ficasse pronta antes da última semana do ano.

— Vai valer a pena — ele disse. — O que acha dos meus sapatos Rockport?

Anthony mostrou os sapatos novos. Eram vermelhos, e os cadarços estavam enfiados nas bordas.

— Papai não vai notar que você comprou sapatos novos? — perguntei.

— Papai nunca nota nada. Mas não sei se estou gostando deles. Agora que todo mundo tem dinheiro, todo mundo tem sapatos Rockport. Eles não têm mais o prestígio que tinham antes.

— Preciso refletir um pouco sobre as coisas — eu disse.

Atravessei o pátio, caminhando com os olhos baixos. Só então percebi que eu era o único aluno que não tinha sapatos Rockport.

Depois da escola, resolvi passar no eremitério antes de entrar em casa. No entanto, assim que atravessei a cerca de azevinhos, fiquei boquiaberto com o que vi. O eremitério estava todo achatado. Não estou dizendo que ele foi derrubado pelo vento ou arruinado pela chuva.

Estou dizendo que alguém arrancou todas as fitas adesivas, pedacinho por pedacinho, e dobrou todas as caixas. Até o cobertor xadrez estava perfeitamente dobrado. As patinetes estavam fora das caixas, e as caixas das patinetes também estavam dobradas por cima das outras. Tudo estava na mais perfeita ordem, exceto minha imagem de São Francisco, que havia sido quebrada em milhões de pedacinhos e jogada sobre a lama.

Eu já estava suficientemente assustado quando percebi a presença de alguém atrás de mim. Assim que me virei, vi um homem alto, vestindo uma túnica azul brilhante.

— São Carlos Lwanga (ordenado em 1885), mártir de Uganda — eu disse.

— Isso mesmo. — São Carlos estendeu a mão para mim. Estava coberta de sangue. — Sinto muito pelo sangue. Fui decapitado, você sabe.

— Sei. Foi você quem dobrou as caixas?

— Não. Mas podemos armar tudo de novo. Tem muita gente pra ajudar.

Só então percebi que todos os outros mártires de Uganda também estavam lá. Vinte e dois ao todo. Eles vestiam roupas maravilhosas e acenavam para mim.

— A decapitação era muito comum em Uganda naquela época. Muitos de nós trabalhávamos no ramo da construção antes de virarmos mártires.

Faremos o que for possível pra reconstruir seu eremitério, mas não posso prometer nada. O desmanche foi muito bem-feito.

— Sabe quem fez isso?

São Carlos Lwanga olhou ao longe.

— Tenho mãos para ajudar, mas não tenho dedos para apontar culpados. Terá de descobrir sozinho.

Então todos os mártires se puseram a trabalhar na reconstrução do eremitério, cantando a mais linda canção que já ouvi em toda a minha vida. A melodia subia e descia como as ondas do mar; de vez em quando, uma das vozes sobressaía às outras, como um pássaro cruzando o horizonte durante o crepúsculo. Enquanto eles cantavam, dois papagaios-cinzentos pousaram sobre a cerca da ferrovia, como se quisessem ouvir.

— São pássaros da minha terra — disse o santo. — Foi você quem os libertou?

— Foi. Como São Francisco de Assis. Do que fala essa música?

— Fala da água. Hoje, em Uganda, as pessoas precisam pagar pela água. Às vezes pagam até 10% da renda delas. Maldita privatização. Nem me fale de FMI ou de Banco Mundial, aqueles crápulas.

— Tá bem, não falo.

— As pessoas não têm dinheiro para lavar as próprias mãos, então pegam doenças. Não é preciso hospitais e medicamentos sofisticados pra melhorar a saúde das pessoas. Basta água limpa.

Você sabia que é possível cavar um poço artesiano por apenas mil libras?

— Não, não sabia! Essa é a melhor notícia de todos os tempos! Verdade?

— A mais absoluta verdade.

Anthony também ficou superanimado quando soube da novidade. Ele pesquisava um *site* de compras

na internet e olhava para a tela enquanto a foto de um Scuba Scooter (uma motocicleta submarina, de £325,00, mais impostos e frete) terminava de carregar.

— Fantástico! — ele disse. — Então a gente podia comprar dois poços!

— Minha ideia era comprar 220.

Anthony mordeu os lábios.

— Ah.

— Isso mesmo. Conheço uma ONG. Eles cavam poços. A gente dá o dinheiro, e eles constroem os poços. E assim acabam os nossos problemas!

— E como a gente vai mandar o dinheiro pra eles?

Você acha que é possível pôr 220 mil pilas no correio? Já viu o quanto pesam aquelas notas?

Vem cá, quero te mostrar uma coisa. Tá vendo este *site*? Eles vendem motos de quatro rodas, e *scooters* submarinos também. Nosso dinheiro é suficiente pra comprar uma frota inteira dessas máquinas. Mas a gente pode comprar? NÃO!

Porque a gente não tem cartão de crédito. E nas lojas, ninguém venderia nada pra duas crianças como eu e você. Como se chama a sua ONG?

Ela se chamava Water Aid. Pesquisando no Google, descobrimos que a sede ficava na cidade de Shrewsbury.

— Então me diz, como é que a gente vai transportar uma sacola de dinheiro até Shrewsbury.

— Eles vêm buscar — respondi. — Lembra aquele armário velho que a gente doou quando se mudou de casa? Eles foram buscar. Aposto que a ONG da água pode fazer a mesma coisa.

Anthony ficou olhando para mim. Sabia que eu tinha razão. Então voltou para o Google.

— Vou ligar pra eles agora mesmo, o que você acha?

— Tudo bem. Se é isso mesmo que você quer fazer com o nosso dinheiro...

— Claro que é! Por acaso você sabe o quanto os poços são importantes para as cidades na África?

Vou te contar...

— São muito importantes, eu sei. Além disso, a Índia não é problema seu. Ou é?

— Como assim?

— Bem, eles precisam de poços na Índia também.

E no Afeganistão. As pessoas estão desesperadas no Afeganistão. Mas se você prefere a África...

Anthony buscou a foto de uma menina iraquiana; ela estava de pé sobre uma pilha de entulhos e tinha o rosto todo empoeirado. Depois mostrou a foto de um menino de Kosovo, que tinha uma perna só. E outra de um bebê de Moçambique, que tinha uma barriga enorme.

— Como você mesmo disse, Damian, pra que se importar com eles?

— Eu não disse isso. Talvez a gente pudesse dividir o dinheiro... Ou então...

— Aliás, você sabia que uma injeção que custa menos de uma libra pode evitar que uma pessoa pegue vermes pelos olhos? Essa doença é conhecida como a "cegueira dos rios", e é muito comum nos países pobres. Com mais de 200 mil libras, a gente podia praticamente acabar com ela em todo o planeta.

— Bem, isso seria ótimo, mas...

— Mas o quê?

— Agora já não sei mais o que fazer.

— Então pensa.

Sentei na beira da cama, olhando para o carpete.

Olhei por tanto tempo que cheguei a achar que a cama se movia.

— Não disse pra você pensar agora. Talvez seja melhor você decidir amanhã.

Olhei para Anthony. Ele estava com os olhos pregados na tela do computador, diante da foto de uma mulher. Sei lá, alguma coisa que ele havia encontrado no Google.

— O que você tá fazendo?

— Tá vendo essas mulheres aqui? A gente também pode comprar. Olha só, esta aqui se chama Victoria. Preço: £39,99.

— Deixa eu ver. Tem certeza?

Anthony não deixou que eu me aproximasse.

— É um *site* de calcinhas e sutiãs. Um colírio para os olhos. Olha só. — E então Anthony deu mais *zoom* sobre um sutiã de renda. A tela foi inundada por uma onda de *pixels* pretos e vermelhos. — Tá vendo esse morrinho aqui? É o bico do peito dela.

Na minha opinião, eram apenas mais *pixels*. — Serve pra quê?

— Bem, pra alimentar os bebês.

— Mamãe tinha um também?

— Tinha dois. Todas as mulheres têm dois.

— Ela alimentava a gente com eles?

— É. Eu me lembro.

— Você não se lembra de quando era bebê.

— Mas lembro de você. Da mamãe alimentando você.

Olhei para Victoria por mais alguns instantes.

Mesmo depois de Anthony desligar o computador, eu ainda podia ver a imagem dela na minha cabeça. Deitado na cama, fiquei pensando: seria o máximo se a gente mandasse os £39,99 e ela viesse; depois, ela levaria a gente de carro para Shrewsbury, e nós três poderíamos ser excelentes juntos. Todo mundo, direto para o topo da escada!

Em termos puramente físicos, a água é uma coisa impressionante. Nossos corpos são 80% água. E a superfície da Terra é quase 70%; vista do espaço, ela parece uma gota d'água. Em termos puramente econômicos, quase tudo que é valioso, como o ouro e as pedras preciosas, é valioso porque é escasso. No entanto, há mais água em nosso planeta do que qualquer outra coisa, mas ela é ainda mais valiosa que o ouro. Tão valiosa que, nas regiões mais áridas, algumas pessoas se dispõem a passar o dia inteiro percorrendo distâncias enormes apenas para buscá-la. Em alguns países, as mulheres saem de casa de madrugada para que possam voltar a tempo de preparar o café da manhã. Ninguém faria isso por causa de ouro. Além do mais, o ouro e as pedras preciosas têm valor mesmo quando não são totalmente perfeitos. Mas com a água não é assim.

Em termos puramente químicos, se a água tiver a quantidade errada de sal ou de toxinas, uma pessoa pode morrer de sede bem ao lado do oceano. Se dermos uma quantidade suficiente de água às pessoas, podemos mudar a vida delas. Se aquelas mulheres não tivessem de sair de casa tão cedo, imaginem só o tempo que teriam disponível para brincar com os filhos ou simplesmente para dormir. Se levamos um pouquinho de água a uma fazenda, as pessoas podem plantar milho, criar galinhas e ter o suficiente para comer. Mas se levamos uma quantidade maior, elas podem plantar ervilhas, bananas, abacaxis, mangas, batatas-doces, árvores de eucalipto, qualquer coisa; assim, elas conseguem ganhar um dinheirinho, podem mandar os filhos para a escola, e nunca ficam pobres de novo.

Eu via tudo em minha mente: uma trilha de água atravessando o deserto e, nas margens, brotos brotando, folhas se multiplicando, capim ondulando com o vento, frutas ficando cada vez mais gordas, e o deserto ganhando vida como um desenho que a gente vai colorindo aos poucos.

Depois acordei e percebi que tinha molhado a cama.

Eu não fazia isso desde que mamãe havia partido para o lugar melhor. Felizmente, papai já tinha saído para o trabalho, e Anthony ainda estava dormindo. Tirei a roupa de cama e coloquei tudo dentro da máquina de lavar (água quente, roupas coloridas, tecidos delicados), junto com algumas toalhas e meu pijama. Achei que aquilo tudo poderia servir como mortificação, mas, assim que apertei o botão de ligar, senti uma vontade danada de voltar para a cama. Mas não voltei, porque a cama estava sem lençol e eu tinha de ir para a escola. Ainda bem, pois foi justamente nesse dia que, pela primeira vez, vi Dorothy.

Acho que talvez eu a tenha visto antes de qualquer outra pessoa. Eu estava pendurando o paletó do uniforme quando ela passou, conversando com o sr. Quinn. Ela usava trancinhas africanas como as de Gemma e era tão elegante quanto as vendedoras de cosméticos nas lojas de departamento. Carregava uma espécie de urna, que mais parecia um robô.

Quando tocou o sinal, disseram que a gente deveria ir para o pátio, e não para as salas, pois tínhamos uma visita especial.

— Separados por turma, e em silêncio, por favor — disse o sr. James, o diretor. Ele usava uma gravata de renas.

Os alunos corriam para lá e para cá, tentando se organizar, quando de repente alguém na fila da terceira série gritou. Todo mundo ficou na ponta dos pés ou tentou se aproximar para ver o que era.

— Pessoal... pessoal... — disse o sr. James. — Por favor, afastem-se para que todos possam ver. — E então ele piscou os olhos para a mulher elegante, que havia subido no palco junto com ele.

Fizemos um grande círculo; dentro dele estava Shumita e a pequena urna que eu havia visto antes. Nada muito interessante. Até que a urna falou:

— *Como você se chama?*

— Caramba! — disse Shumita.

— *Olá, Caramba* — disse a urna, e todo mundo caiu na gargalhada.

— Meu nome é Shumita! Shumita!

— *São lindas as suas tranças, Shumita* — disse a urna.

— Incrível! Ela está me vendo! Como é que pode?

— *Não tenha medo. Vim em missão de paz.* — A urna tinha uma voz suave e agradável.

Um dos garotos da quarta série empurrou os colegas e se aproximou para ver melhor. A urna disse:

— *Sem tumulto, por favor. Sem tumulto.*

— Muito sinistro — disse o garoto da quarta série.

— *Como você se chama?* — perguntou a urna.

— Como é que ela faz isso?

— *Como vai, Como-é-que-ela-faz-isso?*

Olhei na direção do palco. O sr. James ria de orelha a orelha. A mulher elegante parecia falar baixinho consigo mesma; tampava um dos ouvidos e segurava perto da boca um objeto parecido com uma caneta.

Não quero dar uma de esperto, mas sabia que era a mulher quem operava a urna, e que era a voz dela que a gente escutava. Ela guardou o objeto-parecido-com-caneta no bolso e pediu a Shumita que levasse a urna até o palco.

Todo mundo ficou calado, esperando que ela explicasse o que era aquilo.

Mas em vez de explicar, ela perguntou bem alto: — Quem aqui se interessa pelos pobres?

Mal acreditei no que ouvi.

Levantei a mão na mesma hora. E todo mundo levantou também, o que significa que nem todo mundo é lá muito honesto. Ela começou a falar sobre o euro e sobre a substituição da moeda.

Perguntou se alguém sabia quanto valia uma libra em euros. Todo mundo sabia. Depois perguntou quanto valiam dois centavos. Ninguém levantou a mão.

— Bem, então eu mesma vou responder. Dois centavos valem... muito pouco dinheiro. Quantas pessoas tem aqui? Vamos contar?

Ela começou a contar, apontando para nossas cabeças. Mas quando chegou à décima terceira, falou: — Acho que contei você duas vezes.

— São 368 alunos — disse o sr. James. — Estão todos aí.

— Muito obrigada, diretor. Então, quanto é 368 vezes dois? Levantei a mão porque queria que ela ouvisse a resposta da minha boca. Ela apontou para mim, e só então percebi que não sabia o que dizer. Foi o nosso Anthony quem respondeu: — Setecentos e trinta e seis.

— Correto. Sete libras e 36 centavos, o que em euros equivale a... dez euros e 37 centavos. Bem, em nosso país isso também não é muito, mas, na Etiópia, uma pessoa pode usar esse dinheiro para comprar um saco de sementes de milho que dará sustento à sua família até o fim do outono. Imaginem só. Apenas dois centavos por aluno. O que aconteceria, então, se cada um de vocês doasse quatro centavos? Qual seria o total?

Levantei a mão e disse: — Vinte euros e 74 centavos.

— Perfeito. Isto aqui é pra você.

Era uma maquininha de calcular, no formato de um pato, para facilitar a conversão de libras em euros. Tive de subir ao palco para receber o presente. A mulher elegante continuou falando, mas fez um carinho na minha cabeça antes que eu descesse de volta.

— Mas e se, juntos, vocês doassem sete euros e cinquenta centavos todos os dias, de hoje até o final do ano letivo? O que seria possível fazer com esse dinheiro? Aposto que daria para construir um poço artesiano!

— Daria, sim! — gritei.

Ela olhou para mim e, sorrindo, disse: — Bem, parece que alguém aqui gostou muito da ideia. Porque

a ideia é boa mesmo.

A mulher fez mais um carinho na minha cabeça quando passou por mim; depois começou a dar diversas informações "sobre os poços artesianos, mas não disse nada que eu já não soubesse. Eu simplesmente balançava a cabeça a cada palavra que ouvia.

— Nossas moedinhas não valem quase nada em euros. Mas valem muita coisa para os necessitados. Então vamos lá... MOEDINHAS NA URNA!!!

Os alunos começaram a doar moedinhas só para ouvir a urna dizer "*Obrigado*", ou então "*Só isso? Aposto que você tem mais*".

Quando chegou minha vez, a urna perguntou: — *E você? Como se chama?*

— Damian — respondi.

— *Tem alguns trocados aí, Damian?*

Fiz que sim com a cabeça e olhei para a mulher em cima do palco. Ela olhava diretamente para mim. Sem deixar que os outros vissem, enfiei na urna todo o dinheiro que eu tinha no bolso e olhei para o palco outra vez. A mulher piscou os olhos, e a urna foi embora.

Anthony apareceu ao meu lado e sussurrou: — O que foi que você fez?

— O mesmo que todo mundo.

Coloquei dinheiro na urna.

— Quanto?

— Só o que tinha nos bolsos.

— Quanto?

— Umás duas mil libras. Talvez três.

— Três mil! Por que você trouxe três mil libras pra escola?

— Em caso de necessidade. Só isso. Mas você não entenderia.

— Você não concorda que é muito suspeito?

— Não é suspeito. É só estranho. Por que suspeito? O dinheiro é nosso!

Anthony grudou os olhos em mim e disse: — Muito bem. Chegou a hora de você saber a verdade.

Quando chegamos em casa, Anthony foi logo me mostrando um *site* que ele havia incluído em sua lista de favoritos. Era o mais favorito de todos. O *site* dava notícias do mundo, mas sempre com um enfoque financeiro. Quando mencionava as Olimpíadas, por exemplo, informava o valor das medalhas de ouro. No arquivo de notícias antigas, havia a foto de um trem. Abaixo dela estava escrito: "Rios de dinheiro."

— Clique na foto — disse Anthony.

— Pra quê?

— Você vai ver.

Foi isto o que apareceu:

Para a maioria de nós, infelizmente, a expressão "rios de dinheiro" não passa de uma figura de linguagem. Todavia, na noite de ontem, assaltantes levaram literalmente "rios de dinheiro" em cédulas de libras esterlinas que se destinavam à incineração nas cercanias de Warrington. O roubo foi planejado com precisão militar e métodos relativamente baratos. O butim foi avaliado em £6.000.000,00.

Os assaltos mais espetaculares da história, clique aqui. O que você faria com "rios de dinheiro"?

Quadro de mensagens, clique aqui.

— O que isso tem a ver com a gente? — perguntei.

— Vai, continua lendo.

COMO PERDER £6.000.000 Veja cada passo do assalto do século *Última atualização: 1º de dezembro, 7h.*

A partir das 16h A equipe da empresa de transportes Trackfinder e oficiais da Polícia da Rede

Ferroviária armam o esquema de segurança na Plataforma 1 da estação de King's Cross e começam a carregar os vagões de um trem cargueiro com 12 toneladas e meia de cédulas de libra esterlina. O dinheiro deverá ser incinerado antes da substituição da moeda em nosso país, prevista para o dia 17 de dezembro.

18h55 O trem está devidamente carregado e pronto para partir. Os funcionários da estação são informados de que não haverá mais partidas até as 20h (taxa cobrada pela Rede Ferroviária para o isolamento do trecho entre King's Cross e Warrington: €70.000).

19h05 Uma *van* com a logomarca da Rede Ferroviária surge numa das extremidades da plataforma. Trata-se de um Ford Rascal com três anos de uso (preço de venda sugerido: €9.000).

CLIQUE EM WWW.FORD.CO.UK E CONFIRA AS MELHORES OFERTAS DE VANS E SEDANS

19h07 A *van* parte em disparada na direção dos seguranças. Os guardas se espalham. Dez homens vestindo camisetas do Newcastle United (preço de venda sugerido: €49,99) e máscaras de esqui saltam do carro e investem contra eles com tacos de beisebol, ganhando acesso aos vagões.

CLIQUE EM WWW.TOONARMYSHOP.COM E VISITE OS FORNECEDORES OFICIAIS DE CAMISETAS, FLÂMULAS E BONÉS DO NEWCASTLE UNITED

CLIQUE AQUI E VEJA AS IMAGENS GRAVADAS PELAS CÂMERAS DE SEGURANÇA DA REDE FERROVIÁRIA (ARQUIVO DE VÍDEO; REQUER QUICKTIME 5 OU VERSÃO MAIS

RECENTE) 19h12 Policiais da Rede Ferroviária (alguns deles auxiliados por cães treinados) e uma unidade especial de ação rápida estavam presentes no local. Os assaltantes voltam para a *van* e fogem a toda velocidade, em manobra de alto risco.

Permaneceram no trem por apenas noventa segundos. A empresa de segurança afirma que apenas um malote selado, cheio de cédulas, foi levado.

CLIQUE AQUI PARA VER IMAGENS DO DEPOIMENTO OFICIAL DA POLÍCIA (ARQUIVO DE VÍDEO; REQUER QUICKTIME 5 OU VERSÃO MAIS RECENTE) A partir das 19h16 Os policiais perseguem a *van*.

Numa rua de pouco movimento, os assaltantes abandonam o carro e prosseguem a pé. Os policiais desistem da perseguição nas imediações da rua Norfolk e percebem por que os ladrões escolheram agir especialmente neste dia e neste local. Ontem à noite realizou-se o jogo decisivo, classificatório para a fase final do campeonato, entre o Arsenal e o Newcastle United (39 mil espectadores, consumo médio de €40,00).

Milhares de torcedores do Newcastle lotam as ruas; muitos deles vestem a camiseta do time, idêntica às dos assaltantes, que se misturam à multidão e fogem tranquilamente.

19h40 Os policiais da Rede Ferroviária retornam ao veículo abandonado e descobrem que o malote roubado (£50.000) ainda está no banco traseiro da *van*. O dinheiro é levado de volta à estação de King's Cross.

23h50 O trem é liberado para partir. O assalto é prematuramente considerado um fracasso.

Esse era o final da página. — Pronto, já li — eu disse. — E daí?

Então Anthony pegou o *mouse* e desceu a página mais um pouco para que eu continuasse a ler.

1º de dezembro O trem chega a seu destino final, e a verdadeira natureza da operação é descoberta.

O violento incidente na estação não passou de um embuste. Dez assaltantes haviam entrado nos vagões, mas apenas nove seguiram na *van*. Um dos membros da gangue permaneceu escondido entre os malotes de dinheiro; esperou que o trem partisse e começou a transferir as cédulas para dezenas de sacolas esportivas da marca JJB (preço de venda sugerido: €42,99). Sempre que o trem reduzia a velocidade para fazer uma curva, o assaltante jogava uma das sacolas para fora. Cada sacola continha algo em torno de £250.000.

Outros membros da gangue esperavam nas curvas para recolher as diversas sacolas. Entre a estação de King's Cross e Warrington, cerca de £6.000.000

foram jogadas do trem. Durante a viagem, o assaltante tirou a camiseta do Newcastle e vestiu uma réplica do uniforme da transportadora. Na chegada, misturou-se aos operadores de empilhadeira e aos funcionários locais que descarregavam o trem, aproveitando a primeira oportunidade para fugir da estação. A divisão do dinheiro em cédulas de pequeno valor deverá facilitar a troca das libras por euros (taxa de conversão atual: 71 centavos de libra por euro) antes da data prevista para a substituição da moeda. Uma das sacolas foi encontrada nas cercanias de Nuneaton, possibilitando assim a reconstituição de toda a história. Imagina-se que as outras sacolas foram jogadas nas imediações de Crewe, Stafford, Penkridge e Watford, além de outras localidades.

CLIQUE AQUI PARA VER A ROTA DO TREM ASSALTADO, INCLUINDO AS CURVAS MAIS IMPORTANTES (Quem sabe você não encontra uma sacola também?)

Anthony leu esse último trecho em voz alta, de pé, atrás de mim. Assim que terminou, sorriu e disse: — É de tirar o chapéu.

— Chapéu de quem? Pra quê?

— Foi sensacional, não foi? Seis milhões. Em notas comuns, impossíveis de serem rastreadas. Ainda por cima, ninguém saiu machucado. O dinheiro ia ser queimado mesmo! Na minha opinião, isso nem foi um roubo. Foi uma reciclagem.

De início, não soube o que dizer. Mas depois disse: — Cala a boca!

— O quê?

— Por que você foi fazer isso? Por que não ficou de bico calado?

— Damian...

— Eu vi! O dinheiro caiu do céu!

— Você viu o dinheiro ser jogado de um dos vagões.

— Cala a boca! Cala a boca! Por que você foi me contar?

— Porque você precisava saber. Porque as pessoas que fizeram isso são perigosas. Elas jogaram o dinheiro em vários lugares do país.

Deve ser uma gangue enorme. Se um dos ladrões chegou atrasado e não pegou a sacola, o que você acha que aconteceu depois? Alguém foi lá e encontrou. Alguém como você. Acha que os bandidos vão dizer apenas "ah, deixa pra lá"? Ou acha que vão correr atrás da grana? Eles podem aparecer por aqui a qualquer momento, Damian, procurando por você. Qualquer pessoa pode ser um membro dessa gangue: um homem com olho de vidro, uma mulher com trancinhas africanas, ou três caras com camisas absurdamente brancas. Você precisa tomar cuidado. Eles vão querer recuperar o dinheiro, e rápido. Eles têm poucos dias pra trocar as notas.

— Achei que tinha sido um presente de Deus.

— O quê?

— Quem mais podia ter tanto dinheiro assim?

— É, pode ser. Afinal, Deus escreve certo por linhas tortas.

— Mas não rouba bancos. Deus não rouba bancos, ouviu bem?

Sempre que falo em termos puramente teológicos, Anthony para de ouvir. Ele disse apenas: — Bem, se não foi ele, então quem foi? Pensa nisso.

Na manhã de segunda-feira, durante a aula de matemática, o sr. James apareceu na nossa sala, o que é uma coisa muito rara. Pediu que a gente parasse de escrever e olhasse para ele. Estava com um aspecto muito sério.

— Vocês devem se lembrar — ele disse — que uma senhora veio à escola na semana passada e pediu doações para os países necessitados. Pois bem, ela voltou aqui hoje para fazer uma pergunta. Quero que vocês escutem com atenção e depois respondam com toda a honestidade.

Ele abriu a porta, e a senhora elegante entrou. O sr. James ficou ao lado dela o tempo todo, olhando atentamente para cada um de nós.

— Na sexta-feira — ela disse —, pedi a vocês que doassem moedinhas para minha instituição, e todos colaboraram comigo de maneira muito, muito generosa. Mas um de vocês fez uma doação particularmente grande. Para dizer a verdade, a doação foi tão grande que nos deixou preocupados. Por isso precisamos saber quem é esse doador, para que possamos averiguar se o dinheiro é... digamos... lícito. Assim sendo, se ele ou ela for desta turma, peço, por favor, que se apresente agora.

Quase levantei a mão e disse "fui eu", mas Trícia pulou da cadeira e se apresentou como a doadora. O sr. James olhou para ela.

— Quanto foi que você doou, Trícia, se não se incomoda em dizer?

— Dez libras, senhor.

— Bem — disse a senhora elegante —, foi uma doação muito generosa, mas...

O sr. James não deixou que ela terminasse.

— Onde foi que conseguiu essas dez libras, Trícia?

Ela virou a cabeça na minha direção, só um pouquinho, e depois disse:

— Vendi uma coisa, mas depois, quando fiquei sabendo do problema da água, achei que devia fazer alguma coisa. Desculpa, senhor...

— Ora, ora, não precisa se desculpar. Você se comportou de maneira excelente, Trícia. De verdade. Parabéns.

O que Trícia não disse foi que tinha vendido por cem libras um desenho de dois cavalos com algumas montanhas no fundo e *nenhuma* sela.

— Mas não é desse tipo de doação que estamos falando — continuou o sr. James, olhando em torno da sala. — Talvez seja melhor que o autor dessa doação excepcionalmente grande venha falar comigo em meu gabinete ainda hoje, a qualquer hora. Como foi dito aqui, precisamos saber de onde veio esse dinheiro.

E então o sr. James saiu.

Durante toda a aula de matemática, fiquei pensando no que iria dizer; quando tocou o sinal do recreio, já tinha tudo organizado na minha cabeça. Fui direto ao gabinete do sr. James, treinando meu discurso ao longo do caminho. "A gente não sabia que o dinheiro tinha sido roubado", eu diria. "Vamos dar tudo aos pobres. O

governo quer queimar as notas só porque elas são velhas, o que é uma vergonha. Tudo bem, as notas estão meio rasgadinhas mesmo, mas nada que um bom durex não possa resolver. Afinal, as pessoas pobres deste mundo não se importam com a aparência do dinheiro..." Fiquei na dúvida se o pedaço sobre o durex seria mesmo necessário.

Estava tentando me decidir quando percebi que alguém havia chegado ao gabinete do sr. James antes de mim. O nosso Anthony.

— O que você está fazendo aqui? — sussurrei.

— Eu sabia que você ia contar tudo pra eles. Não podia deixar que fizesse isso sozinho. Tenho os meus próprios interesses pra defender.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, o sr. James abriu a porta e pediu que a gente esperasse um pouquinho do lado de dentro.

Eu nunca tinha entrado no gabinete do sr. James antes. A pessoa precisa fazer alguma coisa muito errada para ser chamada até lá. Numa das paredes, tinha um relógio em que os números cresciam no sentido contrário. Os ponteiros também andavam no sentido contrário. Achei que, se a gente olhasse para ele por muito tempo, podia fazer o tempo voltar. Mas não foi assim. Na verdade, parecia que o tempo pulava em cima da gente, vindo de todas as direções.

— Ora, ora... — o sr. James finalmente falou. — Os irmãos Cunningham, hein? O que vocês têm a dizer?

— Eu coloquei o... — tentei dizer.

— Fomos nós que fizemos a doação grande para a ONG, senhor — disse Anthony.

— Na verdade — eu disse —, fui eu que coloquei o dinheiro na urna.

— Mas o dinheiro era nosso.

— Claro que era. No entanto... se vocês não se incomodam em dizer, onde foi que conseguiram essa quantia?

— Bem—eu disse —, no início, achei que tinha caído do... Mas antes que eu terminasse, Anthony foi logo dizendo:

— Nós roubamos.

O sr. James arregalou os olhos.

— Dos nossos vizinhos — completou Anthony.

— Vizinhos?

— Por favor, não digam mais nada — o sr. James disse, levantando a mão no ar. Depois pegou o telefone e ligou para papai.

— Sr. Cunningham? Sugiro que o senhor venha até a escola. Imediatamente se possível. Temos um problema.

Papai levou 17 minutos (de trás para frente) para chegar até a escola. O sr. James explicou que não queria continuar nossa conversa sem a presença dele, pois esse era o procedimento correto.

Telefonou para mais algumas pessoas e separou alguns livros enquanto esperávamos em silêncio.

Minha vontade era gritar com Anthony, mas não tive coragem.

Assim que papai entrou, vi que o topete do cabelo dele estava todo atrapalhado. Sempre que ele fica confuso ou preocupado, passa a mão nos cabelos, e o topete fica assim, atrapalhado. Deduzi que ele tinha passado a mão nos cabelos muitas vezes durante o trajeto até a escola.

— Depois de tudo o que passamos juntos — papai disse, franzindo a testa ora para mim, ora para Anthony —, depois de tudo, vocês ainda tiveram coragem de mentir. Isso é o pior da história; não o dinheiro afanado, mas a mentira.

O sr. James tossiu e disse:

— Na verdade, afanar... quer dizer, roubar dinheiro é bastante grave. Se é que houve mesmo um roubo. Houve?

Ele olhou para mim. Achei que era um bom momento para dizer toda a verdade. Eles compreenderiam tudo, assumiriam a responsabilidade pelo dinheiro e tudo terminaria bem. Então falei:

— Não, não houve. Bem, nós...

— Nós roubamos sim. Roubamos daquela gente.

— Daquela gente, quem?

— Daqueles homens de camisa branca, o senhor sabe. Os nossos vizinhos. Os mórmons.

— Mórmons! — Papai já estava vermelho de raiva.

— Vocês roubaram dinheiro dos mórmons?

— Não! — eu disse.

— Sim! — disse Anthony.

Por algum motivo, Anthony foi mais convincente.

Eu mesmo quase acreditei nele.

Papai passou a mão pelos cabelos e não disse nada.

O sr. James se inclinou para frente e, com delicadeza, pediu a Anthony que explicasse o motivo do roubo.

Anthony olhou para o diretor e, em seguida, para papai. Depois abriu o berreiro e disse: — Minha mãe morreu!

Imediatamente, os adultos entraram em pânico.

Foi como se Anthony tivesse posto fogo no gabinete do sr. James. Papai se apressou em nos tirar dali

enquanto o sr. James dizia "Claro...

Claro... Muito natural...". No corredor, continuou a nos empurrar até atravessarmos o jardim do Milênio e chegarmos ao estacionamento. Anthony chorou e soluçou durante todo o caminho.

No estacionamento, a senhora de trancinhas africanas acabava de sair do carro. Quando me viu, abriu um sorriso. Depois fechou o sorriso e chamou papai:

— Por favor, senhor! Desculpe, mas estes são os garotos que...

— Que roubaram o dinheiro, isso mesmo.

— Ah, então foi um roubo... Achei que os alunos desta escola eram um pouquinho mais... privilegiados, o senhor sabe. E generosos também.

Fui eu quem notificou o diretor. Sinto muito se lhe causei problemas. Apenas achei que...

— A senhora agiu corretamente. Eles roubaram o dinheiro. O que se pode fazer?

— Pelo menos doaram para uma boa causa. Na idade deles, eu não teria feito o mesmo. Então o senhor deve ter agido corretamente também.

— A senhora trabalha para o serviço social da escola?

— Eu? Não! Sou apenas uma visitante. Vou a diversas escolas, falo um pouquinho sobre a substituição da moeda e peço doações para minha ONG.

Anthony deu mais um grande soluço. Papai nos empurrou para o banco de trás do carro e fechou as portas. Anthony foi logo dizendo: — Não falha nunca. Satisfação garantida ou seu dinheiro de volta.

Eu mal ouvi o que ele disse. Observava a mulher de trancinhas africanas realizar um milagre ainda em vida. Ela conversava com papai, e ele estava rindo. Não estava apenas sorrindo, nem procurando ser educado, mas rindo de verdade. E

ajeitando o topete para que ele baixasse outra vez. Ainda mostrava os dentes quando entrou no carro. Cheguei para frente e perguntei a ele o que a mulher elegante havia dito.

— Disse que devia colocar vocês dois atrás das grades.

No caminho de volta para casa, atravessamos a ponte rolante de Runcorn-Widnes. Eu observava os arcos passarem, um a um, pelo teto solar do carro.

— Pai, o que é uma ponte rolante? — perguntei.

Papai sabia tudo sobre pontes, conhecia as mais famosas do mundo. Achei que poderia distraí-lo um pouco se começasse a falar de pontes.

— Quer fazer o favor de fechar a matraca! — ele disse.

São Roque também havia fechado a matraca.

Achei melhor fazer como ele.

Já em casa, Anthony ficou preocupado ao saber que um policial iria até a casa dos mórmons para devolver o dinheiro, e que nós deveríamos ir junto para pedir desculpas. Como não tínhamos roubado dinheiro nenhum, achei que esta seria uma excelente oportunidade de mortificação. Disse isso a Anthony, mas seria mundano demais escrever o que ele respondeu.

Na casa dos santos dos últimos dias, o policial do nosso distrito bateu à porta e disse: — Estes garotos estão aqui para pedir desculpas e devolver as três mil libras que roubaram dos senhores.

Os santos se entreolharam.

— Por acaso não deram falta do dinheiro?

Os santos ficaram mudos.

Eles deveriam ter respondido que não, e um deles quase chegou a dizer alguma coisa, mas papai se adiantou e disse:

— Eles já confessaram tudo.

— Confessaram? — disse Eli. — Ah, sim. Nesse caso, muito obrigado.

— Mas os senhores não deram queixa — disse o policial.

— É, não demos. O senhor sabe. Coisas deste mundo... eu acho.

Anthony levantou as sobrancelhas.

— Gostaria muito de saber — disse o tira — por que os senhores guardavam uma quantia assim tão grande em casa.

— Foi uma doação. Uma doação anônima.

— Não ficaram desconfiados sobre a origem dessa doação?

— Não, não ficamos. Por que deveríamos ficar?

Nós rezamos muito. Achamos que tinha sido uma resposta às nossas orações.

— Muito interessante. Acontece que ficamos sabendo que os senhores gastaram cerca de sete mil libras, em espécie, nas lojas Cornet de eletrodomésticos, poucos dias atrás.

O policial tirou do bolso um monte de recibos e começou a ler cada um deles.

— Dois televisores de plasma, lava-louças, forno de microondas, massageador de pés... Os senhores rezaram por estas coisas também?

— Rezamos por consolo e estímulo. Acho que nos sentimos consolados e estimulados.

— Por uma máquina de lavar louça?

— E pelo massageador de pés também.

Assim, os santos dos últimos dias acabaram confirmando a história inventada por Anthony. Os mentirosos não têm santo padroeiro, mas parece que se dão muito bem juntos.

Enquanto voltávamos para a nossa casa, vários pintassilgos passaram voando bem na frente do meu nariz. O coletivo de passarinhos é bando, ou passerada. Então o correto seria dizer "um bando de pintassilgos". Houve um tempo em que papai tinha mania de coletivos. "Capela", por exemplo, é o coletivo de macacos; "colônia", o de moluscos; "alcateia", o de lobos.

Tentei explicar a Anthony a natureza miraculosa do que havia acabado de acontecer. Mas a explicação dele era bem outra.

— São eles. Pensa bem. A gente vai à casa deles, entrega uma bolada e confessa que roubou o dinheiro deles. Mas eles sabem que a gente não roubou nada, e aceitam o dinheiro mesmo assim.

Muito estranho. *Eles* são estranhos. Esse é o primeiro ponto. Em segundo lugar, eles têm uma casa bem ao lado da ferrovia, justo no lugar onde o dinheiro ia ser jogado. Coincidência? Ou será outra coisa?

— Papai comprou uma casa bem ao lado da ferrovia. E todos os nossos vizinhos também.

— Papai é uma coisa; outra coisa são três caras esquisitos que vestem camisas idênticas e andam por aí falando com um sotaque fajuto, concorda?

Papai não é esquisito. Eles são esquisitos, como eu já disse. E compraram uma casa no lugar certo, e... e... também instalaram aquela câmera. Mas por quê?

— Pra vigiar os ladrões?

— Pode ser. Ou talvez pra vigiar a gente.

— Por que eles precisariam vigiar a gente?

— Sabem que alguém por aqui ficou com o dinheiro jogado do trem e precisam descobrir quem foi. Eles são membros da tal gangue e estão tentando recuperar a sacola perdida. É óbvio!

— Tem certeza que é óbvio?

— E agora já sabem que foi a gente.

— Como?

— Porque acabamos de dar a eles três mil libras, seu panaca! Eles sabem que foi a gente. Sabem que a gente tem uma grana que não deveria ter. E agora eles vêm atrás de nós.

— Os mórmons, sob a liderança de John Doyle Lee, massacraram 137 imigrantes indefesos que haviam entrado no território deles em 1857.

Melhor a gente não se meter com eles.

— Mas é isso que eu estou tentando dizer! Eles não são mórmons porcaria nenhuma! São ladrões

disfarçados de mórmons!

Ladrões ou mórmons, tudo é perigoso do mesmo jeito. Não seria melhor a gente entregar o dinheiro logo de uma vez?

— Eles não podem saber que a gente sabe que eles fazem parte da gangue. O melhor é esconder o dinheiro num lugar bem seguro e depois fingir que a gente não sabe de nada.

— Esconder onde?

A resposta era óbvia. Num banco.

Na manhã seguinte, em vez de irmos para a escola, tomamos o ônibus para a cidade de Widnes, do outro lado da ponte.

— Por acaso hoje não tem aula? — perguntou o motorista, desconfiado.

— Vamos ao dentista — respondeu Anthony.

Depois abriu a boca bem aberta e apontou para um dente lá no fundo. — Olha aqui.

— Não, muito obrigado — disse o motorista. — Tenho meus próprios problemas para cuidar.

Agora a gente estava matando aula e contando mentiras a torto e a direito só por causa do dinheiro.

Faltavam cinco dias para a substituição da moeda.

Todos os bancos estavam lotados de gente querendo trocar suas libras; as pessoas carregavam sacolas, caixas, meias e embalagens de comida congelada cheias de notas e moedinhas que seriam convertidas em euros. Os caixas pesavam as moedas em balanças eletrônicas e depois as despejavam numa lata bem grande sob o balcão. Por causa do barulho, os funcionários do banco tapavam os ouvidos com orelheiras de pano alaranjado, estampadas com o símbolo do euro.

Levamos meia hora para chegarmos ao balcão.

— Queremos abrir uma conta — Anthony disse.

— Como? — disse a mulher.

Anthony apontou para as próprias orelhas, e a mulher tirou as orelheiras que a impediam de ouvir.

— Queremos abrir uma conta.

— Muito bem. A mamãe está com vocês? Ou o papai?

— Não.

— Preciso da assinatura de um adulto. E de um documento de identidade.

Anthony já havia pensado nisso tudo, é claro.

Entregou a ela a carteirinha do clube, que tinha uma foto dele e o nosso endereço. Mas não foi suficiente.

— É preciso que a mãe de vocês venha ao banco.

— Impossível. — Anthony olhou a mulher diretamente nos olhos e disse: — Ela está morta.

A mulher olhou para ele. Depois olhou para mim.

Tentei não aparentar muita tristeza, pois não queria participar da malandragem de Anthony.

Mas também não dava para aparentar muita alegria. E então ela fez o que todo mundo faz quando falamos da nossa mãe: ela nos deu uma coisa. Uma bolsinha no formato do € e duas notas de euro, novinhas em folha.

Então saímos do banco arrastando nossa sacola de dinheiro. Estava pesada, e temíamos que alguma coisa acontecesse a ela. Era esse o problema. Não éramos donos do dinheiro, mas o dinheiro é que era dono de nós. Uma preocupação atrás da outra: esconder a sacola debaixo da cama antes de dormir, conferir se ela ainda estava lá durante o dia... Como se a sacola fosse um bebê grande. E agora a gente andava com ela pela cidade dentro de um moisés.

— Eu falei que a gente devia ter comprado uma casa! — disse Anthony.

Então fomos até a loja de brinquedo mais próxima.

Já que não podia esconder o dinheiro no banco, Anthony resolveu gastá-lo.

Colocamos a sacola dentro de um carrinho e seguimos por um dos corredores. As primeiras

prateleiras só tinham Barbies, então passamos direto. Mas logo apareceram os bonequinhos de Action Man, e Anthony quase ficou maluco.

— Action Man e Barbie, tudo boneca — eu disse.

— O quê?

— Action Man é boneca.

— Nem começa, Damian!

— Eles estão no mesmo corredor das Barbies!

Será que isso não significa nada? Olha, você pode comprar roupinhas de Action Man. Igual às da Barbie. E bolsinhas também.

— Isso não é uma bolsinha. É um *kit* de ferramentas.

— Então, tá. Pode comprar.

— Eu já tenho tudo isso.

Saímos da seção de Action Man e seguimos para o corredor de brinquinhos eletrônicos. Pilhas e mais pilhas de caixas de Gameboy. Nas tampas, monstros de olhos arregalados perseguiram homens e mulheres de braços levantados. Era difícil ler o que estava escrito nelas. Nunca vi tantos pontos de exclamação juntos.

Anthony ficou horas examinando cada uma das caixas.

— A gente pode levar qualquer uma delas — ele disse. — Qualquer uma. Ou até todas. — Depois acrescentou: — Mas a gente não quer nenhuma.

Passamos para a seção de armas de brinquedo.

Eles tinham de tudo: lanças, facas, espadas de raio *laser*, espadas normais, granadas, metralhadoras e até morteiros.

— Se fossem de verdade, eu comprava todas — Anthony disse.

Seguimos em frente. Anthony já estava ficando aflito.

— Estamos deprimidos — falou. — Deve haver alguma coisa aqui pra deixar a gente mais animado.

Atravessamos uma seção só de lancheiras. Outro corredor estava repleto de canetas esferográficas com cheiro de frutas diferentes — mais de cem tipos, para quem quisesse colecionar. Também havia uma coleção de *poodles* de plástico, com pêlos de cores e tosas diferentes, além de uma certidão de nascimento individual.

Foi então que Anthony avistou algo que o deixou realmente maravilhado. Um castelo na forma de uma caveira sinistra. Os olhos da caveira abriam e fechavam, e, quando abriam, disparavam guerreiros montados em cavalos voadores pretos.

— Isso sim é que é bacana! — ele disse. — Olha só pra isso! A gente precisa levar!

Pagamos €166,99.

Anthony não aguentou esperar. Abriu a caixa ainda sobre o gramado do estacionamento. A caveira não era tão grande quanto parecia, e era feita de um plástico vagabundo. Na maioria das vezes, quando a gente lançava os guerreiros voadores, eles caíam no buraco do nariz da caveira. A não ser quando a gente apertava o botão com muita força, mas então a mola voava longe, junto com os guerreiros. Tentamos consertar o mecanismo, e acabei cortando o dedo.

— O mundo é uma porcaria — disse Anthony. — A gente pode comprar tudo o que tem nele, mas tudo o que tem nele é porcaria.

No caminho de casa, jogamos o castelo de caveira no lixo e paramos numa loja de telefones celulares. Compramos dois aparelhos com monitor de vídeo, e um cartão no valor de duzentos euros.

No ônibus, inserimos os cartões e ligamos um para o outro. Meu telefone tocava o tema do *Harry Potter*. Era muito legal ver nossas caras no monitor, mas não sabíamos o que dizer.

Quando chegamos em casa, algo esperava por nós ao pé da escada. A urna.

— Oi, Damian. Oi, Anthony — ela disse. — Minha nossa, que sacola enorme!

Anthony tentou esconder a sacola, mas era como esconder um transatlântico atrás das pernas.

Jamais daria certo. De qualquer forma, era inútil, pois a urna não via nada. Não era ela que nos observava. Eu sabia muito bem quem era. A mulher elegante da escola. Quando a vi, ela acenou para mim apenas com o dedo mindinho.

Eu nunca tinha visto alguém fazer isso antes, nem vi alguém fazer isso depois. Uma coisa só dela.

— Oi, Damian!

— Oi, Urna.

— É sua mochila da escola? — ela perguntou a Anthony. — Vai acabar tendo uma hérnia, hein?

Pela primeira vez na vida, Anthony ficou sem palavras. Felizmente, a mulher elegante tomou o silêncio dele por uma pergunta. E respondeu: — O alto-falante da minha urna estava quebrado.

O pai de vocês se ofereceu para consertá-lo.

— Agora já está funcionando — disse Anthony, deixando a porta aberta como se a mulher elegante já estivesse de saída.

— Aliás, meu nome é Dorothy — disse Dorothy. — E você tem razão, Anthony. O alto-falante está novinho em folha. O pai de vocês é um craque.

Ela tirava o casaco do cabide quando papai saiu da cozinha, ainda com a chave de fenda na mão.

— Já vai? — ele disse. — Por favor, fique mais um pouco e tome uma xícara de chá.

— Está bem. Só uma xícara.

Ela seguiu papai até a cozinha. No meio do caminho, deu uma olhada na direção de Anthony, que não parecia nada contente. Depois Anthony subiu a escada, arrastando a sacola pelos degraus.

Na cozinha, papai pôs a chaleira no fogo e tirou da geladeira uma embalagem de carne moída.

— Posso dar uma mãozinha enquanto a água ferve? — ela disse. — Sei lá, posso picar ou descascar alguma coisa....

— Não precisa. Pode acreditar, a gente sabe o que está fazendo.

— Faz semanas que eu como apenas comida de saquinho. Já estou com saudades de uma boa faca.

Papai entregou a Dorothy uma cebola e uma faca afiada. Ela cortou a cebola em metades e me passou uma delas.

— Tudo que eu fizer, você também faz — ela disse. Em seguida, virou a metade dela (que ficou parecida com um iglu), cortou-a pelo meio e olhou para mim. Eu fiz a mesma coisa.

— Muito bem.

Depois cortou os dois pedaços em três pedaços menores, e eu fiz a mesma coisa.

— Muito bem, muito bem, muito bem.

Depois picou a cebola em centenas de pedacinhos minúsculos.

— Muito bem, muito bem, muito bem, muito bem, muito bem, muito bem...

E eu fiz a mesma coisa, até perder o fôlego.

Dorothy olhou para papai e perguntou: — Onde tem uma panela?

— O chá está pronto. Agora o jantar está sob nosso comando, meu e de Damian.

Mas Dorothy já havia buscado uma panela.

Colocou um pouco de óleo dentro, esperou esquentar e pediu que eu a ajudasse a despejar os pedacinhos de cebola. Depois me entregou uma colher de pau e perguntou:

— Não pare de mexer.

Antes de mudarmos de casa, eu sempre mexia as coisas. Quando a gente fazia mingau, por exemplo, quem mexia era eu; quando a gente fazia geleia, eu revirava os cubinhos de fruta até vê-los desaparecer

na água fervente. Eu tinha experiência.

Dorothy tomou sua xícara de chá e disse: — Estava delicioso. Mas agora preciso ir.

— Por favor, fique... — papai disse. — Começou, agora tem de terminar!

— Não. Muito obrigada assim mesmo. A não ser que você tenha molho de tomate.

Papai demorou um pouco, mas acabou encontrando algumas latas. Dorothy jogou a carne moída sobre a cebola e despejou o molho de tomate por cima de tudo. Depois pediu outra panela. Demoramos uma eternidade para encontrar a tal panela, pois usávamos apenas a que já estava no fogo, e somente para esquentar feijão. Mas papai acabou encontrando o ninho delas dentro de um armário qualquer.

— É chegada a hora de colocarmos estas panelas pra funcionar! — ele disse.

E então Dorothy pediu diversas outras coisas: uma caçarola, leite, queijo, ralador, massa...

— Massa? — papai disse. — Não sei se temos... O que estamos preparando exatamente?

Dorothy preparava uma lasanha. Assim, a partir do zero. Eu não sabia o quanto era complicado preparar uma lasanha a partir do zero. Bem diferente de assistir à televisão enquanto o forno esquenta. A carne moída era para o molho, que também levava ervas e precisava cozinhar um tempão até reduzir. A gente podia apenas engrossar o molho se quisesse, mas reduzir deixa o sabor mais intenso.

Os ingredientes brancos eram para outro molho, e o segredo é não colocá-los antes da hora. Primeiro a gente faz uma massa de farinha e manteiga; depois, bem devagarinho, quase uma gota de cada vez, acrescenta o leite. Se não for devagarinho, o molho encaroça. E não pode parar de mexer.

Então eu mexia duas panelas ao mesmo tempo enquanto Dorothy pingava o leite. Alguém tocou a campainha, e ela disse:

— Ihhh... E agora?

Anthony desceu para atender. As últimas gotas de leite pingaram na caçarola, e eu mexi a colher com movimentos firmes e regulares. Papai despejou o queijo ralado. Continuei a mexer até as lascas se derreterem completamente.

Dorothy se aproximou, olhou sobre os meus ombros e sorriu.

— Olha só pra isso, nem um único carocinho. Dá até pra passar numa peneira, ou então beber direto de um copo.

Quando ela se inclinou para ver melhor, senti o perfume dos cabelos dela. Parecia o perfume das laranjas. De repente, ouvimos uma cantoria.

Anthony havia aberto a porta para um grupo de cantores de músicas natalinas. Papai, Dorothy e eu fomos até lá para ouvi-los. Era uma família: a mãe, o pai, um menino e uma menina. A menina era Trícia, da terceira série. Ela acenou para mim, mas não parou de cantar.

Quando começaram a cantar "Noite feliz", papai se juntou a eles. Isto é, cantou a mesma música, mas num tom bem diferente.

Dorothy riu e perguntou:

— Vocês conhecem "Os doze dias de Natal"?

— Eles não aceitam pedidos — disse Anthony, antes de tentar fechar a porta na cara deles. Mas Dorothy não deixou que ele fizesse isso e deu dois euros aos cantores.

Depois, corremos de volta à cozinha e começamos a montar a lasanha. A gente derrama o molho de carne na vasilha refratária e depois coloca os pedaços de massa por cima. O molho vaza entre os pedacinhos, como um musgo vermelho brotando entre as pedras de uma rua calçada.

Depois a gente derrama o resto do molho de carne e metade do molho branco. Depois coloca mais massa. Depois derrama o resto do molho branco e coloca um pouco de queijo ralado.

Anthony entrou e resmungou:

— Por que tanta bagunça nessa cozinha?

— Porque estamos cozinhando — respondeu papai.

— Quando eu cozinho, não fica assim — disse Anthony.

— Você não cozinha. Você esquentava comida no forno. E se a bagunça te incomoda, é só ajudar na limpeza enquanto a lasanha está assando.

Anthony não pôde esconder um certo brilho nos olhos quando ouviu falar de lasanha.

Comecei a lavar as panelas. Um cheiro delicioso saía do forno e invadia a cozinha, deixando todo mundo com água na boca. O queijo parecia apitar enquanto derretia.

— A massa foi inventada na Itália, não foi? — eu disse. — Será que São Francisco fazia lasanha também?

— Não — papai respondeu. — São Francisco era do norte. No norte da Itália, os pratos são à base de arroz. Risotos e coisas assim. As massas são do sul. Além disso, não havia massa na Itália até Marco Polo trazê-la da China em 1295. As massas, na verdade, são, uma invenção chinesa. O macarrão tem olhinhos puxados, sabiam?

— Duvido — disse Dorothy. — Como a massa pode ter sido inventada por um povo que não usa garfo pra comer?

E então papai deu uma aula sobre os garfos, dizendo que foi Tomas Becket quem os introduziu na Inglaterra. Eu disse:

— Tomas Becket (1118-1170), arcebispo de Canterbury, assassinado no altar da catedral.

— Vocês dois, hein? — disse Dorothy. — Formariam uma bela dupla num campeonato de conhecimentos gerais!

Eu nunca tinha pensado nisto: que um dia teria idade suficiente para ir com papai a um *pub* e participar de um campeonato de conhecimentos gerais junto com ele.

— Só sei coisas de santo — eu disse. — Doroteia da Capadócia morreu no ano de 304, certo?

Dorothy, xará da santa, disse que eu estava certíssimo. Então contei toda a história de santa Doroteia. Ela esperava para ser executada, e falou que ia para o céu. Ouvindo isso, o carcereiro caiu na gargalhada: "Manda umas flores pra mim quando chegar lá!" E quando ele chegou em casa, encontrou o quarto repleto de rosas.

— Por que a santa ia ser executada?

— Santa Doroteia foi uma virgem mártir.

— Ah, certo.

— O que é uma virgem mártir?

— Meu Deus, a lasanha! — disse Dorothy.

E então tiramos a lasanha do forno. Não parecia em nada com as lasanhas congeladas. Borbulhava e chiava como se estivesse viva, e o queijo derretido havia formado uma camada grossa e crocante. Quando partimos o primeiro pedaço, uma nuvem de fumaça perfumada saiu do fundo da vasilha, como uma oração subindo para o céu.

E nesse exato momento, sem que ninguém esperasse, papai finalmente explicou o que era uma ponte rolante. Era como se fosse uma gaiola onde a gente entrava com o carro e depois um guindaste enorme carregava a gaiola sobre o rio.

Eu não disse nada, mas guardei esse momento bem no fundo do coração. Papai tinha finalmente recuperado seus conhecimentos gerais e estava melhor do que nunca!

— Devia ser fantástico! — disse Dorothy. — Como se a gente voasse dentro do próprio carro! Eles deviam começar a construir esse tipo de ponte outra vez!

— Você por acaso usa hidrabase? — perguntei.

— Damian! — papai falou.

— Deixa ele! Quem não pergunta não aprende!

Por acaso, uso sim. Pra falar em público, a gente precisa de muita autoconfiança. Não na sua escola, que é uma delícia de lugar. Mas nas escolas mais tradicionais... É bom a gente usar uma certa máscara. Pra se proteger, sabe? Você é muito perspicaz, Damian.

Assim que terminamos de comer, Dorothy olhou o relógio e disse:

— Estou mais atrasada do que devia. Mas não vou sair sem ajudá-los a lavar os pratos.

— Não precisa — disse Anthony —, a gente não se incomoda em lavar os pratos. A gente faz isso toda noite. Se a senhora precisa ir...

— Anthony! — papai disse, antes que ele terminasse.

— O quê?

Papai olhou para ele por um instante, como se tentasse entender alguma coisa, e depois disse: — Afinal, o que tem dentro daquela sacola? Não pode ser apenas dever de casa.

Aquele poderia ter sido um momento de grande perigo, mas Anthony já estava preparado para a pergunta.

— Não é dever de casa, mas é como se fosse. São fantasias. Pra encenação da natividade que a gente vai fazer na escola.

Dorothy se iluminou como uma árvore de Natal.

— Uma encenação da natividade! — ela falou. — Há quanto tempo não ouço falar disso! Quem vocês vão ser? Reis Magos? A gente pode assistir?

Que tal vocês buscarem as fantasias e encenarem só um pedacinho agora mesmo?

— Não.

E então a árvore se apagou.

Anthony emendou:

— Pra não estragar a surpresa.

E então a árvore se iluminou novamente.

— Surpresa? Então quer dizer que estou convidada?

Anthony fez uma cara como se tivesse acabado de cair numa armadilha.

— Não sei... — ele disse. — Acho que é só para...

— Eu adoro os teatrinhos de Natal! Faz séculos que não vejo um! Estarei lá, pode ter certeza. A não ser que você não queira.

— Eu nem sabia dessa peça... — papai disse. — Ninguém nunca me conta nada nesta casa.

Anthony não foi nem um pouco gentil. Foi logo tirando os pratos da mesa. Quando terminamos de lavar a louça, era hora de *Quem quer ser milionário?* Que sempre temos permissão para assistir. Antes, papai adorava assistir com a gente, mas agora não gosta mais. No entanto, nesta noite ele sentou numa ponta do sofá. Dorothy sentou na outra. E eu sentei no meio deles.

A primeira concorrente olhou para a pergunta de oitenta mil euros e preferiu desistir, embora papai berrasse a resposta certa bem na frente da tela.

— Você sabe que ela não está ouvindo, não sabe? — disse Dorothy. — Esse programa é gravado. Não há nada que você possa fazer pela coitada agora.

O concorrente seguinte era um consultor financeiro, por sinal muito cabeludo para um consultor financeiro. Dorothy soprou a resposta errada para uma pergunta que valia apenas mil euros. Não vou cometer a indelicadeza de repetir aqui a pergunta que ela errou.

— Na minha opinião, tudo isso é cultura inútil — ela disse.

A pergunta de oitenta mil euros era: Qual das esposas de Henrique VIII foi decapitada por ser considerada bruxa?

a) Katherine Parr

b) Ana Bolena

c) Jane Seymor

d) Ana de Clèves

O consultor financeiro parecia confuso, o que deixou papai louco da vida. Na opinião dele, todo mundo devia saber que foi Ana Bolena. Dorothy disse que até ela sabia. No final, o consultor financeiro

também respondeu "Ana Bolena" e passou para a pergunta de 160 mil euros, que era: A roda dentada também é conhecida como "catarina" por causa de:

- a) Catarina de Aragão
- b) Catarina de Alexandria
- c) Catarina, a Grande
- d) Catarina de Médicis

— Eu sei! Eu sei! — eu disse.

— Como você pode saber uma coisa dessas? — perguntou Dorothy. — Como *alguém* pode saber uma coisa dessas? — E então ela se virou para papai e perguntou: — Você sabe?

— Precisaria perguntar a um amigo, e esse amigo seria este pirralho aqui — papai respondeu, colocando o braço em meus ombros.

— Catarina de Alexandria (século IV), parcialmente mística, mais uma virgem mártir e santa padroeira da cidade de Dunstable.

O consultor financeiro também acertou. Então chegou à pergunta de 250 mil euros, que era: Qual foi o primeiro ator a interpretar o personagem "James Bond"?

- a) Sean Connery
- b) David Niven
- c) Roger Moore
- d) Robert Holderness

O consultor precisou raciocinar. Sabia que David Niven tinha atuado em *Cassino Royale*, mas não sabia se tinha sido o primeiro James Bond. Papai já estava nervoso.

— Essa pergunta aparece em todos os campeonatos de *pub* — ele disse.

Então o concorrente notou o último nome.

— Bob Holderness. Ah, foi ele. Na rádio. James Bond foi interpretado na rádio antes de virar personagem de cinema. A resposta certa é a letra "d".

— Ainda bem! — disse papai.

E então o consultor financeiro passou para a pergunta de seiscentos mil euros, que era: Quantos versos tem um haicai?

- a) 3
- b) 7
- c) 6
- d) 14

Papai sabia que não eram 14 (soneto) nem seis (sextilha); se estivesse no lugar do consultor financeiro, eliminaria essas duas opções e escolheria uma das duas restantes, esperando poder contar com a sorte.

Mas o consultor balançou a cabeça e disse: — Vou parar por aqui e colocar meu dinheiro no bolso. Foi um prazer participar deste programa. Muito obrigado.

Anthony disse: — O problema é o seguinte: as pessoas não sabem que é preciso especular para acumular!

— Ele poderia ter arriscado — resmungou papai.

— Faltava só mais uma pergunta.

— Por que você não se inscreve? — disse Dorothy.

— Assim você ficaria muito menos decepcionado, e muito mais rico. Um milionário. Ganharia um milhão de libras.

Anthony observou que o prêmio era de um milhão de euros, o que valia menos que um milhão de libras. Dorothy disse que ficaria muito feliz mesmo assim.

— Mas você daria tudo pra ONG da água, não daria? — eu disse.

— Eu? Receio que não, bonitinho. Não trabalho para a Water Aid. Peço doações pra qualquer instituição que me pague: para os ambientalistas no verão, para os sem-teto no Natal, o que seja. Se tivesse um milhão, colocaria tudo no banco e jamais passaria o chapéu outra vez!

Fiquei surpreso e decepcionado com essa informação, e teria dito alguma coisa se papai não tivesse dito antes: — Eu jamais gostaria de ser milionário. Ficaria contente com apenas metade desse dinheiro. Pagaria a hipoteca da casa, não precisaria mais fazer hora extra pra pagar as contas no fim do mês, passaria um pouco mais de tempo com os meninos, talvez até fizesse uma bela viagem com eles. E doaria o que sobrasse.

Percebi então que papai daria um ótimo milionário, muito melhor que nós todos. Lá estava ele, desejando ficar rico enquanto tinha uma fortuna escondida dentro da própria casa; de repente, tive uma vontade irresistível de contar toda a verdade.

Mas Anthony se levantou e disse: — A gente tem de ir pra cama depois do programa.

— Então, boa noite — disse papai.

— E você precisa contar uma história pra gente.

— Bem, já estou indo — disse Dorothy. — A noite foi muito agradável, mas...

Depois, ela e papai disseram juntos: — Ainda não foi dessa vez!

E os dois caíram na gargalhada. Era assim que o apresentador encerrava o programa quando ninguém ganhava o prêmio de um milhão.

Antes de sair, Dorothy pegou a urna e o casaco.

Atrás do casaco, alguém havia colocado uma enorme maquete, feita de caixas de cereal.

— Meu Deus! Que lindo!

Sem nenhum entusiasmo, Anthony disse: — É a ilha dos Thunderbirds. Ganhei um prêmio com ela.

— Merecido.

Merecido mesmo. Eu não fazia a menor ideia de como aquela maquete tinha aparecido ali; era como se Anthony estivesse tão craque em contar mentiras que até as caixinhas de cereal acreditavam nele.

Fui até a janela do quarto de Anthony para ver papai se despedir de Dorothy. Anthony já estava deitado.

— Vem ver! — eu disse.

Papai abria a porta do carro para ela.

— Não quero.

— Ah, Anthony... Ela é legal!

— Ela não é legal.

— A lasanha tava boa...

— Não, não tava. A lasanha da mamãe é que era boa. A de hoje tava uma porcaria. Nem milho verde tinha.

Não adianta conversar com Anthony quando ele está assim, então deixei ele de lado e fiquei ouvindo Dorothy ligar o carro. Também ouvi papai dar um tapinha no capo antes que ela fosse embora.

Dorothy respondeu com uma buzinazinha. Eu já ia voltar para o meu quarto quando Anthony rosnou: — Sempre eu, sempre eu! Por que você deixa tudo nas minhas costas?

— O quê?

— Foi você que encontrou o dinheiro. Por que não ajuda de vez em quando?

— Do que você tá falando?

— Quando a gente entrou em casa, ela não tirou os olhos da sacola. Ficou ali, olhando, como uma máquina de raios X. E o que foi que você fez?

— Eu disse "oi".

— Você não disse nada. Eu que tive de falar tudo. Tive de inventar aquela história sobre o teatro da natalidade, e ela disse "A gente pode assistir?".

— Vai ser ótimo se ela for.

— Damian, a gente *não* está no teatro da natividade. Lembra?

— Ah, lembro.

— E ela sabia que a gente tava mentindo. E quem teve de inventar a mentira? Eu! E quem vai ter de arrumar um jeito de entrar no teatro agora? Eu! E quem foi que subiu pra esconder o dinheiro dentro da caixa de futebol miniatura?

— Você?

— É, eu! E o que aconteceu depois? Alguém tocou a campainha. E você foi atender? Não, *eu* fui. E quem estava lá?

— Os cantores.

— Os cantores. E Tricia com a maquete.

— Bem que eu fiquei imaginando como aquela maquete tinha aparecido ali.

— E o pai e o irmão dela. Eles sabiam que a gente está rico. E vieram aqui pedir dinheiro.

— E o que foi que você disse?

— O pai de Tricia disse que iam fechar a empresa dele se um pagamento de três mil libras não fosse feito até amanhã, e então ele pediu o dinheiro.

— E você deu?

— Se eu desse, ele saberia que é tudo verdade. E o que aconteceria depois? Milhões de pessoas viriam aqui, todo dia e toda noite, pedindo três mil pilas.

— Então você disse "não".

— Eu *ia* dizer. Mas aí *ela* saiu da cozinha, e eu tive de fazer alguma coisa. Disse que daria o dinheiro se eles fingissem que eram cantores de Natal.

Então tirei o dinheiro do bolso e dei a ele. Três mil pilas. E ela deu dois euros.

— Então foi bom, porque agora não vão fechar a empresa dele.

— Não, Damian, não foi bom. Nada disso é bom. Já parou pra pensar? Todo mundo sabe que a gente tem dinheiro! Daqui a pouco todo mundo vai se perguntar onde foi que a gente arrumou tanta grana assim. E então a polícia vai entrar no meio.

Já pensou nisso?

— Não, não pensei.

— É, mas por sorte *eu* pensei. Disse a eles que tinha ganhado na raspadinha.

— Bem pensado.

— Mas *ela* sabe de tudo. Logo viu que eles não eram cantores. E ainda mandou essa: "Vocês conhecem 'Os doze dias de Natal'?" O que ela queria mesmo era acabar com a farsa. Foi por isso que eu disse "Eles não aceitam pedidos" e fechei a porta.

Eu podia ver que Anthony estava cansado e preocupado.

— Você é mais inteligente que eu, essa é a verdade. Muito mais inteligente.

De repente, o quarto de Anthony se iluminou com uma luz fria e azul. Achei que pudesse ser uma visão, então fingi que não vi nada. Mas Anthony viu também.

— A polícia. Olha!

Dois carros de polícia se aproximavam de nossa casa. Tinham números pretos e enormes pintados no teto. Um era o carro 9, e o outro, o 23. Anthony explicou que os números eram para que os carros pudessem ser identificados pelo helicóptero da polícia.

Papai entrou no quarto e disse: — Aconteceu um roubo.

— Foi a gente? — perguntei. Papai ficou surpreso.

— Claro que não, cabeça-de-vento! — ele disse, fazendo um carinho na minha cabeça. Mas Anthony chutou minhas canelas sem que ele percebesse.

— Espera aí — disse papai.

O policial do distrito desceu do carro e veio na direção da nossa casa. Papai desceu e abriu a porta para ele. Anthony e eu nos debruçamos sobre o corrimão e ficamos ouvindo a conversa deles. Alguém havia roubado os mórmons.

— No estado em que eles estavam — disse o tira —, não tivemos coragem de pedir. Mas uma xícara de chá iria muito bem agora.

— Claro — disse papai.

— E algumas torradas, se não for incômodo.

— Incômodo nenhum.

Anthony disse que a gente devia segui-los até a cozinha sem que ninguém percebesse.

— Pra quê?

— A gente não vai ouvir o que eles disserem quando a chaleira começar a apitar.

— E por que a gente quer ouvir o que eles disserem?

— Precaução e vigilância.

Uma chaleira pode ser mesmo muito barulhenta.

Eu nunca tinha reparado antes. O policial do nosso distrito dizia: — No fim das contas, acho melhor que tenham sido eles os assaltados. Os mórmons não comemoram o Natal, eu acho. Então o dinheiro roubado não vai fazer muita falta pra eles.

— É mesmo? — papai disse. — E eles acabaram de comprar todas aquelas coisas. Os televisores, a lava-louças... Talvez tenham deixado as caixas na lata de lixo da rua, e alguém percebeu.

— É possível. Mas a lava-louças não foi roubada.

Nem os televisores. Nem o aparelho de DVD. Muito esquisito. Os ladrões reviraram a casa, mas aparentemente não levaram nada. Parece que procuravam por alguma coisa.

— Como o quê, por exemplo?

— Consolo e estímulo, eu acho. De qualquer forma, como já entraram na casa deles, as chances de assaltarem a casa dos vizinhos agora são bem menores. Uma questão de estatística.

Duas colheres de açúcar pra mim; e pro meu colega... sei lá.

Papai ajudou o policial a levar o chá até a cena do crime. Anthony tentou segui-lo, mas papai nos mandou de volta para a cama.

— Depressa — ele disse. — A festa acabou. Já pra cima!

Anthony entrou no meu quarto.

— Ouviu o que ele disse? Os ladrões estavam procurando alguma coisa. Você sabe o que é, não sabe? O dinheiro. Os assaltantes do trem estão atrás da grana deles, e sabem que ela está por aqui, em algum lugar. Viram aquela gente comprando aquele monte de coisas e deduziram que o dinheiro estava com eles.

— Ontem você disse que os mórmons *eram* os ladrões.

— Novas provas, Damian. Eles acabaram de ser assaltados. Como podem ser ladrões se acabaram de ser assaltados?

— Então quem são os ladrões?

— É claro que é Dorothy.

— Não. É claro que *não é* Dorothy.

— Pensa bem. Você colocou três mil pilas na urna dela. E o que foi que ela fez? Deu pra ONG? Não. Foi direto procurar o diretor. Por quê? Porque precisava saber quem tinha colocado a grana ali. E foi você, imbecil. E depois, ela voltou pra casa? Não. Ficou por ali, na escola, tentando ficar amiguinha do papai. Pra quê? Pra descobrir onde a gente mora. Depois apareceu aqui, como se fosse dona da casa, remexendo na nossa cozinha e tudo mais. Pra quê? Pra vigiar a gente e descobrir onde o dinheiro está. E logo depois os vizinhos foram assaltados.

Então percebi que Anthony estava convicto das suas suspeitas, mas percebi também que estava

enganado.

— Anthony, se ela sabia que *a gente* tinha o dinheiro, por que foi entrar na casa dos vizinhos?

— Sei lá. Provavelmente algum problema de comunicação. Ela não está agindo sozinha, está? É uma grande organização. Tem muito mais gente igual a ela. E eles estão por toda parte, e todo mundo sabe que a gente está com o dinheiro, e todo mundo está atrás de nós. E não são só os assaltantes. Todo mundo que sabe do dinheiro quer levar uma parte. Mas não tem importância...

— Pelo jeito, tinha importância sim, pois Anthony estava quase chorando. — Então a gente vai fazer o seguinte: a gente vai esconder a grana na sua cabana.

— Não é uma cabana. É um eremitério.

— Tanto faz. A gente esconde o dinheiro lá e tira um pouco a cada...

— Mas e se alguém for procurar lá?

— Quem, por exemplo? Ninguém mais sabe desse lugar, sabe?

— O homem do olho de vidro.

Anthony demorou um pouco, mas depois conseguiu dizer:

— O homem do olho de vidro?

— Ele apareceu por lá naquele dia que... — Não consegui terminar. Anthony estava com os olhos cheios d'água. — Anthony, a gente devia contar tudo pro papai. Ele tem ótimas ideias sobre como gastar o dinheiro e...

— Você não enxerga um palmo na frente do nariz, né? A gente não pode confiar em ninguém.

— Nem no papai?

— Pai, mãe, é tudo a mesma coisa. Um dia eles estão com a gente, no dia seguinte não estão mais.

Você já devia saber disso. A gente tá sozinho, Damian. É melhor você ir se acostumando.

Quando finalmente encontrei o que dizer, Anthony já tinha voltado para a cama. Estava todo encolhido sob as cobertas, fingindo dormir.

Na manhã seguinte, Anthony buscou a caixa de futebol miniatura e passou todo o dinheiro para as nossas mochilas da escola.

— A gente vai ter de andar com ele. O tempo todo. Todos os dias. Se ficar em casa, nossa grana vai ser roubada, ou então ela vai encontrar. Na cabana não dá pra deixar. Nem no banco. Que tal a gente faltar à aula porque tá doente?

— Mas a gente não tá doente.

— Também não ia dar. Hoje eles vão escolher quem vai participar da encenação da natividade. E a gente tem de entrar de qualquer jeito, senão vão descobrir que a gente mentiu.

Então colocamos nossas mochilas abarrotadas de notas nas costas. Em termos puramente metafóricos, o dinheiro tinha se tornado um peso em nossas vidas.

Na rua, um homem colocava uma placa onde se lia "Área de Vigilância". Papai disse que era muito irônico colocarem a placa no dia seguinte à invasão da casa dos mórmons. Depois saímos para a escola.

Terry-Contabilidade entrava em seu carro. Ele apontou para a placa e disse:

— Muito irônico, não acham? Os professores ainda falam de ironia na escola? Se pedirem um exemplo, vocês podem muito bem mencionar esta placa.

— Tá bem, a gente menciona — disse Anthony, sem esticar a conversa.

Já estávamos atravessando o campo quando eu disse:

— E se a gente não for escolhido pro teatro da natividade?

— A gente vai ser escolhido, não se preocupe.

Quando estudávamos na outra escola, todo mundo queria participar da encenação da natividade porque, depois da peça, eles davam uma festa só para os atores. Mas na escola nova não é assim.

O sr. Quinn entrou na sala e disse: — Muito bem, alunos. Alguns de vocês serão escolhidos para interpretar José, Maria e os pastores na encenação da natividade deste ano.

Quem quer ser José?

Levantei a mão imediatamente, como achei que todo mundo ia fazer. Mas quando olhei para os lados, em vez de ver um monte de braços para cima, percebi que ninguém mais havia se oferecido. Todos os outros garotos estavam de braço para baixo, olhando para mim. Não *entendi*.

Depois, observando com mais atenção, vi que apertavam uma nota de vinte libras debaixo das carteiras. Anthony tinha dado dinheiro a eles.

O sr. Quinn ficou decepcionado.

— Ninguém mais?

Mantive a mão levantada, bem alto.

— Ninguém mais quer ser são José? Damian poderia ser um dos pastores. Provavelmente não aguenta mais falar de santos, não é? Jake, que tal você?

— Não posso, senhor. Sou alérgico.

— Alérgico a quê?

— Sintéticos, senhor. — O sr. Quinn não entendeu.

— A barba.

Não baixei o braço nem por um segundo, então o sr. Quinn foi obrigado a me escolher.

Experimentar a fantasia foi muito interessante. Eu procurava imitar os santos, mas nunca tinha me vestido como um deles. Recebi um par de sandálias, um cajado e uma longa barba preta.

O sr. Quinn me ajudou a vestir. Ele disse: — E são José, Damian? Aposto que nunca fez nada esquisito. Quer dizer, nunca jorrou leite, levitou, nem nada parecido.

— A não ser que o senhor considere esquisito receber a visita de anjos.

Ele me olhou diretamente nos olhos e disse: — Não, não. Não há nada de esquisito nisso.

Anthony foi escolhido para interpretar um dos Reis Magos. A professora dele, a sra. Nugent, disse:

— Havia três Reis Magos: Melchior, Gaspar e Baltazar. Qual deles você quer ser?

— O que levou o ouro.

Quem levou o ouro, diga-se de passagem, foi Melchior.

A sra. Nugent embrulhou uma caixa de sapatos Rockport com papel dourado e entregou a barra de ouro recém-fabricada a Anthony. Ele andava com ela para cima e para baixo. Tinha adquirido um interesse especial pelos aspectos históricos da natividade. Por exemplo, ele me disse: — Você tem ideia de quanto valeria uma barra dessas hoje em dia? Muita grana. Uma grana preta. Dá até pra imaginar.

— Imaginar o quê?

— Bem, ele tinha esse dinheiro todo e depois, quando ficou velho, já não tinha mais nada. Deve ter feito uma farra e tanto.

E então fizemos um grande ensaio geral. Não voltamos para casa depois das aulas. Comemos sanduíches e esperamos numa sala até chegar a mulher da maquiagem, que era a mãe de Tricia.

Dezenas de meninas vestidas de anjo esperavam no corredor enquanto cantavam "Noite feliz" e "Sino pequenino". Tinham de treinar até ficarem parecidas com anjos de verdade. A sra. Nugent servia copos de suco de laranja o tempo todo. Eu sabia que elas não eram anjos de verdade; mesmo assim, acabei me sentindo mais seguro.

A mãe de Tricia pegou um lápis de sobrancelha e desenhou algumas linhas no meu rosto para que eu parecesse mais velho; depois jogou farinha no meu cabelo. Eu estava pronto para entrar em cena.

Eu já havia pesquisado no Google um monte de coisas sobre São José. Acho que a sra. Nugent gostou muito das minhas informações. Por exemplo, quando chegou minha vez de bater à porta da estalagem, ela disse: — Não se esqueça, Damian. Você deve aparentar cansaço. São José andou muito para chegar até lá.

Então está muito cansado.

Eu disse: — Ele era carpinteiro, devia estar em boa forma. E aquela caminhada de Nazaré a Belém... Bem, as pessoas faziam isso o tempo todo, já deviam estar acostumadas. Como se fosse uma viagem de ônibus nos dias de hoje. Além do mais, Maria estava prestes a ter um bebê. Decerto não planejavam dormir. Estavam estressados, eu acho, mas não cansados.

Logo vi que a sra. Nugent ficou muito impressionada comigo, pois ela disse "faça como quiser" antes de ir falar com os três Reis Magos.

Quando saí do palco, a mãe de Tricia falou que minha barba estava muito apertada.

— O elástico está deixando suas orelhas vermelhas. Veja se consegue arrumar isso.

Fui até o banheiro dos meninos para ajeitar a barba na frente do espelho. Quando entrei, vi um homem com uma barba preta bem comprida e um enorme cajado de madeira na mão.

— São José — eu disse. — Datas de nascimento e morte desconhecidas.

— Devo dizer que está fazendo um ótimo trabalho.

— Obrigado. Por acaso não estou fazendo você parecer estressado demais?

— Não. Eu estava mesmo muito estressado.

Quando vi você no palco, fiz uma longa viagem no tempo.

— Muito obrigado.

— Quer ajuda com a cena do nascimento? A obstetrícia mudou muito de lá pra cá, você sabe.

— Acho que a gente vai pular essa parte.

— Está bem então. Boa sorte.

No corredor, o sr. Quinn disse: — E essa mochila aí, Damian? Não está pensando em levá-la para o palco na noite da apresentação, está?

Eu já estava tão acostumado a carregar a mochila para cima e para baixo que até já tinha me esquecido dela. Se não podia levá-la para o palco, onde então deveria deixá-la? Olhei para Anthony, mas ele apenas balançou os ombros.

— Afinal, por que você está de mochila? — perguntou o sr. Quinn.

Olhei outra vez para Anthony. E ele olhou para mim com uma expressão de súplica.

— Você não precisa dela, precisa? — perguntou o sr. Quinn.

Ele veio na minha direção. Para tirar a mochila das minhas costas. Então berrei:

— Minha mãe morreu!

O sr. Quinn se afastou imediatamente. Levantou as mãos e disse:

— Está bem, está bem. Tenho certeza de que são José carregava muitas coisas naquele dia. Por que você não vai treinar um pouquinho com o Dave?

Dave era o burrinho. Ele vestia uma fantasia de papelão e pêlos de plástico e andava sobre uma pequena plataforma com rodinhas de rolimã, carregando um par de cestos cheios de palha.

Levei Dave até o corredor e treinei puxá-lo com Maria (uma colega nossa, chamada Rebecca) sentada em cima dele. Demorou um tempo, mas acabei pegando o jeito. A gente corria pelos corredores a mil por hora e depois dava cavalos-de-pau em frente às saídas de emergência.

Rebecca não parava de dizer "Eu vou ser a mãe de Deus!", e os anjinhos cantavam "O Tannenbaum" na sala da sra. Nugent. Se dependesse de mim, passaria o resto da vida dentro de uma encenação da natividade.

Naquela noite, eu ainda cantarolava a melodia de "O Tannenbaum" quando subi para dormir. No dia da apresentação, haveria uma coleta de doações para a Water Aid. Os anjos distribuiriam envelopes vazios na entrada e recolheriam os envelopes cheios depois da peça. Eu havia conseguido surrupiar um pacote inteiro de envelopes. Deitei no chão e comecei a colocar uma nota de vinte libras dentro de cada um. Minha ideia era colocá-los dentro de um saco e entregá-los ao anjo Gabriel.

De repente, uma sandália de couro enorme pisou nos envelopes. E dentro dela havia um pé cabeludo, também enorme. Olhei para cima e vi uma túnica marrom, cobrindo um homem mais enorme ainda. Em torno da barriga dele havia um cinto de onde pendiam sete chaves grandes.

Quando me sentei, bati a cabeça na maior delas. O

homem enorme disse um palavrão. Não vou contar qual foi, pois seria mundano demais. Depois ele disse: — Não coloque o endereço no verso. Eles passam os endereços para outras instituições.

Eu perguntei:

— São Pedro (crucificado no ano de 64)?

Ele falou mais um palavrão.

— Não precisa me lembrar. Não foi a melhor das mortes. Se você colocar o endereço no verso, não vai ter mais sossego. acredite em mim. Todas as instituições de caridade do mundo cristão vão bater na sua porta. Sei do que estou falando. Sou infalível.

Eu já havia escrito nosso endereço sobre alguns dos envelopes, mas só alguns.

— Isto aqui é seu? — ele perguntou, segurando uma chave na mão.

Era a chave da nossa casa velha. Ficava sobre o parapeito da janela.

— Uma tetrachave! Um espetáculo de chave, uma obra-prima da engenharia! O desempenho do tambor é quase um milagre. Sou o santo padroeiro das chaves, você sabe. Sobre esse dinheiro...

— Foi roubado.

— Eu sei. Sou o santo padroeiro das chaves, das travas e dos sistemas de segurança em geral. Sei que o dinheiro é frio.

— Então a gente tem de devolver, não tem? Mas se for devolvido, vai ser queimado. E isso também não é bom, é? Tento fazer a coisa certa, mas tudo é muito confuso.

— Você está estressado. Eu estou estressado.

Todo mundo está estressado. É muita coisa nas minhas costas. Além das chaves, das travas e dos sistemas de segurança, que eu já mencionei, tem os pescadores, os papas, a cidade de Roma... Eu trabalho pra (palavrão)! Também tenho de cuidar do portão, você sabe. Sou eu quem deixa todo mundo entrar ou sair.

— É mesmo? Todo mundo?

— É, por quê? Por acaso você quer saber de alguém em especial?

— Bem...—eu disse. Mas depois mudei de ideia.— Deixa pra lá.

São Pedro olhou para mim e depois sentou na beira da cama.

— Vou te contar uma coisa que jamais contei a ninguém. Nem a Lucas, Marcos ou João, quando eles me perguntaram. Guardei esse segredo até hoje. Mas... é tudo verdade. Está prestando atenção?

E então ele contou o episódio da alimentação dos cinco mil homens. Fiquei sem jeito de dizer, mas essa história já era fartamente documentada e conhecida. Ele descreveu as pessoas seguindo Jesus e ouvindo as palavras dele. Também disse que Jesus nunca planejava nada; sempre que ficava com fome, agia como se fosse a coisa mais inesperada do mundo.

— Nem sequer punha um cachecol no bolso quando ia subir o Everest. E certamente não tinha preparado um piquenique para aquela gente toda.

Segundo estimativas da polícia, havia cinco mil pessoas, mas suspeito que tinha muito mais, quase o dobro disso, mole. E estavam todas famintas. Sabe o que ele fez?

— Bem.. — eu não queria estragar a história, mas não resisti e disse: — Cinco pães e dois peixes.

— Não. Eu *sabia* que você ia dizer isso. Essa foi a história que aquelas pessoas repetiram depois, mas vou te contar por que elas fizeram isso: porque sentiram culpa.

— Não entendi.

— Um menino, mais ou menos do seu tamanho, foi até Jesus. O nome dele era... ah, esqueci. Ainda esbarro com ele por aí. Pois bem, esse menino tinha as tais bisnagas de pão e algumas sardinhas.

Jesus abençoou a comida e passou o prato à primeira pessoa que estava ao seu lado. Não estava tentando fazer um milagre. Jesus era desses caras que acham que tudo vai dar certo no final, sabe como é? Depois, a pessoa que recebeu o pão e as sardinhas passou o prato para o vizinho. Sabe por quê? Porque tinha um pedaço de bolo de mel e uma costela de carneiro escondidos dentro da bolsa. Antes de passar a comida para o companheiro seguinte, sem que ninguém percebesse, tirou o bolo da bolsa e fez parecer que tinha tirado do prato. E o tal companheiro, que estava com o bolso cheio de frutas secas, fez exatamente a mesma coisa: tirou uma tâmara do bolso e passou o prato adiante. E assim a coisa foi.

A verdade é que todos aqueles filhos-da-mãe tinham comida escondida em algum lugar, mas não queriam dividir com a multidão. Só tinham olhos para o próprio umbigo. Preferiam cair duros de fome a deixar que alguém visse que tinham comida. Mas assim que recebiam as sardinhas e os pães, pegavam sua própria comida e começavam a comer; só então se sentiam à vontade para oferecer alguma coisa aos vizinhos. E foi assim que começou o maior piquenique de todos os tempos. O prato passou de um em um até que voltou para Jesus e para o tal menino (vou lembrar o nome dele daqui a pouco) com as mesmas sardinhas e os mesmos pães de antes. Jesus ficou um pouco surpreso, mas quando olhou para trás (ele estava conversando com alguém quando isso tudo aconteceu), viu que todos estavam comendo.

Então perguntou: "O que está acontecendo?", e eu respondi: "Um milagre." Não queria falar mal de ninguém na frente dele. Eu tinha o péssimo hábito de falar mal das pessoas, e Jesus detestava quando eu fazia isso. Além do mais, a tarde estava linda. Como ele não disse mais nada, achei que tinha conseguido enganá-lo, mas hoje percebo que um milagre realmente aconteceu ali. E dos melhores. Porque aquelas pessoas tinham tudo de que precisavam. A não ser uma coisa... sei lá, talvez coragem, ou boa vontade. E então aquele menino deu o primeiro passo. E por causa dele, todos se tornaram pessoas melhores. Ficaram animados e passaram horas ali, conversando e rindo, como se esse novo sentimento, essa boa vontade ou o que quer que seja os tivesse deixado bêbados. Um menino deu o primeiro passo, foi

generoso, e foi o que bastou. Um fedelho. Ele não planejava salvar o mundo. Só queria comer. Mas fez a coisa certa na hora certa. Um menino e um prato de peixe, e cinco mil pessoas de barriga cheia. Segundo estimativas da polícia. Como eu disse, devia ter o dobro disso, mole, mole. Entende o que estou querendo dizer?

— Mais ou menos.

— Estou falando de você.

— Agora não entendi nada.

— Olha, não posso dizer muita coisa. Porque tem essa história de livre-arbítrio e tal. Porém isto eu posso dizer: está vendo esta chave? — Era a chave da nossa casa velha. — Um verdadeiro milagre da serralharia. Está vendo? Guarde esta chave com você. Num lugar bem seguro. Acho que posso dizer isto sem correr o risco de falar demais.

Guarde-a com você. Num lugar bem seguro.

Então chegou a grande noite. Nas coxias, a gente tinha de andar na ponta dos pés para que ninguém nos ouvisse. Anthony e eu olhamos através das cortinas. O pátio estava cheio de pais empoleirados em cadeiras minúsculas; quase todos carregavam uma câmera de vídeo. Mais ao fundo, papai atravessava a pequena multidão, tentando encontrar dois lugares vazios. Dorothy estava com ele.

— Por que ela veio também? — perguntou Anthony.

— Foi você que convidou — lembrei a ele.

E então começou. Um anjo da segunda série veio me contar que Maria estava esperando um bebê.

Depois partimos para Belém, com todos os outros anjos na frente do palco, cantando "Sino pequenino". Quando chegamos do outro lado do palco, ficamos escondidos atrás das cortinas.

Maria desceu do burrinho e, sem que ninguém visse, correu para trás da estalagem, do lado esquerdo do cenário. Mas Dave, o burrinho, não conseguia passar; tive de sair com ele por uma porta lateral, atravessar todo o salão que ficava atrás do palco e voltar pelo outro lado, passando pelas portas do refeitório.

São José esperava por mim. Ele disse: — Foi sensacional. Uma verdadeira viagem no tempo. Olha só pra isso... Lágrimas!

— Muito obrigado. Quer dizer, sinto muito por ter feito o senhor chorar, mas...

— Não precisa se desculpar. É só uma catarse, mais nada.

— Então está bem. Agora tenho de ir. É a minha deixa.

Eu me dirigia ao palco quando Dave se prendeu em alguma coisa. Olhei para trás, e lá estava ele.

O homem do olho de vidro havia segurado o rabo do burrinho. Quase fiquei sem ar. Quase sussurrando, ele disse:

— Você se lembra de mim, não lembra?

Fiz que sim com a cabeça.

— Sou o homem pobre.

Novamente, fiz que sim com a cabeça.

— Acho que você tem um dinheiro que me pertence, não tem?

Eu carregava a mochila nas costas. Tentei me virar para que ele não a visse. Tarde demais, já tinha visto. O homem do olho de vidro esticou os braços na minha direção, mas a porta atrás dele se abriu, e todos os anjos saíram na maior folia, seguidos da sra. Nugent.

— Depressa, Damian — ela sussurrou. — Já devia estar em Belém a essa altura.

O Olho-de-Vidro se escondeu atrás de um escaninho, longe de mim e da mochila. Não queria que ninguém o visse.

— Damian, depressa! — insistiu a sra. Nugent.

Olhei para o Olho-de-Vidro. Fiz um gesto que queria dizer "preciso ir" e fui. Mais nada. Segui para o palco, rodeado de anjos.

Já atrás das cortinas, a sra. Nugent disse: — Que diabos você está fazendo com esta mochila anacrônica nas costas? Será que existiam mochilas Nike no século I? Acho que não.

Eu não sabia o que fazer. Mas o sr. Quinn estava lá, para manusear a estrela-d'alva (ela estava pendurada numa polia).

— Fui eu quem deixou que ele ficasse com a mochila... — ele disse baixinho. E depois cochichou mais alguma coisa no ouvido da sra. Nugent.

A sra. Nugent revirou os olhos e foi embora para tocar o piano.

Os anjos tinham de cantar "Sino pequenino" mais uma vez, antes que Rebecca e eu voltássemos ao

palco. Então, tive tempo suficiente para fazer uma coisa bastante esperta. Fiz o seguinte: tirei toda a palha dos cestos sobre o lombo do burrinho e coloquei o dinheiro neles. Troquei a palha pelo dinheiro.

Depois fui até o sr. Quinn e entreguei a mochila.

Ele ficou surpreso (e contente).

— Acho que não vou precisar dela mesmo — eu disse.

— Posso guardar no vestiário?

— Que boa notícia! — ele disse. — Pode deixar, eu guardo pra você. Parabéns, Damian. Cada vez mais ajuizado, hein?

— Então ele fez um carinho na minha cabeça e pegou a mochila.

Fiquei ali, olhando para a mochila que ia embora.

Então chegou nossa hora de entrar no palco e bater na porta de todas as estalagens, perguntando se havia vagas. Tínhamos de bater na mesma porta três vezes, mas um estalajadeiro diferente atenderia a cada vez.

— Vocês têm um quarto vago?

— Não, lotação esgotada. Não sabem que estão realizando um censo? Tirem já esse burrinho sarnento da porta da minha estalagem!

Ouvi a porta de incêndio se fechar discretamente quando bati na porta da terceira estalagem. Sabia que o Olho-de-Vidro tinha saído atrás da mochila.

Ele a encontraria no vestiário. Quando abrisse, não acharia nada além de palha. O que faria em seguida? Provavelmente me mataria.

— Vocês têm um quarto vago? — eu disse, um pouco mais depressa que das outras vezes. — Minha esposa está prestes a dar à luz.

— Não, não temos. Mas se não encontrarem nada, podem se alojar no meu estábulo. Pelo menos tem um teto e é quentinho.

Entramos pela porta da estalagem.

— Ah, muito obrigada — Rebecca disse.

Todo mundo na plateia se emocionou.

— Aaaaah... — eles suspiraram.

E os *flashes* das câmeras pipocaram como fogos de artifício.

Depois nos escondemos atrás das cortinas.

O sr. Quinn começou a puxar a corda da polia para fazer a estrela-d'alva atravessar o palco. Os Reis Magos tinham de segui-la, cantando "Os três reis do Oriente". Depois da terceira estrofe (a que falava da mirra), eu e Maria devíamos entrar de novo. Mas eu tinha outros planos: desaparecer com o dinheiro.

A música começou: "*Nós, os três reis do Oriente...*"

Faltavam três estrofes até que dessem pela minha falta. Três estrofes até que eu perdesse a minha deixa. Uma frente de três estrofes.

Os cestos com o dinheiro estavam muito pesados, então tive de deixá-los onde estavam, sobre o lombo do burrinho, e sair do pátio puxando o burrinho atrás de mim. Minha ideia era ir direto ao portão da escola. Mas tinha me esquecido de que os anjos estavam nos corredores. Então fui obrigado a tomar um desvio e seguir por outro corredor, o que passava em frente à sala do diretor e do vestiário onde estavam guardadas nossas mochilas. Talvez o Olho-de-Vidro ainda estivesse por lá. Segui devagarinho, de ouvidos bem abertos. Os reis já cantavam a estrofe que falava do ouro. Vi minha mochila vazia jogada ali, no chão do vestiário, ao lado de um monte de palha.

O Olho-de-Vidro já havia passado por lá. Já sabia que tinha sido enganado. Decerto estaria procurando por mim.

Eu não tinha tempo para me trocar, então tirei meu paletó do cabide e o vesti por cima da fantasia de São José para não chamar muita atenção. Em seguida, puxei o burrinho em direção à saída. Parei

imediatamente. O sr. Quinn estava do lado de fora, fumando. Os reis já falavam do incenso. Imaginem só, o sr. Quinn fumando! Devia saber que fumar faz mal à saúde. De repente, ele largou o cigarro, entrou novamente no prédio e seguiu para o pátio. Puxei o burrinho e saí pelas portas enormes, deixando que ele sacudisse degraus abaixo. Depois atravessei o estacionamento da escola. Eu corria tanto, que o burrinho quase capotou.

Assim que atravessei o portão, olhei para trás.

Nenhum sinal do Olho-de-Vidro. Ele ainda não estava atrás de mim. Atravessei a rua correndo e fui até o ponto de ônibus. Por milagre, o ônibus já estava chegando. Era um ônibus de dois andares, e algumas pessoas estavam sentadas no andar de cima. Os rostos delas se iluminavam do outro lado das janelinhas quadradas. Olhavam para mim como se fossem um coral de anjos. Peguei as cestas e subi, abandonando o burrinho no ponto do ônibus. Pedi uma passagem ao motorista.

Custava 75 centavos. Então me dei conta de uma coisa: eu carregava milhares de libras sobre os ombros, mas não tinha nenhuma moedinha. Nada menor que dez libras. O motorista, que não tirava os olhos de mim, disse outra vez: — Setenta e cinco centavos.

Vasculhei os bolsos do paletó. Eu não queria abrir os cestos, por medo de deixar cair todo o dinheiro.

— Posso sentar um pouquinho? Acho que...

— Você está vestindo uma fantasia, e o dinheiro deve estar no bolso das calças.

Eu não queria mentir para ele. Não assim, vestido de são José. Então disse apenas: — Sinto muito por fazer o senhor esperar.

— Se cantar um pedacinho da "Pequena vila de Belém" — disse o motorista —, deixo você entrar sem pagar. — E depois arrancou.

Sentei no banco da frente e comecei a cantar, bem baixinho. Pelo espelho retrovisor, via o burrinho ficando para trás, como se a casinha do ponto de ônibus fosse um estábulo. Ninguém me seguia.

— *Pequena vila de Belém, repousa em teu dormir...*

Depois de tudo isso, papai contou o que aconteceu durante a peça. Quando chegou minha deixa, Maria entrou. Sem mim, é claro. Sentou na manjedoura e ficou ali parada, esperando alguma coisa acontecer. Depois disse, ou melhor, berrou: — Como é aconchegante esta manjedoura, José!

Ela achou que eu estivesse atrás do cenário. Como não apareci, ela berrou de novo, ainda mais alto: — Como é aconchegante esta manjedoura, José!

As pessoas começaram a rir. E papai começou a ficar nervoso, segundo ele mesmo disse depois.

Aposto que o Olho-de-Vidro, no fundo da plateia, também ficou nervoso. Provavelmente se preparava para ir atrás de mim.

— EU DISSE QUE ESTA MANJEDOURA É MUITO... — berrou Maria, mas depois parou.

Alguém de fato entrou no palco. Não eu, mas alguém com uma barba grande, uma túnica e — isto foi papai quem disse — uma espécie de brilho ao seu redor. As pessoas na plateia, que já estavam tensas, relaxaram nas cadeiras. Como se estivessem diante de uma lareira bem gostosa.

Papai disse que provavelmente era o sr. Quinn, que havia se enrolado rapidamente num cobertor, amarrado uma toalha no rosto e tomado o meu lugar.

— Ele deve ter usado um daqueles bastões que a gente leva quando vai acampar. Sabe aqueles?

Que se iluminam quando a gente bate neles? Pois é. O efeito foi muito bonito. Não dava pra ver o rosto direito, mas havia uma espécie de aura em torno dele. Quase me esqueci de você por alguns instantes.

Quando papai disse isso, logo vi que não era o sr.

Quinn coisa nenhuma. Era o são José de verdade, que havia tomado o meu lugar de modo que até o Olho-de-Vidro ficasse curioso para assistir. Assim sendo, muito obrigado, São José.

Desci do ônibus e caminhei em direção à nossa casa velha. Era a primeira vez que eu passava por aquelas ruas desde que a gente tinha se mudado.

Através das frestas minúsculas entre as casas, uma estrela brilhava de maneira estranha e iluminava a porta da casa de número 37. Como já tinha feito tantas vezes, coloquei a chave na fechadura, abri a porta e entrei.

Eu sabia, é claro, que a casa estaria vazia. Eu mesmo tinha ajudado a empacotar as coisas, e ela ainda não havia sido vendida. Sabia que estaria vazia. Mas não desconfiava que estaria *tão* vazia.

Era o lugar mais vazio em que eu havia colocado os pés em toda a minha vida. Como num sonho: a gente acorda atrasado, corre para as escadas e descobre que os degraus não estão mais lá. Foi exatamente assim que me senti. Como se tivesse pisado no ar, no espaço sideral. Nossa casa estava tão vazia quanto o espaço sideral.

Até os sons haviam desaparecido, como se eu estivesse dentro de um submarino. Quando subi as escadas, carregando os cestos nos ombros, parecia que um gigante tamborilava os dedos pelo lado de fora desse submarino. No primeiro patamar havia um armário de roupas de cama. Já não guardava toalhas e lençóis como antes. Mas no verso de uma das portas, encontrei um bastão comprido, com um gancho na ponta. Era o bastão que a gente usava para abrir a portinha do sótão e puxar a escada telescópica que ficava recolhida dentro dele. Peguei o bastão e caminhei em direção ao sótão. Abri a tranca da portinha, que ficava lá no alto. A portinha se abriu e bateu contra a parede. A escada telescópica deslizou para baixo, fazendo um barulho estridente, como se dez mil paraquedistas tivessem aterrissado sobre o telhado de uma casa. Mas, de repente, parou no meio do caminho. O degrau inferior balançava bem acima da minha cabeça. Tive de usar o bastão para soltar a segunda parte da escada. E mais dez mil paraquedistas pousaram sobre o telhado imaginário. Depois, silêncio.

Escalei os degraus e depusitei os cestos no sótão, onde nunca havia entrado antes. Mas já havia visto papai subir e descer a escada telescópica algumas vezes. Sempre quis saber o que havia lá em cima. Não havia nada. Um nada ainda maior que o do resto da casa. Nada e um grande tanque de metal acinzentado, cheio d'água. De vez em quando, uma gotinha pingava e fazia "ploft". Mais nada. Havia um espaço entre o tanque e a parede.

Acomodei os cestos ali e desci a escada.

Eu empurrava a primeira metade dos degraus para cima quando ouvi um barulho. Alguém estava na porta da frente, mais de uma pessoa. Segurei a respiração. Mas não corria perigo, ninguém podia entrar. Lembrei o que são Pedro havia dito sobre a chave e enfiei a mão no bolso para me certificar de que ela ainda estava ali. Não estava. Tinha ficado na fechadura da porta. Ouvi quando ela girou. Corri para o sótão outra vez e recolhi a escada telescópica. Quando fui fechar a portinha, ouvi passos sobre a escada da sala. Sem perder tempo, encostei a portinha e me escondi atrás do tanque d'água. Mal conseguia respirar. Os intrusos, fossem lá quem fossem, já estavam bem abaixo de mim. Procurei me esconder ainda mais, no espaço entre o tanque e a parede.

De repente, o tanque começou a balançar e a ribombar como um trovão. A água saía por um lado e entrava por outro, agitada, como se o tanque fosse explodir. Alguém lá embaixo havia dado descarga no banheiro. Procurei controlar a respiração, e talvez tenha sido isso que me fez soluçar. Dei o primeiro soluço. Mal pude acreditar.

Abri os ouvidos ainda mais. Já não havia passos no andar de baixo. Os intrusos tinham ouvido alguma coisa — ou acharam que ouviram — e pararam para ver o que era. Fiquei totalmente imóvel. Depois ouvi vozes, e mais passos. Outro soluço. E os intrusos pararam novamente. Tirei do bolso minha barba de são José e cobri a boca para abafar os soluços. Foi então que ouvi o tema de *Harry Potter* tocar bem pertinho de mim. Olhei ao meu redor. O videofone. Ele estava tocando no bolso do meu paletó. Tarde demais para fazer alguma coisa.

Antes que eu pudesse desligá-lo, a portinha do sótão se abriu. Um cubo de luz invadiu a escuridão. A escada telescópica se armou, quase acertando o meu queixo. Depois deslizou para baixo e parou no meio do caminho, balançando.

Soltaram a trava, e ela se esticou até o chão. Um momento de silêncio. Alguém pisou no primeiro degrau. Tremi como vara verde quando vi o topo da escada balançar. Outro passo. E a escada balançou de novo. Silêncio. Outro soluço. Dois passos curtos e mais dois degraus. Tentei sumir nas sombras. A escada balançou novamente. E a mão do invasor surgiu no vão da portinha. Depois a cabeça. Então gritei, gritei, gritei e gritei. O homem se aproximou. Era papai.

— Que diabos você está fazendo aqui, seu morcego cabeça-de-vento?

Falando em termos puramente confessionais, não pude conter o choro. Papai me levantou no colo e desceu a escada comigo. Eu tinha dificuldade para respirar. Ele me abraçava forte e, durante um tempo, não disse nada a não ser "shhhh.."

Entramos em meu antigo quarto, e ele disse: — Lembra deste lugar? O quarto que era seu, lembra? Agora respira fundo.

Eu tentava obedecê-lo, mas, assim que me sentia mais calmo, essa terrível mistura de choro e soluço atacava outra vez. Então fomos para o quarto ao lado.

— E este era meu e... você sabe, dela — papai disse. Caminhamos até a janela e ficamos ali, olhando para fora.

— No dia da mudança, vi que você guardou a chave. Depois que você sumiu, fomos até a casa nova para ver se você estava lá. Reparei que a chave não estava mais no parapeito da sua janela.

Então... aqui estamos nós.

Anthony segurava o videofone dele.

— Eu estava preocupado com você — ele disse —, então liguei. Não viu na tela que era eu?

— O telefone estava no bolso do meu paletó.

Papai olhou para o aparelho.

— Alguém por acaso pode me explicar o que está acontecendo aqui? — ele perguntou.

Olhei para Anthony. Sabia que não seria capaz de levar aquela farsa adiante. Anthony balançou a cabeça, sinalizando que concordava com o que eu estava prestes a fazer.

— Tem dois cestos atrás do tanque de água.

Papai subiu até lá e buscou os cestos. Eles não estavam devidamente fechados. Assim, pouco antes de descer a escada telescópica, ele viu o que tinha dentro deles. E disse uma coisa mundana. Depois acrescentou:

— De onde foi que veio isto?

— Caiu do céu. Achei que fosse um presente de Deus...

— De Deus? E por que Deus daria um...

Papai olhou para dentro dos cestos.

— Tinha 229.370 libras velhas — disse Anthony. — O que está aí ainda vale por mais 22 horas.

— Caramba! — Papai olhou para a pilha de dinheiro. — E vocês acharam que poderiam ficar com elas?

Do jeito que ele falou, ficou claro que a gente tinha feito uma bobagem, como fazer massa salgada para assar um bolo. Anthony e eu olhamos um para o outro.

— Dupla de cabeças-de-vento! — ele disse. — E então?

— O que o senhor vai fazer?

— Devolver o dinheiro, é claro.

— A gente vai pra cadeia?

— Claro que não. Eles iam queimar tudo de qualquer jeito... Vão ficar muito satisfeitos com vocês.

Papai fez um carinho na minha cabeça.

— Então a gente vai receber uma recompensa? — perguntou Anthony.

— Entrem no carro — disse papai, rindo.

E então fomos para casa. Enquanto atravessávamos a cidade, ele abriu o teto solar.

Então nos deitamos no banco e ficamos olhando as luzinhas de Natal que passavam sobre nossas cabeças.

Havia anjos brancos e gordos, sinos verdes e vermelhos, além de diferentes letreiros que diziam coisas como "Paz na Terra" ou "Boa vontade aos Homens". Então pensei: "É claro que papai daria um jeito nas coisas." Nem me importei que os Papais Noéis iluminados não se parecessem em nada com o verdadeiro são Nicolau. E quando chegamos em casa, quem esperava por nós à porta? Dorothy! Aquele momento me pareceu um emocionante final feliz.

Mas não foi o final. E também não foi feliz.

Não é raro um Natal ruim. No primeiro Natal, por exemplo, o rei Herodes soube que outro rei nasceria num estábulo e foi logo concluindo que se tratava de um complô contra ele. Ficou preocupadíssimo, andando de um lado para o outro. O que não é exatamente relaxante. Depois de um tempo, decidiu que o mais seguro a fazer era mandar que seus soldados matassem todos os meninos recém-nascidos na Judeia. Assim, naquele ano, os meninos recém-nascidos da Judeia tiveram um Natal ainda pior que o de Herodes.

Jesus escapou, é claro. Muito embora tivesse sido o culpado pela morte de todos os outros bebês.

Mais um caso de danos colaterais, como o das pessoas que foram mortas pelas lascas voadoras durante a execução de santa Catarina. É impressionante o número de pessoas que se dão mal só porque estão no lugar errado, na hora errada.

Papai ficou ao mesmo tempo surpreso e feliz ao ver que Dorothy esperava por nós sobre a soleira da porta. Piscou os faróis e tocou a buzina. Mas, quando a luz dos faróis iluminou o rosto dela, notei que ela mordida os lábios e parecia preocupada.

Papai estacionou o carro e desceu. Anthony sussurrou: — É melhor ele não contar nada a ela... E você também não vai contar nada, ouviu bem?

Dorothy segurava a mão de papai. Quando desci do carro, ela estendeu a outra mão para que eu segurasse. O cheiro de laranja do xampu dela perfumava o ar como da outra vez. Ela dizia: — Resolvi dar uma passadinha por aqui, e a porta da frente estava aberta. Nem cheguei a pensar que... Sinto muito. Mas chamei a polícia imediatamente.

Nossa casa havia sido assaltada. A fechadura da porta estava toda quebrada. Nossa árvore de Natal estava esborrachada no chão, em meio a uma pilha de bolas quebradas e guirlandas embaraçadas. Parecia que tinha sido atingida por um furacão. Nossos presentes estavam amassados. Os tocos de carvão artificial da nossa lareira a gás estavam espalhados por toda parte.

Na cozinha, o conteúdo dos armários estava esparramado sobre o chão e, por algum motivo, o da lata de lixo também. Papai sentou-se numa cadeira e ficou ali, olhando para a bagunça.

Ainda estava assim quando o policial do nosso distrito chegou.

— Sua casa não foi assaltada; foi vasculhada — ele disse. Depois escreveu um número num pedaço de papel. — Entregue isto à seguradora e faça uma notificação de sinistro. Naturalmente, eles não poderão recompensá-lo como se deve.

Não têm como lhe dar um Natal novo. Além disso, essas coisas são tão demoradas que decerto o cheque não será liberado antes do Natal do ano que vem.

Papai continuava imóvel e mudo. Dorothy havia preparado um pouco de chá.

— Eu não sabia mais o que fazer — ela disse.

— Bem, a senhora podia fazer umas torradas também — disse o policial.

— Ah, claro.

— Não deixaram pedra sobre pedra... — continuou o policial. — O mais estranho é que não levaram muita coisa. Ao que parece, estavam procurando por algo específico. O senhor faz ideia do que poderia ser?

Papai não se mexeu.

— Acontece que fomos notificados de que uma daquelas sacolas de libras havia se perdido nesta região, o que talvez explique esta onda de assaltos. Não que os ladrões possam fazer alguma coisa com o dinheiro agora. Todos os bancos foram orientados para notificar qualquer depósito de vulto, e resta apenas um dia para que as notas virem lixo.

E então o policial foi embora. Papai nem sequer disse adeus, nem se levantou. Ficou do jeito que estava, olhando para a árvore de Natal. Anthony estava igualzinho a ele. Foi Dorothy quem acompanhou o policial até a porta.

— Certa vez — ela disse assim que voltou —, eu estava angariando fundos para uma dessas instituições que ajudam os países pobres, não lembro qual exatamente. Estávamos na sede do Partido Trabalhista em Birmingham, e Nelson Mandela apareceu por lá para dar uma palestra.

Fez todo o meu trabalho por mim. As doações foram tantas, que eu mal tinha tempo de anotar os dados. Sabem o que foi que ele disse? Isto: "A única riqueza é a vida." O que vocês acham? Disse que o dinheiro pode ser uma prisão, do mesmo jeito que a pobreza. A única riqueza é a vida. E vida é o que não falta a vocês... Vocês têm uns aos outros, têm uma casa, têm saúde... Vida. Tudo mais é enganação. Como os jardins suspensos da Babilônia.

Olhei para ela. Anthony também. Os jardins suspensos da Babilônia?

— Por acaso vocês acham que alguém foi lá e suspendeu aqueles jardins?

Dei" uma risadinha. Anthony deu uma risadinha.

Papai levantou a cabeça e deu uma risadinha também. Dorothy ficou envergonhada. Depois papai riu mais ainda, eu ri mais ainda e Dorothy começou a rir também. Até Anthony não se conteve e riu mais que todos nós.

Em seguida, papai se levantou e foi até o carro.

Anthony foi atrás dele e disse: — Papai, não faça isso. Por favor.

Mas papai não lhe deu ouvidos. Buscou os cestos e derramou o dinheiro sobre a mesa de jantar.

— O que é isso?

Papai jogou os pacotes de cédulas para o alto, e eles caíram como tijolos de um cocho de pedreiro.

Dorothy ficou boquiaberta. Anthony resmungou alguma coisa e depois subiu para o quarto.

— De onde foi que... Isso tudo é seu?

— É isso que eles estavam procurando — disse papai. Dorothy tocou a sacola de dinheiro cuidadosamente, como se ela fosse explodir.

— Sabe aquilo que eu disse, que a única riqueza é a vida? Pois bem, a vida é isto aqui.

Papai riu de novo, mas não foi um riso de felicidade.

— Eles levaram meu Natal. Então vou levar o dinheiro deles.

E só então me dei conta de que papai ficaria com o dinheiro.

— Mas você não pode fazer isso! Seria um roubo!

— Quem rouba, rouba *de alguém*. De quem é esse dinheiro?

— Do governo.

— Bem, é claro que o problema não é meu — disse Dorothy —, mas vocês sabem que o governo ia queimar tudo isso, não sabem?

De repente, papai ficou radiante.

— É mesmo! Eles iam queimar o dinheiro! E com tanta gente necessitada por aí... Por que não deram tudo aos pobres? Teria sido muito melhor, não teria?

Anthony já havia explicado isso.

— Bem, é por causa da oferta de dinheiro. É assim que funciona...

— Eu sei, eu sei. Não precisa explicar. Mas vocês não me deixaram terminar.

— Então termina.

— A gente vai à cidade amanhã, troca tudo por euros e depois é só gastar!

A campainha tocou. Papai e Dorothy ficaram assustados e começaram a colocar os pacotes de dinheiro dentro das cestas. Saí em direção à porta.

— Ainda não! — sussurrou papai, ainda com as mãos cheias. — Agora sim, vai.

Enquanto abria a porta, eu podia ouvi-lo empurrando as cestas para dentro do armário embaixo da

pia da cozinha. Era Terry-Contabilidade.

— Seu pai está em casa? — ele perguntou.

Acompanhei Terry até a sala de estar.

— Ouvi falar da invasão e vim oferecer ajuda.

Afinal, somos todos responsáveis pela segurança deste condomínio.

— Tarde demais, Terry — disse papai.

— Podemos acionar o grupo de apoio às vítimas de assalto, ajudá-lo na papelada da seguradora, coisas assim. Ou se você precisar de suporte financeiro a curto prazo...

Dorothy quase não foi capaz de segurar o riso quando ouviu isso. Terry olhou para ela.

— Aceita um pouco de chá? — ela ofereceu.

— Não, obrigado. Fizeram um belo estrago em sua árvore, hein? Que motivo teriam pra fazer uma coisa dessas?

Só pode ser inveja, é o que eu acho. Não toleram que você tenha trabalhado duro antes de colher as recompensas. Acham que podem simplesmente meter a mão em tudo. Essa gente não tem tutano pra conquistar nada na vida. É isso. Se querem mesmo saber minha opinião.

— Você está certíssimo — disse papai, com as mãos entrelaçadas atrás da nuca.

— Vejam só — disse Terry. — Deixaram isso pra trás.

Terry se abaixou e pegou duas notas de vinte libras que haviam caído próximo aos pés de papai.

Entregou o dinheiro, mas papai hesitou em pegá-lo.

— Tem certeza que não são suas? — ele perguntou.

— Bem, estavam no seu tapete — disse Terry, um pouco surpreso.

Percebi que papai ainda tinha um bolo de notas na mão. Não podia estendê-la para pegar as notas de Terry. Então disse:

— Pode... hummm... pode deixá-las aí mesmo. Talvez tenham impressões digitais.

Agora estava evidente de quem Anthony havia herdado o dom de mentir.

— Ah, sim, claro! — disse Terry. — Nem tinha pensado nisso.

Terry largou as notas como se fossem dois pedaços de brasa. E elas flutuaram em direção ao chão.

— Bonita gravata — disse Dorothy.

— Também acho — disse papai na mesma hora.

Depois sentou na cadeira grande, ainda com as mãos atrás das costas. Percebi que tentava esconder o bolo de notas de vinte atrás da almofada.

Foi nesse momento que decidi ir para a cama.

Quando vi que o dinheiro havia deixado papai com medo de Terry-Contabilidade.

Levei um susto quando entrei no quarto. Alguém estava sentado na beira da minha cama. Era Anthony. Ele levantou a mão e disse: — Estou ouvindo a conversa deles...

Também ouvi. Ouvi a gravata de Terry tocar a musiquinha do *Scooby-Doo*. Ouvi ele se despedir, e depois a porta da frente se fechar. Depois ouvi...

— Shhhh... — disse Anthony. — O que você está ouvindo agora?

— Números. Estão contando o dinheiro.

— Ela está fazendo ele contar! Inacreditável. Essa mulher é o capeta!

— Como assim?

— Tá na cara, Damian! A gente chega em casa e encontra tudo revirado. E quem estava na porta? Mas que coincidência!

— Acha que foi ela?

— Ela estava procurando pelo dinheiro. Não teria se dado o trabalho se soubesse a toupeira que é o nosso pai! Deve ter ficado muito surpresa e feliz quando ele abriu o bico e contou tudo pra ela.

De repente, no andar de baixo, papai caiu na gargalhada. Uma gargalhada sonora e feliz, como se

alguém fizesse cócegas nele.

— Ela vai esperar que ele vire as costas e depois vai dar o fora com a grana.

Anthony voltou para seu próprio quarto.

Fiquei ali, na cama, ouvindo as vozes que vinham de baixo: os dois contavam, riam e contavam de novo. Depois, percebi que tinham se calado. Mas não percebi o tempo passar. Quando olhei para o lado, vi papai atrás da porta semi-aberta, me observando.

— O que foi?

— Por que ainda não dormiu? Quer que eu conte uma história?

— Pai... o dinheiro...

— Eu mereço.

— O quê?

— Trabalho cada segundo que Deus me deu apenas pra pagar a hipoteca da casa e dar a vocês um teto decente. Estou atolado em dívidas.

Sempre cansado. E agora todo o meu esforço foi por água abaixo. Chega. Estou farto. Hora do recreio. Amanhã vamos à cidade, trocamos o dinheiro e depois gastamos tudo. Agora durma.

Boa noite.

Depois que papai saiu, desci da cama e tentei dormir no chão. Achei que alguma coisa se mexia acima de mim, do outro lado do teto. Alguém estava no telhado, ou logo abaixo dele.

Fui até o corredor e parei diante do quarto de papai. Não sabia se devia acordá-lo, pois talvez fosse alguém que somente eu pudesse ouvir. O

barulho me seguia. Agora estava bem acima da minha cabeça. Algo pousou nos meus cabelos.

Olhei para cima. Não havia nada. Apenas o alçapão do sótão. Depois, uma chuva fina de poeira caiu do alto e entrou nos meus olhos. O alçapão estava se mexendo. E de repente sumiu.

Do outro lado, apenas escuridão. Uma corrente de ar frio passou por mim. Depois, foi como se um naco de escuridão tivesse se destacado do resto e começado a gotejar do alçapão. Dois pedaços grandes de escuridão balançavam logo acima da minha cabeça. Ambos pareciam estar presos à escuridão maior do alçapão. Depois caíram no carpete. Só então vi que eram pernas, além de um corpo e um rosto que olhava diretamente para mim. O homem do olho de vidro havia pulado do sótão e agora estava agachado bem à minha frente. Ele colocou o dedo nos lábios. Não gritei.

Achei que não seria certo gritar.

— Entre ali — ele disse, apontando para o meu quarto. Mal abriu a boca para falar. Como se tivesse falado dentro da minha cabeça. Como se fosse meu próprio medo falando.

Voltei para meu quarto e sentei na cama. Ele entrou, fechou a porta e olhou ao redor.

— Sei que estão com o dinheiro. Ele é meu. Sei também que vão trocá-lo amanhã, o que é muito bom. Uma amolação a menos, compreende?

Fiz que sim com a cabeça. Tentava fitá-lo diretamente nos olhos, pois queria que ele soubesse que eu estava falando a verdade. Mas, depois achei que fitava o olho de vidro e então mudei de olho. Ele pegou o celular que estava na mesinha-de-cabeceira e começou a cutucá-lo, procurando descobrir o número. Tentei puxar conversa.

— Então foi você que assaltou a nossa casa?

— O quê? Nada foi roubado, foi? Só queria o que é meu. Como não achei, resolvi esperar por vocês.

Então o assalto não tinha sido realmente um assalto, assim como o assalto ao trem não tinha sido realmente um assalto. Ambos tinham sido apenas uma desculpa para esconder alguém. O

Olho-de-Vidro se agachou na minha frente e começou a soprar palavras no meu rosto.

— Isto é o que você vai fazer pra mim. Amanhã à noite, quando o dinheiro já estiver trocado e todo mundo estiver dormindo, vou ligar para este telefone. Você vai descer e abrir a porta da frente pra mim. Então vou pegar o dinheiro e vou embora, entendeu? Não vou contar nada a ninguém. E você não vai

precisar se preocupar mais.

Em termos puramente lógicos, eu e o Olho-de-Vidro tínhamos uma coisa em comum: ambos sabíamos que o dinheiro era uma fonte de preocupação. Quando disse que eu não ia precisarme preocupar mais, percebi que ele entendia de dinheiro mais do que papai, Anthony ou qualquer um dos outros.

— Não se esqueça de deixar o celular ligado — ele disse. E depois foi embora.

Esperei na cama durante um tempo, apenas por medida de segurança. Depois resolvi que não queria mais ficar no quarto. Saí para o corredor.

Não queria passar debaixo do sótão outra vez, então não tinha como chegar ao quarto do papai.

Desci à cozinha. Os cestos do burrinho estavam em cima da mesa, ao lado de uma garrafa de vinho quase vazia, duas taças e um prato de salgadinhos. Papai e Dorothy certamente fizeram um brinde enquanto contavam o dinheiro. Enfiei a cabeça dentro de um dos cestos e ouvi o ronronar aconchegante do aquecedor central.

Devo ter adormecido, pois não ouvi quando ela entrou. Apenas senti alguém balançar o cesto.

Quando levantei, Dorothy estava lá, olhando para mim.

— Oi — eu disse.

Ela colocou o dedo nos lábios e sussurrou: — Shhhh...

Dorothy colocou os cestos nos ombros, abriu a porta dos fundos sem fazer barulho e saiu.

Eu não disse nada. Fiquei quietinho até a porta se fechar outra vez. Depois corri até uma das janelas da frente e entrei atrás das cortinas para ver Dorothy partir. Ela colocava o dinheiro no banco de trás do carro. A luz interna estava acesa, então vi claramente quando ela enfiou a chave na ignição e olhou na minha direção. A luz se apagou quando o motor ligou, mas Dorothy continuou olhando para mim. Depois acenou daquele jeito só dela, apenas com o mindinho. Dirigia um Corsa Vauxhall Nova.

"Nova" significa "não vá" em espanhol. Mas o de Dorothy foi. Certamente um erro de tradução.

O padroeiro dos motoristas, naturalmente, é São Cristóvão (datas desconhecidas, provavelmente não existiu). A história que sempre contam é a de que ele era um capanga grandalhão que trabalhava para o rei de um país do qual eu não me lembro. Depois Cristóvão descobriu que esse rei tinha medo da Morte; então pensou: "Não vou trabalhar pra subordinados; vou direto ao chefe." E lá foi ele trabalhar para a Morte. Não sei exatamente o que ele fazia; jamais achei que a Morte precisaria da ajuda de alguém. Bem, acontece que a Morte também tinha medo de uma coisa: do menino Jesus. Então Cristóvão... Bem, vocês já sabem onde vai dar essa história. Acontece que tudo isso é pura ficção. Bobagem, invencionice. Nunca houve um São Cristóvão.

Depois ele foi oficialmente banido, junto com São Pyr, que foi encontrado morto de bebedeira no fundo de um poço e canonizado por engano.

Então os motoristas são como os mentirosos e os corretores imobiliários. Não têm santo padroeiro.

Quando Dorothy pegou nosso dinheiro e foi embora, ninguém zelava por ela. E foi isso que aconteceu — e continuou a acontecer — com o dinheiro. As pessoas corriam atrás dele, mas não tinham nenhum santo a quem recorrer.

Eu ainda estava atrás das cortinas quando papai desceu. Olhava para a rua, caso Dorothy resolvesse voltar. Ouvi ele berrar com Anthony, em pânico.

— O dinheiro sumiu! E ela estava aqui, mas também desapareceu. O carro dela não está na rua!

— E nosso Damian também desapareceu — disse Anthony.

— Não! — gritei. — Estou aqui. Atrás das cortinas.

Papai puxou as cortinas e depois perguntou: — Onde está Dorothy?

— Não sei. Ela entrou, pegou o dinheiro e foi embora. Nem sei como foi que ela entrou.

— Levou o dinheiro? Todinho?

— Eu falei... Eu falei... — disse Anthony, encolhendo os ombros.

— Calado, Anthony. Damian, pensa direitinho. O que foi que ela disse?

— Ela disse "shhhh...".

— E você disse o quê?

— Fiquei calado, como ela mandou.

Papai gemeu e se jogou na cadeira grande. Depois se lembrou de uma coisa e endireitou o corpo.

Vasculhou o encosto da cadeira e retirou de trás da almofada o bolo de notas de vinte que havia escondido na noite anterior. Ficou surpreso e desapontado ao constatar que não havia sobrado muito.

— Cento e vinte pilas e nada mais. Foi o que sobrou de... quanto mesmo?

— Duzentos e vinte e nove mil, trezentos e...

— Está bem, Anthony. Muito obrigado. Agora fecha o bico.

— Bem que eu falei...

— Não só você falou, como também já disse que falou e agora está dizendo que disse que falou. Ou seja, já falou muito mais do que devia, ouviu bem?

— Papai baixou o tom de voz e começou a falar consigo mesmo. — Pense no que vai fazer... Pense no que vai fazer...

De repente, subiu as escadas e voltou com o telefone celular. Encontrou o número de Dorothy nas chamadas recebidas, deu um grito de alegria e discou.

Anthony imitou a voz de um robô e disse: — O telefone para o qual você ligou está desligado ou... Ficou igualzinho.

Papai olhou para ele e disse: — A ONG. A ONG para a qual ela trabalhava.

Como era mesmo o nome?

— Water Aid.

Depois ligou para o Serviço de Auxílio à Lista, descobriu o número e discou.

— Vocês dois esperem aqui — ele disse, apontando para a sala de estar. Continuou falando com o telefone. — Ah, compreendo. As coletas são feitas por meio de uma empresa franqueada. — O pessoal da ONG nunca tinha ouvido falar em Dorothy. — Como se chama a franqueada? Muito obrigado.

Papai discou outro número e olhou para nós.

— Quase lá... — ele disse. — Fila de espera. — Papai tinha sentado ao pé da escada, dava para ouvir uma orquestra tocando baixinho do outro lado da linha. Ele ficou ali um tempão, sem dizer nada, só ouvindo a música. Depois, com o celular grudado na orelha, pegou o telefone fixo e discou para Dorothy.

— Ela sabe que é você — disse Anthony. — Não vai atender. Mas se você discar 141 antes do número, o nosso telefone não vai aparecer no aparelho dela.

— Como você sabe disso? Por que *precisaria* saber disso?

— Faz o que eu disse e você vai ver. Se ela não souber que é o senhor...

— Já disse pra você fechar o bico. Recolha as luzinhas de Natal e coloque tudo de volta nas caixas.

— A gente não vai montar a árvore de novo?

— Não, não vai. Anda. Chispa daqui.

Anthony começou a desembaraçar os fios. Papai abaixou o celular e perguntou: — Qual foi mesmo o número que você falou?

— 141.

Papai discou uma vez. Depois outra. Depois mais outra. Treze vezes ao todo. Depois sentou na cadeira grande, vasculhando atrás do encosto mais uma vez, apenas para ter certeza. Nada. A gente ficou ali, ouvindo o tiquetaque do relógio roer as últimas horas de vida que ainda restavam às libras esterlinas.

Convenci Anthony a jogar uma partida de Trívia.

Achamos melhor não subir para buscar a caixa dele, só com perguntas sobre animais. Então tentamos jogar com os meus santinhos mesmo. No "Trívia Animais", ganha quem souber mais coisas sobre cada animal. O habitat, os predadores, o peso... Em vez disso, usamos os dias de comemoração e as datas de nascimento e morte de cada santo. Mas não funcionou. Venci em menos de trinta segundos, pois sabia todas as respostas. Anthony nem sequer sabia o dia do santo dele.

Olhei para a televisão, embora ela não estivesse ligada. Lá estavam a interface Digibox e os fios que subiam para a antena no telhado, que era bombardeada por sinais emitidos por postes e transmissores fincados em colinas distantes, que por sua vez eram bombardeados por sinais emitidos por satélites que vagavam pelo espaço sideral recebendo sinais da Terra e mandando-os de volta outra vez — sinais de televisão e telefone, sinais para navios e carros —, transformando o ar do planeta inteiro num balaio de gato de feixes e ondas e raios e mensagens.

Eu segurava meu santinho de santa Clara e então me lembrei de que ela tinha o hábito de enviar uma aparição de si mesma quando se fechava no eremitério. Naquela época não havia telefone nem televisão, e o ar era completamente vazio, a não ser pelos pássaros e pelas aparições de santa Clara. Fiquei pensando se as coisas não podiam voltar a ser assim.

Meu rosto se refletia na tela apagada da televisão.

Imaginei o aparelho sendo chupado cabo afora, subindo pelo fio e sendo cuspidido pela antena.

Depois subia como um foguete, atropelava o emaranhado de conversas telefônicas e estações de rádio e seguia flutuando no espaço. Lá no alto, na qualidade de padroeira da radiodifusão, santa Clara pastoreava os rebanhos de satélites errantes. Os satélites se pareciam um pouco com ostensórios flutuantes. Nossa televisão batia num deles e depois ricocheteava de volta à Terra, incendiando-se feito um cometa ab entrar na atmosfera, apitando ao atravessar os ventos fortes da troposfera, furando a camada de nuvens... até que, bem debaixo dos meus pés, surgia uma confusão de fios e circuitos com uma

coisa brilhante no meio. Os fios e circuitos eram uma cidade, e a coisa brilhante no meio era o telhado de vidro da estação ferroviária. Eu atravessava o telhado de vidro como um raio de luz e pousava sobre a plataforma enquanto os passageiros se apressavam ao meu redor para entrar nos vagões.

As pessoas se despediam umas das outras. As pessoas olhavam as horas nos relógios. As pessoas cuidadosamente carregavam copinhos de papel cheios de café.

Dorothy passou por mim e entrou num dos vagões.

Através da janela, pude vê-la conversando com uma senhora do outro lado da mesinha e ajeitando suas coisas antes de se assentar. Não queria que ela me visse. Por alguma razão, tinha medo de que isso acontecesse. Ela pegou uma sacola grande e tentou jogá-la no compartimento para bagagens de mão. Não conseguiu, pois a sacola estava pesada — provavelmente cheia de dinheiro.

Deixou que ela batesse na prateleira e caísse em cima da mesinha. Depois pediu desculpas à senhora e olhou pela janela. Então me viu. Não havia dúvida. O olhar dela foi como um soco no meu estômago. Pensei que eu fosse invisível.

Cheguei a achar que estava sonhando. Mas ela podia me ver. Muito embora eu estivesse em casa.

Tinha enviado uma aparição no meu lugar.

De repente, vi papai e Anthony na sala de estar.

Eles estavam entre mim e Dorothy — como acontece quando olhamos para uma janela no escuro e vemos através do vidro o que está na nossa frente, e sobre o próprio vidro o que está atrás. Papai, Anthony e eu estávamos sobre o vidro. Do outro lado estavam o trem e Dorothy, que ainda olhava para mim. Ouvi o trem apitar.

Depois aconteceu uma confusão qualquer. Dorothy franziu as sobrancelhas, como se tentasse descobrir o que eu estava fazendo ali. Os motores começaram a rugir. Dei um passo para trás, mas ainda estava na sala de estar, onde ninguém dizia nada.

Papai olhou para mim como se tivesse me ouvido entrar na sala, muito embora eu não tivesse saído dela. Permaneceu calado. Olhou para a janela.

Depois franziu a testa. Depois se inclinou para frente e franziu a testa ainda mais. Depois se levantou da cadeira grande. Olhei para onde ele estava olhando. Dorothy caminhava em direção à porta da frente, acenando através da janela. Papai abriu a porta como se abrisse um presente de Natal. Parado do lado de fora, havia uma *van* enorme e vermelha: um Toyota Previa.

— Achou que eu tivesse fugido sem vocês?

— Não — disse papai.

— Sim — disse Anthony.

— Anthony achou — disse papai.

— Estava um pouco ansiosa, só isso. Sou uma mulher precavida.

— Ela é uma mulher precavida e estava ansiosa, exatamente o que eu disse — disse papai.

Ele dava pulos de alegria.

— Resolvi entrar em ação. Comprei o carro e paguei com dinheiro vivo. Achei que seria uma boa maneira de nos livrarmos de uma boa bolada. Libras na compra e euros na venda. Vamos perder um pouquinho na brincadeira, mas só um pouquinho. Ele não se desvaloriza muito, esse carro. Ah, e também troquei duas mil libras no banco. Ainda nos restam 150 mil e uma tarde inteira pra gastá-las. Será que a gente consegue trocar?

— Consegue sim! — berrou papai.

Dez minutos depois, seguíamos no Previa em direção a Manchester, pois lá havia mais bancos.

Por falar nisso, a palavra "Previa" não significa nada. Quando descobriram que não podiam vender um carro chamado "Nova" na Espanha, tiveram de contratar pessoas para bolar nomes que não significassem absolutamente nada em nenhum país do mundo. Assim não correriam o risco de batizar um carro com um nome que significasse "desconfortável" em sérvio ou "perigoso" em galês. Então existem

peças que fazem isto: ficam o dia inteiro bolando palavras que não significam nada. Imaginem só. "Previa" é uma dessas palavras, assim como "Mégane" e...

Bem, tem um milhão delas. Se a gente pensar no número de pessoas que dirigem nas estradas sem nenhum santo padroeiro e no número de palavras sem sentido que estão escritas por toda parte no carro delas, em termos puramente léxicos, é de se preocupar.

— Se os bancos estiverem muito cheios—disse Anthony—, a gente pode trocar o dinheiro nas casas de câmbio. Não precisa trocar por euros. Pode trocar por dólares. Talvez seja até melhor. Vai haver uma grande demanda por euros nesta semana por causa da entrada do Reino Unido na União Europeia, então eles vão se valorizar muito. Se a gente comprar dólares e esperar até a situação se acalmar, vai acabar ganhando. O que você acha, papai?

— Acho que trocaram os bebês no hospital. De onde foi que você saiu, hein, Anthony?

Quando chegamos a Manchester, Dorothy sugeriu que nos dividíssemos. Eu iria com ela a todos os bancos do lado norte, e Anthony iria com papai a todos os bancos do lado sul.

— Caso as filas estejam muito grandes — ela disse.

O centro da cidade estava tranquilo quando Dorothy e eu passamos pela gigantesca árvore de Natal. Estava tranquilo porque todo mundo já tinha ido para os bancos. Entrar no primeiro deles foi como participar, sem querer, de uma tentativa de quebrar o recorde mundial de quantas pessoas cabem dentro de um mesmo lugar. Uma voz de robô, bem lá no fundo, dizia: "Guiché número três livre. Por favor, dirija-se ao guiché número três."

Às vezes dizia: "Para trocar quantias menores, utilize o guiché automático localizado no lado esquerdo da agência." Mas ninguém utilizava o guiché automático.

Dorothy ficou aflita. Disse para eu entrar na fila ao lado, caso ela andasse mais depressa. Mas quando tentei passar por baixo da corda, um homem de casaco de lã me empurrou de volta.

Dorothy remexia na bolsa. Fiquei vigiando enquanto ela retirava mais alguns milhares de libras e colocava nos bolsos do casaco. Quando estiquei o pescoço para ver se ainda faltava muito, vi um bilhete de trem dentro da bolsa aberta.

Dorothy se virou para sorrir para mim, mas desviei o olhar bem a tempo.

Finalmente chegamos ao balcão. O rosto da mulher do outro lado do vidro estava vermelho e coberto de suor, como se fosse um dia de verão.

Ela conversava com o homem do guiché vizinho.

Mas a gente não ouvia o que eles falavam por causa do vidro. Dorothy passou os bolos de nota pela fresta. A mulher recolheu o dinheiro, arrumou tudo direitinho e depois perguntou: — Quanto tem aqui?

— Cinco mil.

— É um pouco alto demais. A senhora é correntista?

— Não. Eu ia comprar um carro hoje, mas ele ainda não chegou na concessionária. Faz três meses que venho economizando, e agora isso. O carro não chegou, então preciso trocar o dinheiro.

— É uma quantia razoavelmente alta.

— Por isso mesmo, coração, não quero perdê-la.

A mulher olhava para os lados. Procurava um gerente.

— Não é tanto dinheiro assim para um carro, pode acreditar.

O gerente estava ocupado. A mulher de rosto vermelho ficou ainda mais vermelha. Comecei a pular na ponta dos pés. Depois não aguentei e puxei a manga do casaco de Dorothy.

— O que você quer, garoto?

— Preciso fazer xixi.

— Ah, era só isso que faltava. A gente fica na fila por meia hora e quando finalmente chega ao balcão você precisa fazer xixi?

— A culpa não é minha!

A mulher de rosto vermelho estava de costas, acenando para o gerente. Dorothy bateu no vidro e apontou para mim. A essa altura eu já pulava como um ioiô.

— Aqui tem um banheiro? Um banheiro para os clientes?

— Sinto muito, não tem.

— Algum banheiro há de ter! Onde é que a senhora vai?

— O banheiro dos funcionários fica do lado de cá do balcão. Mas não posso deixá-la entrar sem autorização expressa. Tem banheiros no *shopping* a algumas quadras daqui.

— A senhora está sugerindo que eu vá até o *shopping* e depois fique outra meia hora na fila, com meu suado dinheirinho, rezando para o banco não fechar antes que eu chegue de novo ao balcão? Preciso desse carro pra trabalhar. Se não trocar o dinheiro, estou frita. Não posso...

— Está bem. Está bem. — A mulher empilhou as notas dentro de uma maquininha de contar dinheiro e entregou a Dorothy 7.042 euros, dentro de um envelope marrom.

Dorothy estava nervosa e aflita. Quase me arrastava pelas ruas.

— Muito bem, muito bem... Onde fica mesmo o tal *shopping*?

— Não preciso fazer xixi — eu disse.

Ela levou alguns segundos para compreender. — Inventei isso só pra apressar a mulher.

— Ah, olha só o raposo! — ela exclamou. Tomei isso como um elogio. — Você é mesmo um danadinho! — Também tomei como elogio. — Um trapaceiro, um bandidozinho — aí já não fiquei tão feliz.

Corremos até a agência do Barclays. O truque funcionou lá também. E em todos os outros bancos: HSBC, Lloyds, Halifax, Banco Real da Escócia... Mas no Banco Popular não funcionou, pois lá tinha banheiro. Por volta das quatro horas, já tínhamos trocado 62 mil libras. Os bancos começavam a fechar.

— Deve haver mais algum lugar.

— Tem um banco dentro da Kendal's.

Assim que disse isso, me arrependi. Dorothy agarrou minha mão e quase me arrastou até a loja de departamentos. Atravessamos a porta principal, que dava para a seção de cosméticos. Onde mamãe trabalhava.

Quando entrei ali pela última vez... Bem, não importa. Ela trabalhava no balcão da Clinique, isso é tudo o que vocês precisam saber. Perto dos elevadores.

Eu e Anthony nos divertíamos muito quando passávamos lá para buscá-la. Podíamos ver nossa mãe antes que ela nos visse. Ela conversava com as clientes, ou com outras vendedoras, depois arrumava as coisas, mas não sabia que estávamos olhando. Usava um jaleco branco e um crachá preto com o nome dela. Todas as mulheres que trabalhavam ali tinham a pele igual à dela — uma pele mais brilhante e macia que a de qualquer outra pessoa. E eram todas tão limpas... Eu diria até imaculadas. Sempre tocava uma música bonita. Como agora. E todas as mulheres imaculadas ainda trabalhavam lá. Menos ela.

Uma das mulheres imaculadas — a do balcão da Chanel — olhou para mim como se fosse dizer alguma coisa. O que não foi legal. Depois, fez uma cara de quem não sabia o que dizer. O que foi menos legal ainda.

Resolvi sair dali o quanto antes.

— O banco fica lá em cima — eu disse.

Mas, quando me virei, vi minha própria imagem refletida num espelho grande. Nenhum sinal de Dorothy. Olhei ao redor e vi a mulher da Chanel olhando para mim outra vez. Então pude perceber que a pele dela não era macia coisa nenhuma.

Tinha uma espécie de massa em cima, que dava a impressão de maciez. Mas a mulher tinha se esquecido de passá-la num cantinho perto da orelha. Achei aquilo meio bobo. Fiquei pensando se mamãe fazia a mesma coisa. Olhei atrás de mim. Nada de Dorothy. Apenas o pôster de uma mulher bem morena, de biquíni, toda suada. Em termos puramente médicos, minha respiração estava irregular.

Alguém pôs a mão no meu ombro, e eu me virei.

Dorothy. Tive de engolir a seco para não chorar.

Ela olhou para os lados, e depois para mim.

— Como você sabe que tem um banco aqui?

Eu ainda não conseguia respirar direito.

— Era aqui que sua mãe trabalhava?

Dorothy não esperou que eu respondesse. Disse apenas:

— Não aguento mais entrar em fila. Que tal a gente fazer uma farra?

Não estava com vontade de comprar coisas mundanas, mas achei que seria falta de educação dizer isso a ela. Subi a escada rolante atrás de Dorothy. Ela remexia na bolsa. Quando saímos da escada, ela tirou uma coisa e jogou na lata de lixo.

Vi que era o bilhete de trem.

Dorothy não me levou à seção de brinquedos, nem à de eletrônicos. Foi comigo até a seção de vestuário infantil, escolheu um casaco de lã vermelho e mediu nos meus ombros para saber se ia servir. O casaco tinha um capuz que cobria a cabeça da gente, igualzinho ao hábito dos franciscanos.

— Chapeuzinho Vermelho! — disse Dorothy, com certa razão.

Fazia muito tempo que eu não via um produto mundano tão legal. Talvez fosse a única coisa daquela loja inteira que eu quisesse comprar.

Dorothy foi até o caixa e pagou.

— Aposto que faz um século que ele não compra um casaco novo pra você. Casacos e talheres, duas coisas que os pais nunca se lembram de comprar.

Dorothy comprou uma bolsa para si mesma.

Saindo da loja, passamos em frente a um fliperama. Na fachada, uma placa dizia: "Ainda aceitamos libras." Foi o máximo! Eu nunca tinha entrado num fliperama antes. Havia um brinquedo onde a gente despejava moedas numa espécie de bandeja que se movia para frente e para trás, e o objetivo era fazer com que nossas moedas derrubassem as outras que já estavam ali. Ganhei duas vezes!

Dorothy disse: — A última coisa de que a gente precisava: mais um saco de dinheiro velho!

Gastamos tudo ali mesmo. Compramos algodão-doce, daqueles que vêm dentro do plástico, e um maravilhoso vaso egípcio.

Encontramos com papai e Anthony no carro. Papai perguntou: — E aí, trocaram tudo?

— A gente se cansou, não foi, Damian? Aceita algodão-doce? — Papai tirou um pedaço de dentro do plástico. — E vocês, quanto conseguiram trocar?

— Bem — disse papai —, tivemos a ideia brilhante de ir à incorporadora e pagar a hipoteca da casa nova.

— Ótima ideia! E eles, aceitaram?

— Estavam fechados.

— Ah.

— Mas trocamos setenta mil.

— E nós, 62 mil. Sinto muito.

— Então a gente vai ter de se contentar com 132 mil!

— E um Toyota Previa novinho em folha!

— E um simulador de voo do GameCube. E uma televisão de plasma. E uma lava-louças, que foi ideia de Anthony.

— Nada mal.

O carro estava entupido de embrulhos e caixas.

Todos estavam felizes. Até Anthony estava feliz.

Eu mesmo cheguei a ficar feliz por um instante.

Depois meu telefone tocou. Uma mensagem de texto. Era de Anthony, e dizia: "estamos esperando", acima de uma foto do papai ao lado do carro novo. Provavelmente tinha sido enviada poucos minutos antes. Nada com que eu precisasse me preocupar, mas serviu para me lembrar de outra coisa, esta sim, muito preocupante.

Os anjos da guarda têm de tomar conta da gente, mas sabem, é claro, quando a gente vai morrer.

Deve ser triste para eles ver a gente jogando futebol de botão, ou bebendo leite, ou qualquer outra coisa, e saber exatamente quando tudo vai acabar. Foi assim que me senti naquela noite. Os outros estavam felizes da vida. Tinham comprado comida indiana e comiam sentados no sofá, contando o que pretendiam fazer com o dinheiro recém-trocado, distribuído em sacos pelo chão.

Papai falou novamente em tirar umas boas férias.

Fez uma lista de lugares distantes — Acapulco, Sidney, Barcelona —, e Dorothy sugeriu mais alguns — Capri, Sardenha e Groenlândia (por causa da aurora boreal).

Anthony ainda insistia nos imóveis. Tinha visto o anúncio de umas casas de campo na península de Lleyrn, no País de Gales. Eram estábulos antigos, transformados em casas luxuosas. Então sugeriu: — A gente podia comprar uma delas e depois colocar pra alugar; assim a gente teria uma renda fixa e ainda lucraria com a valorização do imóvel.

— Devem ser muito pequenas — disse papai.

— Por quê?

— Você disse península de Lleyrn? Lá só criam ovelhas, nada de vacas. A gente teria de alugar para anões.

— Ou para ovelhas.

Eles estavam tão felizes que riam de qualquer bobagem. A história das ovelhas fez com que rissem por umas cinco horas. Tentei rir com eles, mas não conseguia deixar de pensar: mais uma piadinha de ovelha e o dinheiro já não estaria mais lá. Eram oito horas.

Às vezes, uma coisa começa como uma simples piada; mas as pessoas não querem que a coisa termine, e ela acaba se tornando realidade. Não sei de quem foi a ideia, mas, meia hora depois, papai estava misturando cola de papel de parede em um balde. Iam revestir as paredes do quarto de Anthony com as notas de dinheiro velho.

Anthony forrou o chão do quarto com jornal.

Dorothy arrastou uma mesa até o corredor e começou a cantar "*Money, money, money*", do ABBA. Ela e papai besuntavam as notas velhas com cola, e Anthony cuidadosamente colocava cada uma delas sobre a parede, eliminando as rugas com uma escova e prestando atenção para que ficassem bem retinhas, como se fossem azulejos de banheiro. O papel de parede antigo, com jogadores de futebol, aos poucos sumia atrás das cédulas.

Dorothy era a mais agitada. Não parava de dizer "Não acredito que estou fazendo isso!", e contava uma piada atrás da outra.

— O que o tomatinho foi fazer no banco? Tirar extrato! Extrato de banco e extrato de tomate! Por que o gato mia pra lua, mas a lua não mia pro gato? Porque astro-no-mia! Astronomia! Quem é o rei da horta? O rei-polho! Rei-polho, repolho!

Então percebi algo estranho. Eu ria também. Nem me lembrava mais do Olho-de-Vidro. Que importância tinha o dinheiro afinal? Papai tinha comprado um carro novo. Tinha passado um dia maravilhoso. Tinha uma amiga nova. Estava rindo.

Papai estava rindo! Fiquei com medo de que tudo acabasse quando Dorothy não se lembrasse mais de nenhuma piada. Então fui buscar meu livro de piadas, que tinha milhares delas, e sempre que Dorothy se calava, eu abria o livro e lia alguma coisa. E quando eu contava uma piada, ela logo se lembrava de outra. E assim a coisa foi, como se uma bomba de gás hilariante tivesse explodido em nossa casa.

— E o homem que morreu de latinha? Pois é, ele pulou no mar achando que lá não tinha tubarão, mas

latinha! Latinha, lá tinha!

As piadas ficavam mais engraçadas quando todo mundo sabia a resposta e gritava junto.

— Por que o elefante usa óculos vermelhos?

— Pra ver-melhor!

E a parede do quarto de Anthony tinha cada vez mais notas, e cada vez menos jogadores de futebol. A cola se espalhava por todos os lados.

— E por que ele usa óculos verdes?

— Pra verde-perto!

Percebi que Anthony tinha ficado fora dessa.

Talvez não soubesse a resposta.

— O ursinho panda entrou no açougue e pediu um pão, e o açougueiro respondeu: "Isto aqui não é uma *pandarian*."

Dorothy não olhava para nenhum de nós. Estava concentrada na colagem das notas. Então não viu quando Anthony saiu do quarto.

— Mas o ursinho não estava para *pândegas*...

Anthony teria ido para o quarto dele, mas era justamente lá que nós estávamos.

— Então fez um *pandemônio*: quebrou tudo e deixou o açougue em *pandarecos*.

— Essa foi boa — disse papai.

Mas não riu. Agora estava tão concentrado no papel de parede quanto Dorothy. Podiam ter parado a qualquer momento, mas estavam hipnotizados. Não era mais uma brincadeira. Era um trabalho. Não parariam enquanto não co-lassem a última nota de dinheiro velho. Enquanto colava uma nota de vinte, observei a cabeça do jogador de futebol que ela tampava e me lembrei de como Anthony gostava daquele papel de parede. Saí do quarto e fui atrás dele.

Anthony tinha ido para o meu quarto. Estava sentado no chão, diante da cama, e abraçava os próprios joelhos. Exatamente como o Olho-de-Vidro tinha feito antes, só que Anthony estava mais bravo do que ele.

— É tudo culpa sua — ele resmungou.

— Eu sei.

— Não, não sabe. Não sabe o que fez.

De repente, no quarto ao lado, papai riu de mais uma das piadas de Dorothy.

— Ouviu isso? Quero ver se vai rir assim quando ela for embora e deixar ele pra trás! Lembra de como papai ficou quando nossa mãe foi embora?

— E se Dorothy não for embora? Você disse que ela ia fugir ontem, mas ela voltou. Talvez ela...

— É isso que você quer? Que ela fique no lugar da mamãe? Que ela venha morar nesta casa? Com suas piadinhas ridículas e sua lasanha sem milho?

Quer mesmo que ela fique no lugar da mamãe?

Não tinha pensado nisso.

— Tudo culpa sua. De mais ninguém. Você e suas malditas maluquices. Jogando dinheiro fora, falando sozinho, vendo coisas que não existem..

Você não é normal. É um problema, isso sim.

— Não fala isso.

— Onde quer que mamãe esteja, você não vai se encontrar com ela. Porque você é um destrambelhado, um lelé da cuca. Devia ser trancado no hospício.

As pessoas fazem uma confusão danada com os anjos. Quando estávamos no melhor lugar, por exemplo, diziam que as enfermeiras eram anjos. E no cemitério, algumas placas sobre os túmulos diziam coisas como "anjinho" ou "foi se encontrar com os anjos". Gente não é anjo. E quando morre-mos, não viramos anjos. Os anjos são de uma espécie totalmente diferente. Por exemplo, anjos não têm umbigo, é óbvio, porque não nasceram.

Quem quisesse ser anjo precisaria de outro tipo de esqueleto, outro DNA, outro tudo. Então ninguém se torna anjo e sai por aí, protegendo as pessoas.

Ninguém. Nunca. É uma impossibilidade biológica.

Além disso, há diferentes tipos de anjo: querubins, serafins, potestades, dominações... E alguns deles são ENORMES. Nossos anjos da guarda, por exemplo, têm quase seis metros de altura.

Pensando bem, é vergonhoso que seja necessário tanto poder celeste e tanta envergadura só para nos proteger. E, na maioria das vezes, a coisa nem funciona.

Deitei na minha cama e fiquei ali, olhando para o teto, desejando que ele se abrisse, que a escuridão me sugasse e que eu fosse abandonado atrás do tanque de água. O celular estava na minha mão, com o *vibracall* ligado para que ninguém acordasse.

O telefone tremeu. Segurei o aparelho diante dos olhos. No monitor, o Olho-de-Vidro olhava para mim.

— Dez minutos — ele sussurrou. Depois abriu e fechou os dedos da mão duas vezes.

Fiz que sim com a cabeça e desci para buscar o dinheiro.

Quando passei diante da porta da frente, ouvi vozes do lado de fora. Decerto ele estava acompanhado. Parecia haver muita gente. Talvez a gangue inteira estivesse ali. Ouvi um deles dizer: "Toque a campainha." Fiquei com medo de que papai acordasse. Quase entrei em pânico.

Abri a porta. Não era o Olho-de-Vidro.

Era um homem acompanhado de três meninas.

Antes mesmo que eu perguntasse quem era, ele disse: — Está vendo estas meninas? São minhas meninas, e Papai Noel não se lembrou delas. Entende o que eu quero dizer?

Não entendi. Estiquei o pescoço para ver se o Olho-de-Vidro estava por perto, mas estava escuro demais.

— Você é nossa última esperança. Nem compramos a passagem de volta, pois não teremos para onde voltar se você não nos ajudar. Vamos ser despejados. Por favor, não estou pedindo muito. Se puder colaborar...

Ele empurrava as meninas na minha direção, e então pude ver que uma delas era Gemma. Ela sussurrou: — Sinto muito por isso. Tricia Springer contou que você deu três mil pilas ao pai dela, só pra ouvir músicas de Natal. E agora a gente tá matando cachorro a grito. Não conta pra ninguém, tá?

— O que o senhor quer? Isto é, quanto?

— Ah, muito obrigado, meu bom menino — disse o pai de Gemma. — Uns duzentos euros. Talvez trezentos...

O saco de dinheiro estava atrás da porta. Peguei um bolo de notas e entreguei a ele, imaginando se Tricia tinha contado a outras pessoas também.

— *Yes!* — disse o pai de Gemma, dando um murro no ar. Depois foi embora com as meninas.

Quando se afastaram, no entanto, acionaram a luz halógena reativa. Foi então que pude ver.

O jardim em frente à nossa casa estava apinhado de gente. Centenas de pessoas se acotovavam e empurravam umas às outras para chegar até a porta. Todas elas arregalavam os olhos para mim.

Olhos cheios de carência e necessidade. Centenas de olhos. Milhões.

Então me lembrei da recomendação de São Pedro para que eu não escrevesse o nosso endereço no verso dos envelopes. Ele tinha razão. Afinal, ele é infalível. Estávamos cercados. Desejando que aquilo fosse um sonho, bati a porta rapidamente. E acordei papai. Do alto da escada, ele berrou, ainda meio sonolento: — Damian, com quem você está falando?

— Com ninguém. Só fui dar uma olhada.

E então a campainha tocou. Fiquei paralisado. Era ele. Só podia ser o Olho-de-Vidro. Eu tinha de atender. Os outros eram apenas um sonho.

Enquanto eu pensava no que fazer, papai descia as escadas, resmungando: — Quem pode ser a esta hora?

— Pode deixar que eu atendo.

— Nem pense em fazer isso.

Ele abriu a porta, irritado. Uma mulher elegante foi logo entrando e dizendo: — Cinquenta por cento dos casais que têm filhos portadores de doença crônica acabam se separando. A longo prazo, os cuidados necessários causam estresse e custam muito dinheiro. Nosso objetivo é ajudar essas pessoas, oferecendo coisas básicas, como vales-transporte, auxílio para despesas com...

— Mas que diabos... A senhora por acaso sabe que horas são? Isso aqui é uma residência. Tenho filhos pequenos.

— Exatamente. Filhos. É deles mesmo que estou falando. Filhos portadores de doença crônica. Como se isso não bastasse, muitas vezes a situação se agrava com a separação dos pais.

— Reconheço que a causa da senhora é muito nobre, mas, por favor, volte outra hora.

Papai tentava empurrá-la para fora, mas antes que conseguisse, um homem alto e de cabelo espetado entrou na frente dele, segurando um objeto parecido com uma escadinha.

— Para o senhor, isto aqui talvez não passe de uma escadinha, mas para os ouriços, pode ser a diferença entre a vida e a morte. — Então era mesmo uma escadinha. Para ajudar os ouriços a sair dos mata-burros e dos bueiros. — Cada uma delas custa oito libras, instalação incluída. Com a ajuda do senhor, poderemos salvar centenas de ouriços.

— Mas por que eu?

— Ora, ora, todo mundo sabe. Por que não nos ajudar também? E o senhor ainda leva este lindo ouricinho de cerâmica como brinde.

— Volte amanhã de manhã. Então a gente conversa. Agora, por favor... Tenho filhos pequenos...— Papai apontou para mim.

Mas não adiantou. As pessoas começaram a gritar e a balançar fotografias e panfletos no ar. A luz halógena piscava a mil por hora. Parecia que a população do mundo inteiro queria entrar na nossa casa.

— Olha só pra isto. É o mesmo burrinho depois de três meses sob os nossos cuidados!

— O senhor deve estar se perguntando: "Por que será que a praça da Estação precisa de amigos?"

— Sei que a síndrome do intestino irritável não é lá muito *sexy*...

— ...e o senhor ainda pode abater do imposto de renda. Veja, está tudo explicadinho aqui. É só assinar.

— A ioga para os presidiários é fundamental para...

Enquanto papai berrava com as pessoas, sem que ninguém percebesse, enfiei o saco de dinheiro sob o casaco de lã vermelho que Dorothy tinha comprado para mim. Fui para a sala de estar. Um homem batia nas vidraças da janela. Mostrava a fotografia de uma mulher de lenço na cabeça e berrava: — Querem mandá-la de volta amanhã. Falaram que posso recorrer, mas como fazer isso sem dinheiro? Não temos mais nenhum parente em nossa terra. Todos já morreram..

Ele nem havia terminado quando alguém o empurrou da janela e começou a bater nas vidraças também. Parecia que nossa casa ia desmoronar sob o peso das necessidades das pessoas. Elas estavam

indignadas e desesperadas.

— Anthony, feche a porta! — papai berrou, como se os pedintes fossem invadir a qualquer instante e levar o dinheiro.

Notei que estava com medo, assim como tinha ficado com medo de Terry-Contabilidade. Tomei uma decisão.

Abri a porta dos fundos. Não havia ninguém ali. No fundo do jardim, joguei o saco de dinheiro por cima da cerca e pulei para o outro lado. Podia ouvir o alvoroço mesmo enquanto corria em direção à ferrovia. Quando cheguei à cerca de azevinhos, o telefone tocou. O Olho-de-Vidro rosnava para mim no monitor.

— Onde você está, pirralho?

Joguei o telefone no chão. O Olho-de-Vidro continuou a berrar comigo, e eu continuei a andar.

O monitor brilhava na escuridão como uma gota de orvalho falante. Olhando em direção à nossa rua, vi uma luz azulada piscar. A polícia havia chegado.

Foi Anthony quem me contou o que aconteceu depois. Vários policiais apareceram — pois os vizinhos haviam reclamado do barulho — e tiraram os pedintes do nosso jardim. Depois papai teve de explicar o motivo pelo qual aquelas pessoas tinham achado que tínhamos muito dinheiro.

— Sei lá — ele disse. — Decerto alguém andou dizendo coisas por aí.

— Coisas inverídicas, naturalmente.

— Naturalmente.

Mas, a essa altura, o policial do nosso distrito também havia chegado. Logo notou a televisão de plasma e a lava-louças e disse: — Quer dizer então que Nosso Senhor andou distribuindo consolo e conforto por aqui também?

— O quê? — papai disse.

— O senhor se importa se eu der uma olhada na casa? — disse o policial. E depois subiu as escadas.

Como não via o saco de dinheiro em nenhuma parte, papai cochichou para Anthony: — Cadê a grana? A grana?

Foi Anthony quem percebeu que meu casaco havia desaparecido também. Mas não disse nada. Sabia para onde eu tinha ido. Então saiu de mansinho pela porta dos fundos. E, no pátio, deu de cara com o Olho-de-Vidro.

Quase tocando o nariz em Anthony, o Olho-de-Vidro disparou: — Você é o espertalhão da dupla, não é? Passou a perna em mim da outra vez! Mas não vai tentar nada agora, ouviu bem? Senão te afogo no rio!

Anthony saiu do caminho e deixou que ele entrasse.

— Onde está?

Anthony respondeu que estava no andar de cima.

Depois, empurrado pelo Olho-de-Vidro, subiu as escadas e entrou em seu quarto. A primeira coisa que o Olho-de-Vidro viu foi a parede toda coberta de dinheiro velho. Por falar nisso, a cola não havia combinado muito com as cédulas, que tinham formado bolhas por toda parte. Parecia até que subiam pelas paredes. O Olho-de-Vidro olhou bem de perto, como se não pudesse acreditar nos próprios olhos. Tocou as notas. E só então percebeu que o policial do nosso distrito já havia entrado no quarto.

— Você sabia — disse o policial — que 70% das cédulas na Inglaterra contêm vestígios de cocaína? E cerca de 40% contêm vestígios de pólvora? É, pólvora de revólver. Está tudo aí. Mas você não vê, não é? Esse é o problema. Ninguém vê. Os vestígios. Muita gente trabalhou duro por esse dinheiro. Ou então roubou. Jogou fora. Morreu querendo botar as mãos nele. E as notas, será que elas se importam com isso? Nem um pouco. E você, quem é?

O Olho-de-Vidro virou a cabeça para que pudesse ver com o olho bom quem estava ali. Depois disse: — Quem sou eu? E você, que diabos está fazendo aqui?

— Sou da polícia — respondeu o policial do nosso distrito.

A essa altura, eu já estava próximo aos trilhos da ferrovia. O trem passava zunindo por mim, deixando para trás uma nuvem de óleo *diesel* e barulho. Abafava a gritaria dos pedintes e esvoaçava os meus cabelos. Até a lua, branca e gorda, parecia tremer com a barulhada. E lá se foi o trem. Dali a 13 minutos passaria mais um. Subi na linha. Os trilhos brilhavam, meio azulados.

Pareciam os degraus de uma escada de metal bem comprida, subindo em direção à lua; e a lua parecia a entrada de um túnel cheio de luz.

Esvaziei a sacola de dinheiro sobre a ferrovia. Eu tinha levado uma caixa de fósforos, mas quando tentei acender um deles, não consegui. Coloquei uma nota de dez euros entre os dentes, risquei outro palito e queimei a pontinha da cédula. O fogo pegou rapidamente. Em seguida, joguei a nota em chamas sobre a pilha de dinheiro. Achei que as notas fossem desaparecer de uma vez só, mas foram se queimando uma a uma, lentamente.

Carregadas pelo próprio calor, subiam pelo ar e dançavam ao meu redor, como uma chuva de confetes incandescentes. Comecei a rir. De repente, um bando de pintassilgos atravessou as fagulhas, cantando como loucos. Parecia que alimentavam o fogo com a lufada das asinhas, fazendo com que mais e mais fagulhas se soltassem da fogueira. Estiquei os braços e comecei a rodopiar como um helicóptero. As chamas ficavam cada vez maiores.

Quando parei de rodopiar, notei a presença dela.

Estava sentada, o que me deixou surpreso.

Decerto já vinha me observando durante algum tempo.

— Sei que é só um sonho — eu disse —, mas não me importo. Estou feliz em ver a senhora de novo, mesmo em sonho.

Ela sorriu. Depois olhou para a fogueira atrás de mim. As labaredas rosadas refletiam em suas bochechas. A pele estava perfeita e luminosa. Não tinha base, nem hidratação. Apenas era melhor que a das outras mães.

—Tentei ser um bom menino, mas o dinheiro torna tudo mais difícil.

Ela se levantou e, por um instante, achei que fosse embora.

— Fala comigo! — gritei. E depois, sem gritar, falei: — Por favor.

Ela olhou para o relógio.

— Só dois minutinhos. Agora ouça. Ainda sou sua mãe. E estou morta, então sei do que estou falando, está bem?

É claro que estava bem.

— Os cabelos: você precisa usar condicionador. Seu pai nunca vai se lembrar disso, mas um condicionador faz toda a diferença. Pode acreditar. Higiene dental: não adianta fazer as orações e depois se esquecer de escovar os dentes. Se não escovar todos os dias, você vai ficar velho, suas gengivas vão infeccionar, e você vai perder todos os implantes. Não vai querer entrar no purgatório assim, todo banguela, vai? Tudo isso pode ser evitado. Agora Anthony: pode parecer que ele está sofrendo menos que você, mas não é verdade. Anthony tem um bom coração. Bem.. acontece que ele não sabe direito onde fica. Quanto a mim: não precisa se preocupar comigo. Você tem se preocupado muito, não tem?

Fiz que sim com a cabeça.

— Então não se preocupe mais. É muito interessante lá onde eu estou. Estamos sempre muito ocupados.

— E o papai?

— Bem, é claro que você deve procurar ser um bom filho para ele também. Afinal, ele é seu pai.

— Não é isso. Queria saber se a senhora não podia falar com ele um pouquinho também.

— Falar sobre o quê?

Não achei o que responder.

— Além disso, ele não pode me ver.

— Por que não?

Eu sabia por quê. Virei para trás e olhei para a nossa casa.

— O problema é ela, não é? Seu pai e ela. Damian, você já aprendeu que o dinheiro é uma coisa complicada, não aprendeu? Pois bem. Gente é muito mais complicada ainda. Você quer que as coisas sejam boas ou más, mas elas são apenas complicadas. O mais importante é você se lembrar disto: há sempre coisas boas acontecendo ao nosso redor, o suficiente para que a gente não desista. Basta ter um pouco de fé. Pois quando a gente tem fé nas pessoas, elas ficam mais fortes.

E você... Bem, você tem fé suficiente para os três juntos. É por isso que conto com você.

— Não tenho me preocupado com a senhora — eu disse. — Só tenho sentido saudades.

— Bem, isso é permitido.

Então eu disse: — Anthony diz que a senhora não é uma santa.

— Acontece que os critérios para a santidade são muito rígidos. Não basta apenas fazer o bem, essas coisas todas... A gente precisa fazer um milagre de verdade.

— Então...

— Então... pode acreditar. Sou uma santa, sim. Claro que sou.

— E qual foi o milagre que a senhora fez?

— Por acaso não sabe? — Mamãe me olhou da cabeça aos pés e depois disse: — Meu milagre foi você.

Anthony gritou por mim ao longe. Mamãe olhou para o relógio.

— Uma e cinco. Agora tenho de ir. Fique longe dos trilhos. O trem seguinte se aproximava. Então desci para um lado da linha, e mamãe para o outro. O trem passou zunindo entre nós. Achei que ela não estaria mais lá depois que passassem todos os vagões. Mas estava. No mesmo lugar.

Sorri para ela. Anthony se aproximava, berrando cada vez mais alto.

— Já vou! — gritei. E me virei para encontrá-lo.

— Damian! — mamãe disse.

Olhei para ela.

— Não vai se despedir?

Atravessei a linha do trem e dei um abraço forte nela. Mamãe cheirava a Clinique Uso Diário e chuva. Senti o calor dos braços dela. Pelo menos, eu achei que ela estivesse quente. Mas talvez fosse o calor da fogueira soprando na minha direção. Depois senti sua aliança de casamento se embaraçar nos meus cabelos. Só então tive certeza de que era um abraço de verdade. De repente, todas as coisas que a separavam de mim sumiram no ar, como num sonho.

— Seja bonzinho com ele — ela sussurrou. Depois desapareceu.

— O que foi que você fez? — Anthony já estava ao meu lado.

Ele sabia muito bem o que eu tinha feito. Então não respondi. Simplesmente tomei o caminho de casa. Anthony veio logo atrás. Eu não estava olhando para ele quando perguntei: — Você viu ela?

Anthony não respondeu que sim, nem que não.

Apenas perguntou: — O que foi que ela falou?

Então parei e me virei para ele. — Falou que a gente vai ficar bem.

E continuamos a andar.

— Damian, afinal você nem é pirado, sabia?

— Sabia. Você é que é. — Caí na gargalhada e corri de volta para casa.

— Ah, é? Pois sou mais pirado do que você pensa!

Anthony desapareceu atrás de mim. Estávamos a quase noventa por hora quando atravessamos a porta da cozinha. Papai levantou a cabeça, assustado, como se um cometa tivesse entrado em nossa casa.

— Onde vocês se meteram? — ele berrou.

Dorothy estava com ele, e os policiais também.

— Chegaram bem na hora do chá — disse o policial do nosso distrito.

— Ele queimou tudo.

— Ele fez o quê?

— Damian queimou o dinheiro.

O policial fez uma cara séria e disse: — Então está tudo bem. Era isso mesmo que o governo ia fazer. Por causa da oferta de dinheiro, vocês sabem.

Papai subiu as escadas e abriu uma janela que dava para a rua. O vozerio dos pedintes — eles ainda esperavam no asfalto — invadiu o quarto como uma avalanche.

— Por favor, ouçam — ele gritou. E as pessoas se calaram. — Os meninos... quer dizer, um deles... foi até a ferrovia e... queimou todo o dinheiro. Não sobrou nada!

Silêncio absoluto. Como se a rua estivesse vazia.

De repente, alguém (pela voz, devia ser um homem velho) perguntou: — As notas se queimaram todas, ou só em parte?

— O quê?

— Se os números de série não foram queimados, elas podem ser trocadas no banco!

Mais um breve instante de silêncio. Mas, de repente, o alvoroço recomeçou com força total. As pessoas gritavam e berravam e empurravam e atropelavam umas às outras. Partiram em disparada rumo à ferrovia.

Os policiais seguiram logo atrás, pois a ferrovia era considerada área de segurança pública.

Assim, papai, Dorothy, Anthony e eu ficamos sozinhos. Enquanto vestia o casaco, Dorothy disse: — Bem, foi bom enquanto durou!

Papai disse: — Se você quiser ficar com o carro, tudo bem.

— De jeito nenhum. Adoro meu carrinho. Muito obrigada mesmo assim.

Ela deu um beijinho no rosto de papai, fez um carinho na minha cabeça e se aproximou de Anthony para fazer um carinho na cabeça dele também — mas acabou desistindo. Depois foi embora.

Ficamos ali, sem dizer nada. Fiquei esperando que ela desse partida no carro. Mas não deu. A campainha tocou. Era Dorothy de novo.

— Olha — ela disse —, nem sei como dizer, mas a verdade é que... — Dorothy enfiou a mão no bolso do casaco. — A verdade é que tirei um pouquinho pra mim. Mas esse dinheiro não é meu. — E então colocou um bolo de notas sobre a mesa.

De início, papai ficou surpreso. Mas depois ficou feliz.

— Tem seis mil pratas aí — disse Dorothy.

Papai buscou uma lata de biscoitos no alto das prateleiras, tirou a tampa e retirou mais um bolo de notas, colocando-as ao lado das outras. Dorothy riu e disse: — Malandrinho...

— São os dólares que compramos. Por algum motivo, achei que não deviam se misturar aos euros. Dez mil pratas ao todo.

— Dez mil! Você é muito pior do que eu! Quase duas vezes pior!

Nesse instante, Anthony esvaziou os bolsos do pijama. Também retirou um bolo de notas, do tamanho de uma laranja.

— Sei lá, quis ficar com isso. Gosto de pegar no dinheiro, só isso. É bom para aliviar o estresse.

— Quanto tem aí?

— Quatro mil trezentos e quarenta e cinco euros.

Papai e Dorothy olharam para ele, surpresos.

Anthony encolheu os ombros e disse: — Também gosto de contar dinheiro.

Depois os três olharam para mim.

— Não tenho nada — eu disse.

Eles continuaram olhando.

— Já disse que não tenho nada!

— Você bem que podia ter guardado um pouquinho, seu cabeça-de-vento!

— Mas não guardei.

Se nosso Anthony estivesse contando esta história, diria que este foi o pior fim possível. Escreveria alguma coisa como: "Então eles não souberam aproveitar a maior oportunidade de investimento da vida deles e viveram arrependidos para sempre."

Anthony demonstra seu arrependimento um milhão de vezes por dia. Sempre que vê um anúncio ou que passamos por uma vitrine, ele balança a cabeça e pensa no que poderia ter sido.

Pois foi isto o que aconteceu: como eu era o único membro da família inteiramente honesto, papai deixou que eu decidisse o que fazer com o dinheiro. Assim, com os 20.345 euros que sobraram, construímos 14 poços artesianos no norte da Nigéria.

Às vezes, o dinheiro sai das nossas mãos e se esparrama pelo chão feito água de bica. O solo árido engole tudo e depois explode em flores e alimentos por todos os lados. E então renascem as sementes e as raízes e as vidas que dormiam sob a terra.

FIM